



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

A RELAÇÃO INTERIOR/EXTERIOR E A SUA INFLUÊNCIA NA PERCEÇÃO VISUAL, NA IDENTIDADE E QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Reabilitação da envolvente do Pátio das Beatas, na Graça, como Centro Comunitário

Marcella Vanderley Martins

(Licenciada)

Projecto para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Especialização em Arquitectura de Interiores

Orientador Científico: Professor Doutor João Nuno Carvalho Pernão

Co-Orientador Científico: Professora Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução

Júri

Presidente: Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Vogais: Professor Doutor Francisco José de Almeida Santos Agostinho, Arguente

Professor Doutor João Nuno Carvalho Pernão, Orientador Científico

DOCUMENTO FINAL

Lisboa, FAUL, Setembro 2014



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

A RELAÇÃO INTERIOR/EXTERIOR E A SUA INFLUÊNCIA NA PERCEPÇÃO VISUAL, NA IDENTIDADE E QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Reabilitação da envolvente do Pátio das Beatas, na Graça, como Centro Comunitário

Marcella Vanderley Martins

(Licenciada)

Projecto para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Especialização em Arquitectura de Interiores

DOCUMENTO FINAL

Lisboa, FAUL, Setembro 2014

Este documento segue a grafia anterior ao acordo ortográfico.

RESUMO

A investigação aqui retratada incide sobre a noção da importância da relação interior/exterior e da sua influência no contexto da vivência social no bairro da Graça, e nomeadamente sobre a forma como esse conceito pode ser aplicado na reabilitação arquitectónica de um edifício e dos espaços adjacentes (Pátio das Beatas).

O exterior é a rua, o interior é a casa, mas o espaço exterior do Pátio das Beatas é também um interior que urge revitalizar através de um maior dinamismo de circulações e interrelações entre espaços dentro e fora do quarteirão.

A componente teórica debruça-se sobre diversos conceitos relevantes para os objectivos delineados, tais como a relação do homem com o espaço e a forma como este é percebido. Estes conceitos, interligados, possibilitam também um melhor entendimento acerca da zona de intervenção, seja historicamente como socialmente.

Ainda no decorrer do enquadramento teórico, reflectimos sobre a questão da reabilitação e como é que se pode intervir num meio onde a ideia de comunidade está muito enraizada, de forma a que esta não seja perdida. Antes pelo contrário, que esta seja mantida e intensificada

A componente prática procura reflectir a preocupação da manutenção da identidade comunitária presente no bairro da Graça, promovendo-a através da criação de um Centro Comunitário num edifício devoluto que tem como característica principal, através da sua localização, a possibilidade de dinamizar as relações urbanas e funcionais entre o alçado principal da Rua Josefa D'Óbidos e o Pátio das Beatas.

Devido às fronteiras psicológicas encontradas, a temática da luz, cor e matéria apresenta-se como forma de garantir que a intervenção não seja rejeitada pelas pessoas; onde a reabilitação de um edifício gaioleiro, a criação de um pátio e a

I. TEMA

Projectar com Luz, Cor e Matéria

TÍTULO

A relação interior/exterior e a sua influência na percepção visual, na identidade e qualificação do espaço público: Reabilitação da envolvente do Pátio das Beatas, na Graça, como Centro Comunitário

II CANDIDATA

Marcella Vanderley Martins

III ORIENTADOR

Professor Doutor João Nuno Pernão

IV CO-ORIENTADORA

Professora Doutora Maria Dulce Loução

**MESTRADO INTEGRADO
EM ARQUITECTURA –
ESPECIALIZAÇÃO EM
ARQUITECTURA DE
INTERIORES**

LISBOA, SETEMBRO 2014

adição de um espaço para a reunião da comunidade seja projectada da forma mais natural possível, respeitando as suas origens e a sua envolvente.

PALAVRAS CHAVE: Percepção espacial; espaço público; identidade; relação interior/exterior; reabilitação urbana

ABSTRACT

This research focuses on the importance of the indoor/outdoor relationship and its influence and effect onto the living environment in the neighbourhood of Graça, and mainly in what way that concept could be applied in the architectonic renovation of a building and its adjoining spaces (Pátio das Beatas).

The outdoor is the street and the indoor is the house, but the outdoor space of the Pátio das Beatas it is also an indoor that urges to restore, increasing the dynamism of the pedestrian circulation through better interrelations between spaces inside and outside the block.

The theoretic component looks into several relevant concepts to the outlined objectives, such as the relationship between man and space and the way it is perceived and understood. These concepts, interconnected, allow a better understanding of the intervention area, either historically as socially.

Still in the theoretical framework, we reflect upon the question of renovation and restoration and whether and how it is possible to intervene in an environment where the idea of community is so entrenched, in a way that it does not become lost. Quite the contrary, we want to preserve it and to strengthen it.

The practical component seeks to apply these concerns about the existent community identity in the Graça neighbourhood, promoting it through the creation of a Community Center in a vacant building that has as its main characteristic, throughout its location, the possibility of linking up the urban and functional relationships between the main elevation of the Josefa D'Óbidos street and the Pátio das Beatas.

I. THEME

Designing with light, colour and matter

TITLE

The indoor/outdoor relationship and its influence on visual perception, identity and qualification of the public space: Rehabilitation of the surrounding of *Pátio das Beatas*, in *Graça*, as a Community Centre

II CANDIDATE

Marcella Vanderley Martins

III MAIN ADVISOR

Professor Doutor João

Nuno Pernão

IV CO-ADVISOR

Professora Doutora Maria

Dulce Loução

**INTEGRATED MASTERS IN
ARCHITECTURE –
SPECIALITION IN INTERIOR
ARCHITECTURE**

LISBON, SETEMBER 2014

Due to the psychological barriers found, the subject of light, color and matter introduces itself as a way to guarantee that the people shall not reject the intervention. Applying these concepts we tried to create a renovation of a 'gaioleiro' building, with its courtyard and a new built addition, as a gathering space for the community in the most natural way possible, respecting its origins and its surroundings.

KEYWORDS: Spatial perception; public space; identity; indoor/outdoor relationship; urban renovation

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor João Nuno Pernão, por toda a disponibilidade, dedicação, empenho, interesse e paciência para com esta sua orientanda. Quero agradecer também à minha co-orientadora, a Professora Doutora Maria Dulce Loução, não só pelo apoio e acompanhamento nesta fase final, mas por toda a sua disponibilidade durante estes 6 anos na Faculdade de Arquitectura.

Quero agradecer também a todos os professores que, de alguma forma, fizeram parte da minha formação e tornaram a conclusão desta etapa possível.

Agradeço a toda a minha família, principalmente aos meus pais e aos meus avós, pela educação, incentivo, força e apoio incondicional que me deram quando mais precisei, e também quando não era preciso.

Por último, mas não menos importantes, agradeço aqueles que posso dizer que são a minha segunda família, os meus amigos, tanto aqueles que a mais tempo fazem parte da minha vida, quanto aqueles que partilharam comigo toda esta saga arquitectónica. Um agradecimento especial à Catia, que mesmo longe, esteve sempre presente; à Mafalda, que me apoiou quando precisei; à Inês, à Catarina, à Maria Inês, à Sofia, ao João, ao Guilherme, ao Diogo e ao Ricardo, que sem eles, concluir esta etapa não seria possível, onde o trabalho em equipa e o apoio para mantermos a sanidade mental foi parte importante nesta fase final.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos e o desejo de que se mantenham na vida de alguma forma.

ÍNDICE

RESUMO.....	III
ABSTRACT	V
AGRADECIMENTOS.....	VII
INDICE DE IMAGENS	XI

I.PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO	15
1.1 ENQUADRAMENTO	15
1.2 PROBLEMÁTICA	16
1.3 HIPÓTESES DE TRABALHO.....	16
1.4 OBJECTIVOS	17
1.5 ESTRUTURA.....	18

II.SEGUNDA PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO	21
2.1. O HOMEM E O ESPAÇO	21
2.2. PERCEÇÃO ESPACIAL	22
2.3. LUZ, COR E MATÉRIA	23
2.4. COR E CULTURA	25
2.5. A CULTURA MUÇULMANA	26
2.6. A COLINA DA GRAÇA	27
2.7. RELAÇÃO INTERIOR/EXTERIOR	29
VII. RELAÇÃO INTERIOR/EXTERIOR.....	30
2.8. PATRIMÔNIO E REABILITAÇÃO ARQUITECTÓNICA.....	34
2.9. COMUNIDADE, LUGAR, CULTURA E IDENTIDADE.....	36

III. TERCEIRA PARTE

CENTRO COMUNITÁRIO.....	39
3.1 ANÁLISE URBANA	39
3.1.1. ANÁLISE DA ZONA DE INTERVENÇÃO E A SUA ENVOLVENTE.....	39
3.1.2. LUZ, COR E MATERIA NOS PÁTIOS DA GRAÇA	42
3.1.3. CARATECTRIZAÇÃO DO LOCAL DE INTERVENÇÃO.....	45

3.1.4. INTERVENÇÃO URBANA	ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.
3.2 ANÁLISE DO OBJECTO DE ESTUDO	49
3.3 PROGRAMA	53
3.4 DESCRIÇÃO DO PROJECTO	55
3.4.1. INTERVENÇÃO URBANA	55
3.4.2. A INTERVENÇÃO	57
IV. QUARTA PARTE	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
V. QUINTA PARTE	
BIBLIOGRAFIA	67
ANEXOS	73
PESQUISA NO ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA	75
REFERÊNCIAS	77
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO OBJECTO DE ESTUDO	78
PROCESSO DE TRABALHO	89
MAQUETAS DE ESTUDO	96
PEÇAS DESENHADAS	102

INDICE DE IMAGENS

Fig. 1 – Vista aérea da colina da Graça	40
Fonte: Imagem elaborada pela Autora, através do Google Earth	
Fig. 2 – Diagrama Colina da Graça – Escadas e Acessos Pedonais	41
Fonte: Diagrama elaborado pela Autora	
Fig. 3 – Diagrama da Colina da Graça – Pátios e Vilas Existentes	42
Fonte: Diagrama elaborado pela Autora	
Fig. 4 – Pátio Sousa	43
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 5 – Vila Rodrigues	43
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 6 – Vila Maria	43
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 7 – Vila Berta	43
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 8 – Vila Berta	44
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 9 – Bairro Estrela d’Ouro	44
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 10 – Bairro Estrela d’Ouro	44
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 11 – Bairro Estrela d’Ouro, acesso visto do seu interior.....	44
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 12 - Planta referente ao estado da rua Direita da Graça em Fevereiro de 1883 e Junho de 1891	46
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	
Fig. 13 – Análise do Edificado do Bairro da Graça, segundo o Atlas Urbanístico de Lisboa, ao nível de cheios/vazios e da distribuição funcional.....	47
Fonte: Salgado, M. (2006). Atlas Urbanístico de Lisboa. Lisboa : Argumentum	
Fig. 14 – Diagrama da colina da Graça, os bairros que la existem e os bairros adjacentes	47
Fonte: Diagrama elaborado pela Autora	
Fig. 15 – Largo do Intendente	48
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	

Fig. 16 – Largo do Intendente	48
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 17 – Casa Comunitária da Mouraria ‘Mouradia’	48
Fonte: Fotografia por Rui Pinheiro, em http://edificiomanifesto.wordpress.com/	
Fig. 18 – Diagrama da Colina da Graça, com destaque da zona de Intervenção	49
Fonte: Diagrama elaborado pela Autora	
Fig. 19 – Junta de Freguesia	49
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 20 – Pátio das Beatas.....	49
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 21 – Edifício número 69, localizado na rua da Graça – Alçado Principal e Alçado Tardoz.....	49
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 22 – Tardoz do edifício a intervir.....	50
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 23 – Actual estado de degradação do edifício, visto do Pátio das Beatas.....	50
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 24 – Actual estado de degradação da tardoz do edifício, visto do Beco dos Peixinhos	51
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 25 - Suposição da métrica estrutural do edifício ‘Gaioleiro’ da Rua da Graça, 69, visto não existirem plantas dos pisos de habitação - pisos 1, 2, 3 e 4	51
Fonte: Diagrama elaborado pela Autora	
Fig. 26 – Levantamento das cores dos azulejos do alçado principal.....	51
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 27 - Paleta de cores existentes no Alçado Principal do Edifício, e a sua localização no espaço cromático	51
Fonte: Diagrama elaborado pela Autora, através do NCS Navigator - http://www.ncscolour.com/en/ncs/ncs-navigator/	
Fig. 29 – Registo dos diferentes pavimentos existentes no piso 0 do edifício	51
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 30 – Diagrama dos diferentes corpos. Corpo A – pré-existência;.....	53
Fonte: Diagrama elaborado pela Autora	
Fig. 31 - Diagrama da distribuição do programa pelos diferentes pisos da intervenção	54
Fonte: Diagrama elaborado pela Autora	

Fig. 32 - Estrutura da cobertura dos edifícios gaioleiros segundo João Appleton	54
Fonte: Appleton, J. G. (2005). Reabilitação de Edifícios Gaioleiros – um quarteirão em Lisboa. Amadora: Edições Orion, página 35	
Fig. 33 - Diagrama da intervenção urbana realizada, onde é possível observar o núcleo criado e promoção de uma nova dinâmica na envolvente	56
Fonte: Diagrama elaborado pela Autora	
Fig. 35 - Exemplo de alguns dos acessos pedonais existentes na colina da Graça. De cima para baixo: Escadinhas Damasceno Monteiro, Beco dos Peixinhos e Travessa da Senhora do Monte.....	56
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora, por Marta Dias e Sara Andrade	
Fig. 38 – Estudo da localização dos pórticos de perfis metálicos em I.....	58
Fonte: Imagem elaborada pela Autora	
Fig. 39 – Caixilharia existente no alçado principal do edifício.....	59
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 40 – Estudo da hierarquia das fachadas na zona de intervenção.....	59
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 41 – Pormenor da fachada tardoz, com as marquises originais do edifício	60
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	
Fig. 42 - Paleta de cores da intervenção, que tem como base a paleta de cores do levantamento, e a sua localização no espaço cromático.....	61
Fonte: Diagrama elaborado pela Autora, através do NCS Navigator - http://www.ncscolour.com/en/ncs/ncs-navigator/	
Fig. 43 – Amostras de madeira de pinho	61
Fonte: Registo fotográfico feito por Maria Inês Félix	
Fig. 44 – Estudo dos materiais e cores a serem utilizados, entre eles o uso da alcatifa, do Valchromat, do Lioz e do mosaico hidraulico da Studioforma.....	62
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora, por Maria Inês Félix e Sara Andrade	
Fig. 45 – Estudo do revestimento da fachada do Corpo B	62
Fonte: Registo fotográfico feito pela Autora	

I. PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO

Considerada a sua componente social, a arquitectura é uma disciplina que, desde sempre, visa responder às necessidades do ser humano, resultando que o papel do arquitecto não é apenas criar um espaço conforme a sua vontade, mas sim, de acordo com uma série de conhecimentos e de condicionantes de diversa ordem. A arquitectura, para ter sentido, tem de ser feita como resposta a uma necessidade social, de forma que não seja rejeitada. Actualmente, esta ideia tem perdido espaço para o ‘culto da imagem’, se assim podemos denominar o fenómeno em causa, onde a obra acaba por ser apreciada essencialmente pelo seu conteúdo formal, provocando desconforto e estranheza naqueles que tentam vivê-la.

1.1 ENQUADRAMENTO

No âmbito da Reabilitação, verifica-se cada vez mais a perda de identidade de um determinado edifício através da perda de elementos importantes para a sua caracterização, para a permanência da sua essência, marcada pela história, pelos tempos, pelos seus usos; factores muitas vezes esquecidos durante a realização de uma nova intervenção e conseqüente adaptação a novos usos.

O entendimento da Cor – no seu sentido mais abrangente, Cor é decorrente de Luz e Matéria – como principal veículo de percepção da forma arquitectónica, permite-nos identificar a identidade de um lugar e perceber como ele é percebido, vivenciado.

Este projecto final de mestrado decorre do trabalho iniciado na disciplina de Laboratório de Projecto VI, 1º semestre, 5º ano do ano lectivo de 2012/13, leccionada pelos professores Maria Dulce Loução e Fernando Sanchez Salvador.

1.2 PROBLEMÁTICA

Tendo as colinas da cidade de Lisboa como campo de actuação, pretende-se uma contribuição para a regeneração urbana destas zonas históricas, através da requalificação do edificado, adaptando-lhes novos usos. No presente caso, a intervenção ocorrerá na zona da Graça, uma colina marcada pela presença dos pátios e vilas operárias.

Pretende-se intervir numa zona que abrange edifícios parcialmente devolutos e um vazio urbano resultante da demolição do edificado existente, onde é possível identificar um desejo de criação de espaços de estar num eixo viário bastante movimentado – Rua da Graça. Estas duas estruturas relacionam-se através de um pátio operário – Pátio das Beatas, datado de 1890 – bastante marcado pela insalubridade.

Assim, o estudo destas entidades insere-se no âmbito da relação interior/exterior, na compreensão entre o que é espaço público e espaço privado. Nos pátios e vilas operárias observa-se uma ideia de comunidade, de vizinhança, que não convida à presença de pessoas estranhas; e uma espécie de continuidade do espaço de ‘casa’ para a rua, sendo esta última uma estrutura que, *a priori*, é facilmente acedida.

Interessa definir esta barreira, perceber a relação que se estabelece entre estas ‘pequenas comunidades’ e o mundo exterior. Perceber como é que através da cor, da luz e da materialidade, a sua identidade é definida e promove esta ideia de pertença. A partir destas questões, surge o desafio de projectar um espaço público de cariz social, multifuncional e intergeracional – um centro comunitário que possua valências ao nível da formação, da animação cultural no seio da comunidade e do apoio à população jovem e de terceira idade – de forma a que este não seja negligenciado pela população local e possa ser integrado na sua dinâmica quotidiana.

1.3 HIPÓTESES DE TRABALHO

Este projecto insere-se na zona da Graça: será possível a aplicação dos conceitos aqui desenvolvidos noutros locais da

cidade de Lisboa, servindo de mote para a reabilitação de núcleos habitacionais em zonas históricas?

De que forma poderá a pré-existência escolhida para a intervenção albergar este novo uso conservando as suas características identitárias?

Será que a definição da sua identidade como espaço público, voltado para a comunidade, possibilita uma melhor adequação do programa proposto na zona de intervenção?

Poderá a investigação acerca da percepção pelos sentidos na Arquitectura, através da Luz, Cor e Matéria – juntamente com os conceitos de identidade e de relação interior/exterior – permitir que o pensamento arquitectónico demonstre uma preocupação acrescida sobre a componente social da disciplina de Arquitectura?

Tendo em mente a ideia de percepção, de identificação de um espaço público e comunitário, e da possível existência de uma relação característica de interior/exterior vivenciada na Graça, interessa perceber como se pode promover a permanência das pessoas num lugar específico e como se poderá usar a cor, a luz e os materiais para a sua qualificação. Interessa compreender também como é que é atingido um elevado grau de intimidade, ou de estranheza, que leva a que um espaço seja convidativo ou rejeite qualquer pessoa vinda ‘de fora’.

1.4 OBJECTIVOS

O facto do projecto ser uma reabilitação implica uma preocupação acrescida acerca das questões da identidade e da memória, da forma como a luz, a cor e a matéria as transmite, reflectindo a sua importância para a percepção do espaço e para a formação do pensamento arquitectónico.

Por isso, interessa também:

- Demonstrar como a relação interior/exterior pode ser potenciada através da luz, cor e matéria;
- Demonstrar como o uso da cor pode influenciar a percepção visual do espaço arquitectónico;

- Reflectir como a cor pode ser um factor crucial na arquitectura, como meio identitário e qualificador do espaço;
- Verificar, e exemplificar, como a cor – tratada no âmbito da percepção sensorial – pode proporcionar conforto e bem-estar às pessoas.

1.5 ESTRUTURA

Este documento divide-se em quatro partes, ‘Introdução’, ‘Enquadramento Teórico’, ‘Centro Comunitário’ e ‘Considerações Finais’.

A primeira parte faz uma introdução explicando o enquadramento da intervenção proposta, tanto em termos arquitectónicos como sociais e apresenta a problemática decorrente deste enquadramento. A partir destes dois pontos, são colocadas as hipóteses de trabalho, sobre o que é possível fazer para resolver a problemática apresentada. Destas hipóteses, são determinados objectivos que vão procurar ser atingidos no decorrer do trabalho de investigação e projectual. Finalmente, explicita a forma como a dissertação está estruturada.

A segunda parte procura explicitar os diversos conceitos que foram necessários para intervir, tanto *a priori* como durante o processo projectual. Destina-se a compreensão da temática retratada nesta dissertação através de diversas fontes literárias.

Assim, é importante relacionar os diversos aspectos que definem e retratam a arquitectura, tais como a relação entre o espaço, o homem e a sua percepção; o papel da cor, da luz e da matéria como elementos fundamentais da Arquitectura; o enquadramento histórico da zona de intervenção e, em paralelo, como surgiu toda a noção dos pátios e vila e a vida em comunidade. Também não se deve esquecer a ideia de reabilitação e como a forma que esta é realizada afecta a identidade e a memória do edificado.

A terceira parte tem em foco a análise do objecto de estudo e a sua envolvente, a justificação e descrição do

proposta, para além da descrição do projecto, onde se fazem referências aos conteúdos já assimilados, que justificam as decisões que levaram a cabo o acto projectual.

A quarta parte trata das considerações finais, última parte, onde são transmitidas as reflexões acerca de todo o percurso realizado para a conclusão da dissertação, tal como a nossa auto-avaliação relativamente aos objectivos, se estes foram ou não atingidos.

II. SEGUNDA PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“(…) O arquitecto (também) trabalha com algo vivo – com seres humanos, os quais são muito mais imprevisíveis do que as plantas. Se eles não puderem viver em suas casas, a evidente beleza destas de nada adiantará: sem vida, a casa converte-se numa monstruosidade. Será negligenciada (...) e acabará por transformar-se em algo muito diferente do que se pretendia.” (Rasmussen, 1998:10-12)

2.1. O HOMEM E O ESPAÇO

Tendo presente esta noção de que a arquitectura precisa ser vivenciada para subsistir, importa perceber como se estabelece a relação entre o homem e o espaço.

Segundo Norberg-Schulz (1975), desde a existência do homem que se verifica o seu interesse pelo espaço, devido a sua necessidade de se relacionar com o ambiente, com a envolvente. É desta relação entre homem e espaço que todos os acontecimentos e acções ganham ordem e sentido.

A arquitectura deve ser pensada e materializada a partir desta simbiose entre as pessoas e os espaços por elas vivenciados. Esses espaços, ao permitirem uma integração social, são a ligação entre a obra e o seu utilizador. A noção de que os espaços são permanentemente (ou constantemente) habitados, leva-nos a uma reflexão acerca do espaço arquitectónico, onde se confrontam uma experiência e o espaço existente, a realidade espacial que envolve as pessoas.

Como demonstra Muga (2005), “Os vários níveis, ou tipos de espaço arquitectónico são a representação da identidade do homem que os habita, a partir da relação deste com o espaço existencial, ou seja, a uma paisagem associamos a continuidade, ao urbano é atribuída a imagem de concentração e densidade, e por fim, à casa é atribuído um carácter de isolamento e privacidade.” (Muga, 2005:97). Esta

apropriação do espaço pelo seu utilizador é extremamente subjectiva e dependente de diversos factores, entre os quais políticos, sociais e económicos.

2.2. PERCEPÇÃO ESPACIAL

O espaço arquitectónico, de um modo geral, é reflexo da cultura, dos interesses, das necessidades e da percepção emocional de quem o vivencia. Zumthor (2006) diz-nos que a percepção emocional é o instinto de sobrevivência do ser humano, em adaptar-se ou não ao espaço onde ele se encontra. *“Existe algo em nós que comunica imediatamente connosco. Compreensão imediata, ligação emocional imediata, recusa imediata.”* (Zumthor, 2006:13)

Para que esta comunicação entre a arquitectura e o seu utilizador se concretize, temos que ter presente a ideia de que o espaço arquitectónico é veículo de sensações e sentimentos, apreendidos através dos nossos sentidos, que ultrapassam os mais conhecidos, tais como a visão, o tacto ou o olfacto.

Não podemos esquecer que, tal como Távora (1999) refere na sua obra, o espaço também é forma, visto ser também constituído por matéria. Os nossos sentidos, por vezes, fazem-nos supor que as formas que constituem e animam o espaço são independentes deste. Antes, pelo contrário: *“Esta noção, tantas vezes esquecidas de que o espaço que separa – e liga – as formas é também forma, é noção fundamental, pois é nela que nos permite ganhar consciência plena de que não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre (...)”* (Távora, 1999:12).

Ter presente o facto de que o espaço arquitectónico funciona como um todo e que os nossos sentidos interpretam-no como tal, e que uma ligeira mudança pode alterar a nossa interpretação é importante para o estudo da percepção espacial.

“Uma das minhas ideias preferidas é a seguinte: pensar o edifício primeiro como uma massa de sombras e a seguir, como num processo de escavação, colocar luzes e deixar a luminosidade infiltrar-se. Toda a gente faz isto porque é um processo lógico sem segredos. A segunda ideia preferida é colocar os materiais e superfícies, propositadamente, à luz e observar como reflectem. É necessário, portanto, escolher os materiais tendo presente o modo como reflectem a luz e afiná-los.” (Zumthor, 2002:61)

A apreensão do espaço que vemos ao nosso redor só é possível com a existência da luz. Sem luz, não há cor: ela é resultado da reflexão da luz incidente sobre a matéria. Podemos então dizer que a percepção do espaço é feita através destas três componentes – Luz, Cor e Matéria – que se sucedem umas às outras num fenómeno de ‘causa-efeito’.

Durante o fenómeno da percepção, os nossos olhos captam a imagem observada para depois enviá-la ao cérebro, onde ocorre o reconhecimento da cor e, decorrentemente, da forma do objecto em causa. Devido ao facto do ser humano "ver" efectivamente com o cérebro, e não com os olhos, surgem diversas variáveis que influenciam a percepção da componente formal do espaço. Desta maneira, a relação que o utilizador estabelece com o que o rodeia depende da sua cultura e das suas capacidades cognitivas, para além da relação da cor com o contexto onde se insere, o seu brilho, a sua textura, a sua posição no espaço, entre outros. Estas variáveis *“(…) podem ser utilizadas para produzir ambientes específicos que comunicam, ou ajudam a comunicar, determinadas ideias e sensações de acordo com os objectivos que estabelecemos em cada trabalho.”* (Pernão, 2012:151-152)

Nós só vemos cor quando a luz e os sinais cromáticos derivados do olho atingem o cérebro. Assim, numa vertente mais científica da percepção visual da cor, verificamos que a

nossa visão resulta de um complexo processo, onde o nosso sistema nervoso é submetido a uma série de luzes, de intensidades e comprimentos de onda variáveis. Segundo o estudo de Dulce Loução (1992), este processo de comparação produz “(...) a percepção de outras propriedades do universo visual.” (Loução, 1992:153), e não apenas da ‘cor’ em si.

As interacções que produzimos no sistema nervoso, interacções específicas do âmbito da percepção visual, são actos inconscientes da memória.

O que denominamos de memória, nada mais é do que marcas individuais e inatas às pessoas, determinando toda e qualquer forma de definição e avaliação da percepção visual/espacial, interferindo de modo particular na percepção da cor.

O reconhecimento da envolvente que nos rodeia só é conseguido através dos dois factores mencionados anteriormente: o conjunto de sensações e a memória. Num contexto psicológico, a memória evoca as imagens das experiências que obtivemos ao longo da vida e utiliza-as como um modelo para a apreensão de Conhecimento. “*Para que a percepção de algo que se desconhece ocorra, não se resumindo a mera impressão sensorial, é posto em actividade o arquivo de itens conhecidos que evoquem alguma similitude com o recém-conhecido.*” (Loução, 1999:156)

Tal como cada indivíduo tem o seu próprio ‘arquivo de imagens’, também possui a sua própria memória cromática, que depende de factores emocionais, visuais, culturais, entre outros. Neste contexto, é inerente a subjectividade quando falamos de percepção espacial, visto ser algo pessoal e intransmissível.

A cor, como principal veículo da percepção da arquitectura e como elemento potenciador da qualificação do espaço arquitectónico, pode conferir identidade e influenciar o conforto e o bem-estar das pessoas.

Aguiar (2005) refere que a cor é um dos parâmetros que melhor definem a identidade de um lugar histórico, sendo expressão de uma particular cultura morfológica. *“Ligado à ideia de identidade está também um processo de reconhecimento, por parte da comunidade local, no confronto com outros lugares.”* (Aguiar, 2005: 122).

“(…) Dar sentido a uma cor, significar uma cor, isto é, destinar-lhe um papel, envolve uma metodologia de reconhecimento do que esta implícito às diversas combinações cromáticas, com vista ao reconhecimento da sua essência, do seu valor simbólico” (Loução, 2013:31)

2.4. COR E CULTURA

Ao longo dos anos, o estudo da cor esteve sempre relacionado à luz e à matéria. O entendimento da cor vê-se influenciado pelo efeito da luz quando esta incide sobre os objectos e pela natureza dessa mesma luz e desse mesmo objecto.

Podemos dizer que o entendimento da cor é subjectivo, possuindo vários significados, atribuídos conforme a cultura, a religião ou a civilização.

Numa breve passagem histórica, verificamos que a paleta de cores utilizada ao longo do mundo antigo resume-se em oito cores: vermelho, ouro, amarelo, azul, púrpura, branco e preto. A sua empregabilidade dependia das tintas disponíveis e da sua identificação para com os Elementos.

Já aqui podemos observar a sua subjectividade. Para os Hindus, as cores essenciais eram o vermelho, o branco e o preto – simbolizando respectivamente o fogo, a água e a terra. Os Chineses reconheceram 5 cores elementares e associaram-nas a 5 elementos: terra ao amarelo, fogo ao vermelho, água ao preto, madeira ao verde e o metal ao branco.

Em termos religiosos, a compreensão da cor é também variável. Numa distinção ideológica, observamos que para os politeístas, as cores clássicas ‘do Espaço’ são o amarelo e o vermelho; enquanto que para os monoteístas Cristãos, o par azul-verde simboliza o duplo sentido de presença e ausência, de material e espiritual.

Ao aplicarmos este entendimento da cor ao nosso local de intervenção, verificamos uma predominância da cor verde nas principais zonas da colina da Graça.

No eixo Convento da Graça – Largo da Graça – Rua da Graça, eixo que remonta os primórdios da cidade de Lisboa, podemos relacionar a predominância da cor verde à influência do Cristianismo nesta zona. O verde simboliza a aventura Pastoral da Igreja, a comunidade dos crentes. “*Nas catacumbas, as cores cristãs, verde, azul céu, branco e violeta, actuam como filtro dos valores litúrgicos, exprimindo a identidade eclesial (...)*” (Loução, 1992:172)

Esta ligação entre a cor e a cidade demonstra o quanto intrínseca está a cultura religiosa na Lisboa Antiga e, em particular, na zona da Graça, devido à sua proximidade com o Convento.

Este breve estudo da cor permite-nos confirmar que o homem acaba sempre por atribuir um sentido à cor e a sua utilização depende desse simbolismo. As cores estiveram e estão sempre associadas aos modos de vida das comunidades.

2.5. A CULTURA MUÇULMANA

Podemos então transferir estes conceitos para a colina da Graça, zona histórica da cidade de Lisboa, marcada por uma morfologia urbana que relaciona o moderno com a nossa herança muçulmana – ruas estreitas, becos e pátios – resultando numa malha urbana muito própria e característica.

Apesar da origem destes espaços intersticiais perderem-se no tempo, sabemos que, tal como foi dito anteriormente, remontam à cultura muçulmana – uma cultura marcada pela existência de fortes laços comunitários, sendo que a convivência entre vizinhos e a valorização do ambiente intimista é potenciada por estes ‘recantos’ da cidade. *“Os árabes evitam as paredes internas, porque não gostam de estar sós. A estrutura da habitação árabe é a de uma única concha protectora destinada a reunir o conjunto da família, cujos membros se encontram intimamente ligados. As suas personalidades fundem-se e alimentam-se umas das outras, como raízes no solo.”* (Hall, 1986:179)

É interessante notar que as pessoas dessa cultura tinham o gosto pelo interior e pela casa, como também pelos jardins. Uma das exigências era que todo o edifício pudesse compreender diversos corpos, todos ao redor de um grande pátio, arranjado em jardim e contendo um tanque. Este sistema regia todas as construções árabes. Os bazares, por exemplo, activos e bastante frequentados, assemelhavam-se a canais onde se escoava uma densa multidão. *“Os pontos de encontro, onde se cruzavam dois ou vários bazares, formaram sempre uma pequena praça, quadrada ou redonda, coberta toda ela por uma só abóbada, que abrangia por vezes mais de cinquenta metros de altura.”* (Mazahéri, 1961:219). Estes pontos de encontro existentes nos bazares muçulmanos remetem-nos para as ruas dos bairros históricos da cidade de Lisboa, onde as ruas mais estreitas acabam por se unir aos becos e às ruas principais através de cruzamentos, alargamentos, que sugerem o encontro das pessoas da comunidade. A Graça é palco deste fenómeno.

Historicamente falando, a zona da Graça desenvolveu-se tardiamente, ao contrário doutras zonas históricas de Lisboa.

2.6. A COLINA DA GRAÇA

“Como unidade administrativa, religiosa e civil (...) formou-se já muito depois do terramoto de 1755 (...) e adquiriu identidade própria no século XIX.” (Calado, 1993:17). Entretanto, a sua história relaciona-se com épocas anteriores e sempre ligada ao desenvolvimento da cidade.

Mais do que ser identificada como uma unidade territorial, a Graça é também uma unidade cultural e urbana, podendo mesmo denominá-la como um “bairro”. Bairro no sentido em que o seu crescimento se foi definindo, coerentemente, ao longo do tempo, do ponto de vista construtivo, urbanístico e monumental, formando assim uma imagem referencial e visual comum.

Podemos considerar a colina da Graça como um sítio privilegiado. A sua geografia torna-a tanto numa zona defensiva como num miradouro para a cidade. Primeiramente, foi um arrabalde natural e, posteriormente, uma zona envolvente, mas manteve sempre o seu carácter de espaço-limite da cidade antiga e de ligação com o ‘exterior’.

A Graça, consolidada desde o século XII, *“(…) cresceu de forma orgânica através de grandes complexos arquitectónicos e ao longo de caminhos naturais.”* (Calado, 1993:18)

Conforme mencionado anteriormente, a colina da Graça era um arrabalde natural, muçulmano, designada como almofala. Era uma zona fértil, marcada por formas de povoamento antigo, onde os seus poucos moradores praticavam a agricultura.

Após servir de abrigo para D. Afonso Henriques, em 1147, para a sua conquista de Lisboa aos Mouros, esta zona, fora do perímetro urbano, apenas onde existia o Convento da Graça é que foi inserido no perímetro urbano. A capela da Senhora do Monte e todo o terreno conventual ficaram no exterior da muralha.

Devido à importância do largo do convento e do postigo da Graça, os espaços urbanos mais importantes, a Rua e o Largo

da Graça, já aparecem definidos na malha urbana desta zona da cidade. A norte do postigo “(...) ficava um pequeno largo pelo qual se saía da muralha em direcção à Cruz dos Quatro Caminhos (Sapadores), ao longo de um caminho rural que atravessava os campos de hortas e quintas e ligava os pequenos casais e aldeiais dos arredores.” (Calado, 1993:22)

Com os terramotos do século XVI, muitos habitantes saíram da cidade antiga para viverem na Graça, considerada uma das melhores zonas de Lisboa por ser mais alta, mais segura, menos ocupada e de “melhores ares”. Foi com esta vaga de pessoas que as primeiras quintas e casas de campo foram construídas. É de notar que já nesta época podemos falar de uma ambiência de bairro.

Os actuais núcleos das ruas da Graça e da Nossa Senhora da Glória consolidaram-se logo após o terramoto de 1755, que provocou uma, ainda maior, atracção por esta zona alta da cidade. Mais tarde, em 1834, com a extinção das ordens religiosas, o convento passou a ser um Quartel e a Igreja uma sede paroquial.

Em meados do século XIX, com o desenvolvimento das zonas do Beato e Xabregas, entre outras, numa vertente mais industrial, fabril, e com o fluxo migratório vindo das zonas rurais, o bairro da Graça torna-se novamente na zona mais atractiva, devido à sua ligação à cidade por novos e velhos caminhos. Com a necessidade de albergar todos esses operários – inicia-se assim o período dos pátios e das vilas operárias.

“(...) A população da cidade aumenta, mas também se modifica a respectiva composição social: ao mesmo tempo que a burguesia se desenvolve e se diversifica em estratos diferenciados, uma classe operária começa a emergir. (...) as famílias operárias vêem-se então obrigadas a procurar

2.7. RELAÇÃO
INTERIOR/EXTERIOR

alojamento em espaços desocupados ou em velhos pardieiros arruinados, onde improvisam elas próprias precárias habitações ou se acomodam de qualquer maneira, sempre mediante o pagamento de uma renda ao proprietário. É assim que surgem os pátios.” (Pereira,1994:510-511)

A criação dos pátios e vilas operárias por parte dos proprietários fabris ocorre como que numa atitude paternal, no estabelecimento de uma ‘grande família’, com identidade própria. Essa identidade é reforçada no seio da comunidade através de elementos formais, como a ostentação de uma placa com o nome da vila.

Recorrendo ainda ao estudo realizado por Nuno Teotónio Pereira (1994), *“Actualmente verifica-se um fenómeno de rejeição, mais patente nas novas gerações, em relação a esta designação específica da vila. Expressando com clareza uma situação de classe (...) o morar-se numa vila é, pois, um ferrete social, de carácter discriminatório em relação ao conjunto da população. É por essa razão que muitas das placas foram destruídas, ou então apagadas (...)”* (Pereira, 1994:516).

Apesar disso, observa-se a ideia de identidade como pertença, que está de tal forma enraizada, que impede a existência de uma relação entre a comunidade e o mundo exterior. Quem vem de fora apercebe-se da presença de um limite social, se assim o posso definir, que se impõe aos limites físicos; esta apropriação dos espaços intersticiais acaba por não possuir uma hierarquização entre o que é público e o que é privado. A relação interior/exterior nestes espaços é um particular caso de estudo, onde o que definimos ser ‘interior’ pode ser tanto o interior do fogo, como o do pátio; tal como o ‘exterior’ pode ser a rua, a via de acesso ao pátio, como o espaço exterior aos fogos.

Quando falamos em hierarquização, frequentemente pensamos em partir do geral para o particular. Porém, tal como

refere Távora (1999), “(...) *caminhemos, sim, do geral para o particular mas que o estudo do geral não invalide o estudo do particular, pois que um não pode viver sem o outro por indissociáveis e a dificuldade está exactamente no equilíbrio sábio e harmónico destes extremos, aparentemente opostos mas realmente complementares.*” (Távora, 1999:19).

Com o conceito de interior/exterior passa-se exactamente o mesmo fenómeno: um não existe sem o outro; são dependentes entre si e estão estritamente relacionados, ao ponto de influenciarem a nossa percepção espacial. Como o espaço é contínuo, o que para uns é exterior, para outros pode ser interior ou uma zona de transição. A fronteira que as pessoas ‘impõem’, inconscientemente, entre o interior e o exterior é algo que varia conforme a sua memória visual – a sua cultura – e o espaço em si, a sua forma.

Edward Hall (1986), na sua investigação sobre “(...) *o espaço social e pessoal e a sua percepção pelo homem*” (Hall,1986:11), enuncia as diferenças de comportamento entre diferentes culturas. No presente caso, devido às origens mulçumanas dos pátios, interessa-nos compreender, também, como se dá a noção de fronteira na cultura árabe: não é possível definir de uma forma abstracta este conceito, visto que as relações que os árabes estabelecem com os lugares deriva, principalmente, do “(...) *facto de organizarem as suas relações em termos de estruturas sociais fechadas, mais do que em termos de espaços definidos.*” (Hall, 1986:185). Assim, a intrusão na cultura árabe diz mais respeito à identidade do indivíduo ‘externo’ do que ao espaço em si.

“*No mundo inteiro encontramos gradações de demarcações territoriais acompanhadas pela sensação de acesso.*” (Hertzberger, 1999:14)

Estas demarcações são geralmente respeitadas por todos, como se estivesse estabelecida uma ‘espécie’ de convenção.

Uma aproximação do espaço público para o uso individual ou de um determinado grupo faz com que o carácter público desse espaço passe a ser temporária ou colocada permanentemente em questão. *“O uso do espaço público por residentes como se fosse “privado” fortalece a demarcação por parte do usuário desta área aos olhos dos outros.”* (Hertzberger,1994:14)

Tendo em mente que este fenómeno da apropriação do espaço ocorre na Graça, como podemos aumentar a escala dessa apropriação, para que um número maior de pessoas da mesma comunidade possa usufruir de um determinado espaço?

É importante referir que no bairro da Graça verifica-se um fenómeno que deixou de existir na maior parte das cidades contemporâneas: a existência de vida nas ruas. Esta zona de Lisboa ainda é palco para as relações entre amigos e vizinhos, para as crianças brincarem na rua – como ocorre no Bairro Estrela d’Ouro, por exemplo. Porém, como se verifica em todos os bairros históricos da cidade de Lisboa, o progressivo envelhecimento da população e do edificado abre margem para toda uma falta de expressão da vida comunitária.

Actualmente, a cidade é a maior manifestação, e a mais visível, da descontinuidade e desordem existente no espaço contemporâneo. Este caos urbano é resultado de um crescimento descontrolado, num ritmo ‘louco’ que arrasa tudo à sua volta, tanto a paisagem natural como o próprio homem; é resultado de uma forma de pensar *“(…) que permitiu pôr hipóteses e aceitar realidades que hoje começam a apresentar-se-nos como condenáveis e negativas.”* (Távora, 1999:34)

Surge assim a impossibilidade de impor um sistema coerente de relações espaciais no que é, agora, uma soma de espaços e funções, sem hierarquia e organização. Deste fenómeno, origina-se um processo de delapidação, onde tudo é

incerto: o que hoje é um espaço vivo, amanhã pode ser espaço morto, e vice-versa.

Smithson (1974) refere que uma sociedade bem organizada reflecte um sentimento de segurança e de pertença social, originada pela ordem simples da rua, do espaço urbano; onde este deixa de ser apenas uma forma de acesso para passar a ter qualidades que possibilitam a expressão social.

Segundo Botelho (2010), para que um lugar possa servir de expressão de vida comunitária são necessários três factores: ter densidade de utilização apropriada, adequação ao trânsito pedonal e promover a estadia prolongada. É ainda necessária a existência de um lugar intermédio entre a rua e o espaço privado onde seja possível a socialização. Só assim é que será possível o equilíbrio e a reciprocidade na relação entre as pessoas e o meio urbano.

Dar à comunidade estes espaços intermédios, de forma a que as pessoas se sintam envolvidas, fortalece o sentimento de pertença e de identidade com o espaço. *“O segredo é dar aos espaços públicos uma forma tal que a comunidade se sinta pessoalmente responsável por eles, fazendo com que cada membro da comunidade contribua à sua maneira para um ambiente com o qual se possa relacionar e se identificar.”* (Hertzberger, 1999:45)

Visto o projecto proposto incidir na adaptação do edificado existente num espaço público, de cariz social, importa referir o estudo realizado por Nuno Portas, *“(?) que tem reforçado a importância identitária dos espaços públicos como estrutura de relação e coesão entre as diversas partes, novas ou velhas, centrais ou periféricas, da cidade. Os espaços públicos são, de facto, elementos primários, tanto na criação de uma identidade colectiva como na sua percepção.”* (Aguiar, 2005:123). O espaço público traduz o carácter de um determinado local, de uma determinada cidade, esclarecendo a

relação entre o lugar e a comunidade, a noção de pertença existente entre essa mesma comunidade e o espaço que a envolve.

Mas como devemos encarar este tipo de intervenção? Como reabilitar?

2.8. PATRIMÓNIO E REABILITAÇÃO ARQUITECTÓNICA

“No contexto do século XIX, a acção dos defensores do património não podia ser eficaz se não assumisse duas formas específicas e complementares: uma legislação de protecção e uma disciplina de conservação.” (Choay, 2013:151)

Ao estudarmos a questão do Restauro – e da Conservação e Reabilitação do Património Histórico e Urbano – temos que analisar duas doutrinas que dividiu opiniões nos finais do século XIX.

John Ruskin (1819 - 1900), poeta e crítico inglês, defendia uma doutrina anti-intervencionista radical, onde o ‘restaurar’ é ferir e danificar um edifício, retirando-lhe a sua autenticidade, o seu carácter sagrado, legado do trabalho de gerações passadas. Para o crítico inglês, o destino de todo e qualquer monumento histórico é a sua degradação progressiva, a ruína.

A sua recusa em tolerar qualquer tipo de Restauro, leva a que a sua opinião estenda-se às questões do tecido urbano, onde Ruskin *“(...) insurge-se e alerta a opinião contra as intervenções que lesam a estrutura das cidades antigas, quer dizer, o seu tecido. Para ele, esta textura é a essência da cidade, sendo um objecto patrimonial inatingível, a proteger incondicionalmente.” (Choay, 2013:194)*

As cidades pré-industriais são a garantia de identidade, pessoal ou comunitária, local ou nacional, humana. Devemos habitá-las como elas o são no presente, conservando o seu

passado, com a recusa de qualquer transformação, seja ela inspirada e derivada do seu passado.

Viollet-le-Duc (1814 - 1879), arquitecto francês, ao contrário de Ruskin, era intervencionista, com uma doutrina que defendia a prática do Restauro. *“Restaurar um edifício é reestabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento.”* (Choay, 2013:160). A sua doutrina assentava em ‘regras estilísticas’, conhecimentos previamente adquiridos, e nas suas análises estruturais procurava um sistema construtivo capaz de inspirar uma arquitectura contemporânea que se mantivesse fiel a sua cultura.

A nostalgia do arquitecto francês pelo futuro, e não pelo passado, dita a sua perspectiva relativamente a historicidade de um edifício, que só se torna “histórico” na condição de ser entendido como parte de dois mundos, em simultâneo, “um presente e imediatamente dado, o outro passado e inapropriável”.

Esta não adequação e ruptura com o passado marcam o ‘nascimento’ da arquitectura de Viollet-le-Duc. Porém, as intervenções decorrentes deste modo de pensar o restauro na arquitectura foram muitas vezes consideradas desfasadas e/ou não coerentes com a pré-existência e a sua envolvente, devido à adição ou subtracção de elementos que acabavam por não ir ao encontro de uma cultura local.

É de notar que Viollet-le-Duc foi ainda um dos primeiros a sublinhar a importância das dimensões social e económica da arquitectura.

Entre estas doutrinas extremistas, surge uma terceira, mais moderada, que se inspira tanto em Ruskin como em Viollet-le-Duc.

Camillo Boito (1835 - 1914), engenheiro, arquitecto e historiador de arte italiano, articula dois mundos distintos – o artístico, passado; e o actual, técnico e moderno.

O seu entendimento de conservação e autenticidade do património deriva da doutrina de Ruskin, onde todos os elementos que o tempo se encarregou de adicionar à história de um edifício devem ser preservados. Devolvê-lo a uma suposta origem, a qual não temos conhecimento, e reconstituir as suas partes ‘desaparecidas’, perde sentido quando aceitamos a sua verdadeira presença no tempo presente. É aqui que Boito se aproxima de Viollet-le-Duc. Tal como o arquitecto francês, dá prioridade ao presente e legitima o restauro, “(...) *complemento necessário e indispensável de uma conservação cujo projecto não pode subsistir sem ele.*” (Choay, 2013:168)

Para o arquitecto italiano, o carácter relativo, acidental e correctivo do acto de restaurar deve ser assinalados adequadamente, caso contrário estaríamos perante um mimetismo, que não dignifica adequadamente a pré-existência, dando-lhe a entender como tal; nem a destacar a intervenção, que nunca será igual ao que já existe, dado os seus tempos distintos. A proposta de reabilitação deve poder ser reconhecida sem dificuldade, distinguindo-a dos elementos originais da pré-existência.

2.9. COMUNIDADE, LUGAR, CULTURA E IDENTIDADE

Em termos comunitários, património não se refere apenas aquilo que é herdado. Abrange também a consciência da comunidade, em preservar e continuar o seu legado para as gerações seguintes. Este sentimento de uma identidade própria, que pode ser partilhada e mantida ao longo dos anos, ilustra a sua importância e o valor que esse legado tem para a comunidade em si.

Os bairros históricos Lisboaetas são um exemplo desse fenómeno. No local específico desta intervenção – a colina da Graça – a ideia de comunidade, de partilha e da vida comunitária está fortemente enraizada, seja no seu eixo

principal, a Rua da Graça, seja nos diversos pátios e vilas que enriquecem o seu tecido urbano.

É possível observar, enquanto percorremos as ruas da Graça, a forte ligação que existe entre as pessoas que lá vivem – umas desde que nasceram, outras que foram viver para o bairro mais tarde. O grau de intimidade aumenta quando vemos sempre as mesmas pessoas todos os dias e frequentamos a mesma mercearia, por exemplo. Esta convivência, diária e casual, que nos dias de hoje é difícil encontrar, ainda existe e persiste na colina da Graça.

No caso dos pátios e vilas, que reforçam ainda mais a ideia de comunidade existente na colina, o aproveitamento da via urbana para uma vivência mais selectiva e mais voltada para as habitações que as circundam, confere ao espaço urbano um maior grau de intimidade, promovendo a definição de uma identidade relativamente ao pátio em si e à comunidade a quem este ‘pertence’.

Esta identidade, colectiva, vê-se representada, de forma pouco simbólica, através do património construído, onde o “(...) *património cultural compreenderá todos aqueles elementos que fundam a identidade de um grupo e que os diferem dos demais.*” (Silva, 2000:219)

Desta forma, vale a pena preservar a arquitectura, para que, no futuro, as tradições e as relações inter-pessoais e intergeracionais não deixem de ter a sua importância e de ser factor para a questão identitária da cidade.

Pensar a relação que se estabelece entre um interior e um exterior permite um olhar atento sobre a relação do utilizador com o espaço. A forma como é reconhecida influencia o bem-estar das pessoas; a sua orientação espacial e a definição funcional do espaço. Hertzberger (1999) afirma que a articulação formal e o uso da cor, da luz e da matéria permitem a demarcação territorial, aumentando assim a consciência das pessoas acerca do lugar onde estão. O caso apresentado por

Pernão (2012), no estudo de cor das áreas interiores do Hospital de Santo André, em Leiria, exemplifica a importância da cor no pensamento da relação interior/exterior, produzindo espaços com identidade e estabelecendo hierarquias onde antes existia confusão e falta de orientação espacial.

III. TERCEIRA PARTE

CENTRO COMUNITÁRIO

3.1 ANÁLISE URBANA

Em meados do século XIX até princípios do século XX, Lisboa viu o seu tecido urbano expandir-se e modificar-se. A evolução das novas tecnologias, nomeadamente a do ferro, proporcionou a transformação da urbe, com a implantação de fábricas de uma zona ribeirinha – tanto a Oriente como a Ocidente – e a sua expansão para longe do rio, com a abertura das Avenidas Novas.

Neste período, os edifícios habitacionais viram as suas condições de salubridade e higiene alteradas, através da utilização de lanternis na zona das comunicações verticais; latrinas, pias de despejo e escadas de incêndio passaram a ser localizadas no exterior dos edifícios. O ferro proporcionou também a colocação de varandas e marquises – estas no tardo dos edifícios –, que aliado ao vidro, promove a ventilação dos espaços, mesmo em zonas caracterizadas por possuírem pouca salubridade, como os logradouros.

A industrialização e a pré-fabricação dos elementos em ferro nem sempre significaram um contributo para uma melhor construção dos edifícios. *“(...) a habitação foi o campo onde o ferro se vulgarizou e implantou mais profundamente em Portugal: nas “vilas” de Lisboa, diminutas habitações seriadas, ocupadas pelas classe mais pobres, eram então correntes as galerias metálicas exteriores, como a forma de embaratecimento da obra, estreitos acessos colectivos que substituem as caixas de escada interiores (...)”*. (Fernandes, 1993:18)

Em alguns casos, verifica-se que a vantagem da rapidez de edificação e de um menor custo da construção foram

3.1.1. ANÁLISE DA ZONA DE INTERVENÇÃO E A SUA ENVOLVENTE

realmente uma mais valia. Porém, tal como noutras zonas da cidade, a zona da Graça não é exemplo dessa boa edificação.

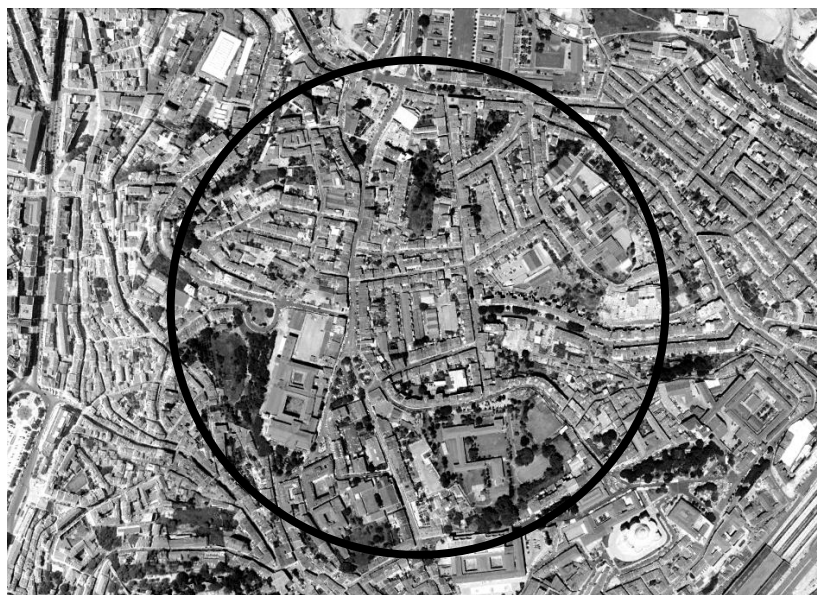


Fig. 1 – Vista aérea da colina da Graça

Marcada pelos pátios e vilas, o bairro da Graça é reflexo de uma rápida necessidade de resposta aos trabalhadores fabris da zona Oriental de Lisboa. O desenvolvimento das zonas do Beato e de Xabregas promoveram a necessidade de novos edifícios de habitação. A resposta imediata foi a construção de edifícios gaioleiros, tal como os que encontramos nas Avenidas Novas.



Legenda

1. Acesso ao Mercado do Forno do Tijolo
2. Beco dos Peixinhos
3. Caracol da Graça
4. Travessa dos Lagares
5. Travessa do Jordão
6. Escadas do Monte
7. Escadinhas das Olarias
8. Travessa da Cruz aos Anjos
9. Beco do Monte
10. Escadinhas Damasceno Monteiro
11. Travessa das Terras do Monte
12. Travessa do Monte

Fig. 2 – Diagrama Colina da Graça – Escadas e Acessos Pedonais



Fig. 3 – Diagrama da Colina da Graça – Pátios e Vilas Existentes

3.1.2. LUZ, COR E MATERIA NOS PÁTIOS DA GRAÇA

O facto de intervir nas proximidades de um pátio, o Pátio das Beatas, faz com que o estudo destes espaços proporcione um melhor conhecimento de forma a concretizar a intervenção que será apresentada posteriormente.

Segundo Leite (1991), só penetrando no interior dos pátios Lisboaetas é que se pode ter a sensação de que, nalguns

casos, houve uma preocupação urbanística na ocupação/apropriação dos espaços.

“O exterior esconde quase sempre o recinto interior. (...) existem pátios onde o acesso se faz através de um arco e de um túnel aberto na construção que lhe faz de fachada exterior. Outros, menos comuns, abrem directamente para a rua, deixando os olhares penetrarem no seu espaço interior.” (Leite, 1991:41). Entretanto, nem todos os pátios têm a mesma configuração. Uns apresentam outras saídas, comunicando com outras ruas, enquanto outros se abrem para a via pública.

Este facto influencia também a materialidade que encontramos em cada pátio. Foi preciso visitar alguns destes espaços intersticiais para perceber as suas escalas e o uso da cor e dos materiais.

Foram analisados 5 pátios ou vilas: Pátio Sousa, Vila Rodrigues, Vila Maria, Vila Berta e Bairro Estrela d’Ouro.

Numa análise pontual, no Pátio Sousa verifica-se a existência de cantarias e pavimento em pedra; as paredes exteriores são revestidas com estuque pintado; e a cobertura dos edifícios é em telha de Marselha.

A Vila Rodrigues, que se desenvolve ao longo de uma rua interior, caracteriza-se pelos acessos em galerias e pontes em ferro. Tal como no Pátio Sousa, as paredes são em estuque pintado e a cobertura em telha de Marselha. Apesar de encontrarmos vãos em alumínio, é possível determinar que os vãos originais eram em madeira. O pavimento é tanto em calçada como em cimento.

A Vila Maria é definida, relativamente a sua materialidade, através das paredes em reboco pintado e cantaria – superior e inferior – em pedra; e o pavimento é todo em calçada.

Por último, mas não menos importantes, falaremos de dois exemplos construídos de raiz. A primeira, Vila Berta, construída por Joaquim Francisco Tojal, configura-se por uma



Fig. 4 – Pátio Sousa



Fig. 5 – Vila Rodrigues



Fig. 6 – Vila Maria



Fig. 7 – Vila Berta



Fig. 8 – Vila Berta



Fig. 9 – Bairro Estrela d'Ouro

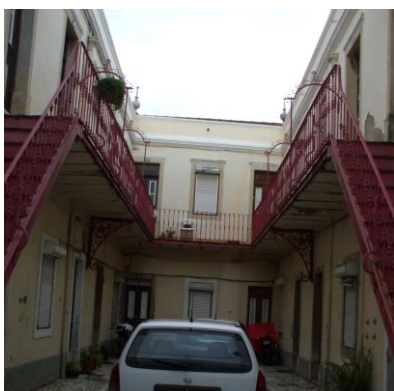


Fig. 10 – Bairro Estrela d'Ouro



Fig. 11 – Bairro Estrela d'Ouro, acesso visto do seu interior

rua que forma duas bandas de edifícios. A materialidade presente nestes edifícios constitui-se pela existência de elementos em ferro nas guardas e nos suportes das varandas. O primeiro piso é revestido em azulejo, enquanto o soco e as cantarias são em pedra. *“As janelas e portas são em madeira maciça pintada de branco e verde. O pavimento é em calçada de granito e calcário nos passeios (...)”* (Dias, 2013: 33)

A segunda, o Bairro Estrela d'Ouro, construída por Agapito Serra Fernandes, possui dois pisos, sendo que o acesso ao piso superior é realizado através de galerias e escadas exteriores em ferro. Nos vãos estão presentes cantarias em pedra e caixilharias em madeira maciça. Como se observa nos casos anteriores, as paredes são estucadas e pintadas de cor clara, em contraste à estrutura em ferro, pintada com cores fortes. O pavimento deste bairro é em calçada de granito e os seus passeios em calcário.

É de notar que em Lisboa, é característico o recurso à pedra escura, porém, contrariamente ao que se verificou no Bairro Estrela d'Ouro, não é o granito, mas sim o basalto – proveniente das pedreiras existentes na cidade, nomeadamente onde hoje é a Estufa Fria.

A partir desta análise, podemos observar uma persistência no uso dos materiais utilizados nos diferentes pátios. Verificou-se a existência de coberturas em telha cerâmica de Marselha; as paredes em reboco pintado; as cantarias em pedra; o pavimento ou em calçada ou em basalto - que é contrastante em termos de cor com o calcário da calçada, visto ser uma pedra de tonalidades escuras; e o recurso a elementos em ferro, tais como as guardas, pontes, acessos e varandas. Estes elementos são claramente característicos do Pátios e Vilas Lisboetas e devem ser referência para a intervenção na envolvente do Pátio das Beatas e no projecto do Centro Comunitário.

“O pátio é um microcosmo onde tudo parece poder existir e suceder. Ali, com o peso de muitas histórias do passado, lendas e mistérios, desenvolvem-se costumes e tradições fatalistas traçadas por um destino; é o fado do homem português.” (Leite, 1991:106)

Marcada pelos pátios e vilas, a colina da Graça vê a sua população transformar-se lentamente. Muitos dos que aqui vivem são descendentes de famílias que lá habitam a algumas gerações. Há quem nasça e morra no pátio. Há quem procure novas áreas, por possuírem outras, ou novas, exigências de habitabilidade.

Não é intenção desta dissertação analisar a colina em termos habitacionais, porém estes são precisos quando observamos que a sua dinâmica é dependente da vida no pátio.

O viver no pátio é semelhante a viver em qualquer outra parte da cidade. Não é a tipologia habitacional – em termos de dimensão e disposição do fogo – que influencia este modo de vida. A vida no pátio possui um forte carácter comunitário. As pessoas que lá habitam aprendem a coabitar com o próximo, num mesmo espaço, sem perder a sua individualidade. É como se fossem uma grande e única família, onde todos se conhecem e partilham as suas alegrias e tristezas, tal é a proximidade entre as pessoas.

Para além do convívio em ‘comunidade’ já citado anteriormente, marcada pela estreita relação entre as pessoas, estas tais comunidades encontram-se num ponto em comum. Historicamente, a artéria que liga a Rua Angelina Vidal até o Largo da Graça denominava-se Rua Direita da Graça. Segundo a secção de toponímia das ruas Lisboetas, da Câmara Municipal de Lisboa: *“O nome deriva do antigo Convento de Nossa Senhora da Graça, começado a construir em 1271 naquele*

local, então conhecido por Almofala, que era um pequeno arrabalde mourisco (...). A Almofala mourisca tornou-se no bairro da Graça Lisboaeta, repetida na Rua, Largo e demais topónimos que invocam o Convento (...)”

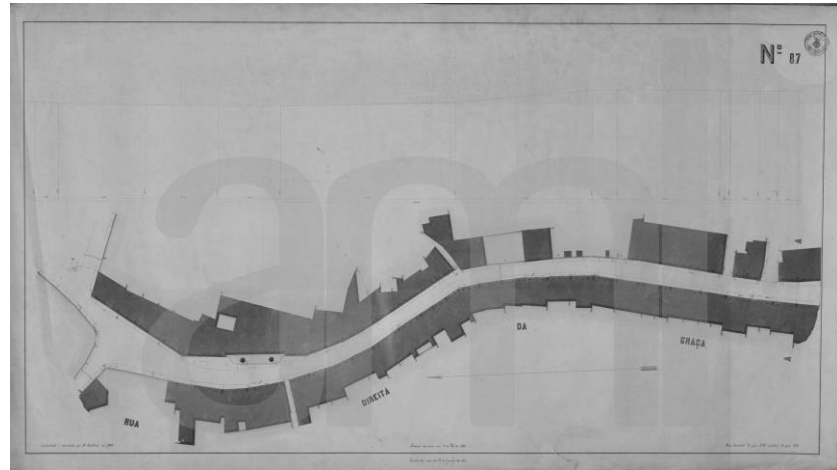


Fig. 12 - Planta referente ao estado da rua Direita da Graça em Fevereiro de 1883 e Junho de 1891

A Rua da Graça foi e é até hoje, para além de ser a ligação entre o Largo e os Sapadores, a zona de encontro entre as pessoas dos diferentes bairros, pátios ou vilas da colina. Este eixo central concentra o comércio da zona e alguma habitação aos pisos superiores dos edifícios presentes nesta rua. (Fig. 11)

Enquanto que a população mais jovem torna-se cada vez mais independente do bairro, a população mais idosa já tem ali as suas raízes fincadas. Saem de suas casas para fazerem os seus afazeres diários, ou simplesmente para conviverem. Observa-se que entre os moradores mais antigos do bairro existe um cuidado e uma ajuda mútua.

É difícil imaginar que no bairro da Graça podemos ser testemunhas do isolamento dos idosos que actualmente se verifica não só pela cidade de Lisboa, mas por todo o país. Porém, como confrontamo-nos com esta realidade, temos as

juntas de freguesias, organizações não governamentais, entre outras entidades, a tentarem minimizar este problema.

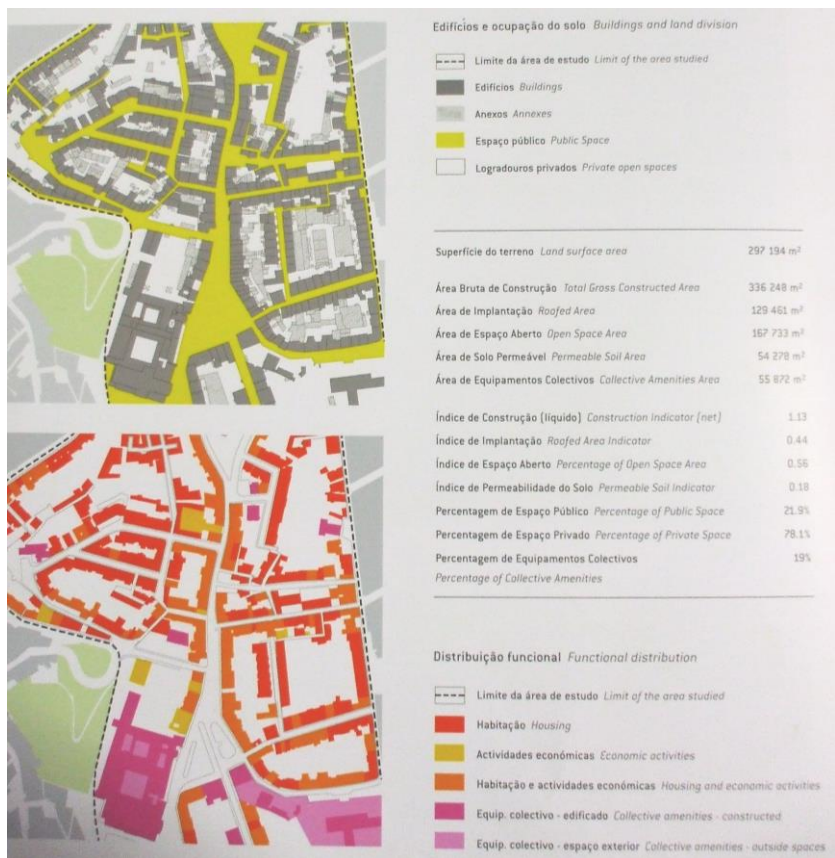


Fig. 13 – Análise do Edificado do Bairro da Graça, segundo o Atlas Urbanístico de Lisboa, ao nível de cheios/vazios e da distribuição funcional

Crete de que uma população unida é capaz de fazer manter as suas tradições e passá-las de geração em geração, de modo a que a identidade deste bairro histórico não se perca, apesar da sua visível degradação, surge a intenção de fazer um centro comunitário.

A criação de um centro comunitário surge no contexto de pertença, como entidade que convida a permanência das pessoas e eleva a sua auto-estima enquanto comunidade. A valorização e a manutenção da comunidade do bairro da Graça pode ser garantida através da interacção entre os mais jovens e os mais velhos, bem como através de apoios sociais para a população. Assim, o estudo da relação interior/exterior existente na zona da Graça e nos espaços intersticiais que nela se inserem, é de



Fig. 14 – Diagrama da colina da Graça, os bairros que la existem e os bairros adjacentes



Fig. 15 – Largo do Intendente



Fig. 16 – Largo do Intendente



Fig. 17 – Casa Comunitária da Mouraria
'Mouradia'

elevada importância, como meio para a definição de uma imagem coerente do espaço proposto. “A *percepção visual, ou imagem que temos da inter-relação entre um interior e um exterior é um factor importante para a identidade e qualificação de um espaço e para a forma como nos sentimos nele.*” (Pernão, 2012:179).

Interessa também que o centro comunitário seja o princípio de uma acupuntura urbana, que ‘contamina’ toda a colina, com equipamentos que visem o apoio à população, travando a sua degradação e fomentando a sua reabilitação e, consequente, desenvolvimento.

É de notar que este projecto de manter, cultivar e melhorar os bairros históricos Lisboaetas já está a ser posto em prática, pouco a pouco, bairro a bairro. Exemplo disso é o bairro da Mouraria, onde tanto já foi implementada a ‘Casa Comunitária da Mouraria – Mouradia’ e a zona do Intendente tem sido alvo de diversas acções de reabilitação.

3.2 ANÁLISE DO OBJECTO DE ESTUDO

Após realizada a análise do bairro, a flexibilidade e dinâmica do local de intervenção era um factor a ter em conta. A escolha do número 69 da Rua da Graça não foi ao acaso.

Para além de estar parcialmente devoluto, este edifício possui a mais valia de estar adjacente ao Pátio das Beatas e contíguo ao jardim da Junta de Freguesia da Graça, a tardoz. Em termos funcionais, essa proximidade pode promover uma utilização mais generalizada pela população do novo programa comunitário que propomos .

A localização proposta permite ainda estabelecer relações directas entre a Rua da Graça, a Rua Josefa de Óbidos, o Pátio das Beatas e o Beco dos Peixinhos.



Fig. 18 – Diagrama da Colina da Graça, com destaque da zona de Intervenção



Fig. 21 – Edifício número 69, localizado na rua da Graça – Alçado Principal e Alçado Tardoz



Fig. 19 – Junta de Freguesia



Fig. 20 – Pátio das Beatas

Com um levantamento mais aprofundado do edifício, com a recolha da informação existente no Arquivo Municipal de Lisboa e com a impossibilidade de visitar o edifício no seu todo, foi realizada uma análise cruzando toda a informação recolhida. O número 69 da Rua da Graça é um edifício do princípio do século XX, de comércio e habitação e de características ‘gaioleiras’. Com 4 pisos, destaca-se em altura dos seus edifícios adjacentes. Construtivamente, a sua estrutura é em paredes exteriores de alvenaria e com estrutura em gaiola no interior – com paredes de frontal e tabique, revestidas a argamassa de estuque. No exterior, na rua da Graça, o seu revestimento é em azulejo, enquanto que os seus vãos são em caixilharia de madeira. Na tardo, não se observa o mesmo revestimento, nem o mesmo tipo de caixilharia: a parede é em argamassa bastarda e os vãos são em caixilharia de ferro e vidro, formando as ‘marquises’ características deste tipo de edifício.



Fig. 22 – Tardo do edifício a intervir

O edifício gaioleiro resulta da decadência construtiva do edifício pombalino. *“Um sistema construtivo decadente, constável na simplificação do processo pombalino, e em que se detecta o ‘relaxamento’ decorrente do tempo já passado desde o sismo de 1755”* (Appleton, 2005:14)



Fig. 23 – Actual estado de degradação do edifício, visto do Pátio das Beatas

Através dos registos existentes no Arquivo Municipal de Lisboa, verificámos que no piso térreo do edifício existia uma Padaria. Porém, esta foi encerrada porque as alterações que produziu comprometeram todo o edifício. É possível observar ainda, a partir da rua Josefa D’Óbidos os ‘anexos’ construídos pelo dono da Padaria e do seu estado de degradação. Esses registos ainda descrevem o estado de degradação em diversas zonas do edifício

Soube-se ainda por fontes das pessoas do bairro, e que ainda vivem neste edifício, que já foram intimadas a deixar o

local. Estão apenas à espera que a Câmara Municipal de Lisboa providencie a sua realocização.

Apesar desta questão, descoberta *a posteriori*, não coube ao programa resolver esta situação. Assim, limitamo-nos apenas a procurar descobrir a sua estrutura original devido à falta de informação acerca dos pisos habitacionais.

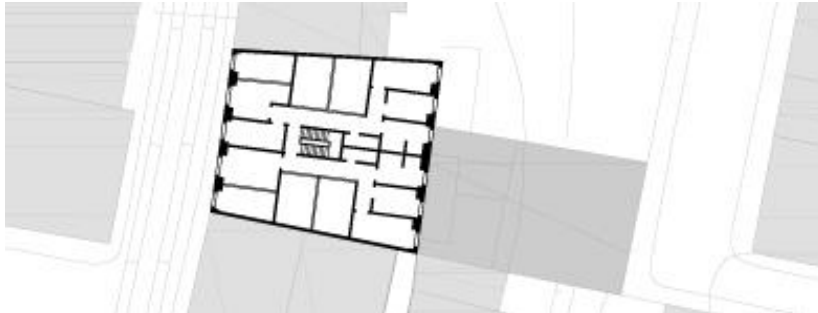


Fig. 25 - Suposição da métrica estrutural do edifício 'Gaioleiro' da Rua da Graça, 69, visto não existirem plantas dos pisos de habitação - pisos 1, 2, 3 e 4

Foi realizado o levantamento da cor existente nos diversos materiais das fachadas do edifício a intervir, e verificou-se a existência de uma paleta de cores variada e com tons muito quentes – excepto os poucos azulejos verdes presentes na fachada principal. O lioz da cantaria, de cor clara, tem o NCS 1502-Y50R, enquanto que as portas de madeira e a caixilharia existente são castanhas, NCS 5030-Y60R. Os azulejos existente possuem padrões diferentes e cores distintas. O facto de possuírem relevo, faz com que hajam duas cores principais: os azulejos castanhos correspondem ao NCS 6030-Y50R e ao NCS 7020-Y50R, enquanto que os azulejos verdes correspondem ao NCS 5030-G10Y e ao NCS 5540-G10Y.

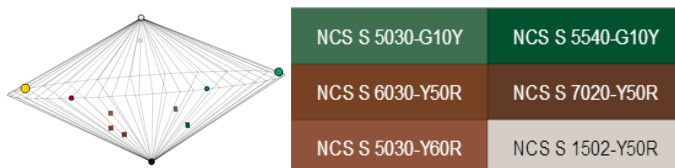


Fig. 27 - Paleta de cores existentes no Alçado Principal do Edifício, e a sua localização no espaço cromático

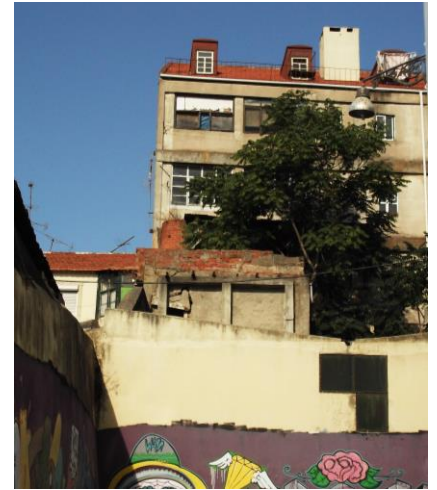


Fig. 24 – Actual estado de degradação da tardoz do edifício, visto do Beco dos Peixinhos



Fig. 26 – Levantamento das cores dos azulejos do alçado principal

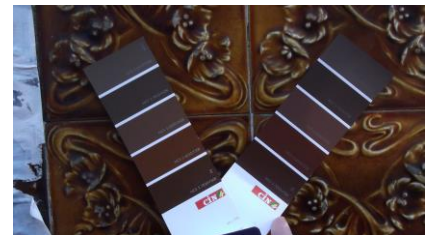


Fig. 28 – Registo dos diferentes pavimentos existentes no piso 0 do edifício

3.3 PROGRAMA

Dado a intervenção dividir-se em dois corpos – o edifício nº 69 da rua da Graça e a implantação de um novo corpo que faz frente de rua com rua Josefa d'Óbidos, é importante referir que esta adição proporciona a instalação de programas de maiores dimensões.

Na procura de hierarquizar o programa em termos funcionais em toda a intervenção, estabeleceu-se que a partir da cota 82,5 (piso 0 do corpo A) até a cota 69,8 (piso -2 do corpo B), a utilização será mais permeável ao exterior e ao contacto com um maior número de pessoas:

- Recepção principal
- Cafeteria e Padaria
- Zona de Convívio
- Auditório/Sala Polivalente

Assim, nos pisos restantes do corpo A – do piso 1 até ao piso 4 – estariam localizados os espaços em que a procura pela comunidade seria pontual.

No piso 1, o mais próximo a entrada principal estariam instalados os serviços administrativos, os serviços sociais e psicológicos e os serviços de informação – este último poderia fazer uma ponte entre a comunidade e falta de proximidade a uma loja do cidadão, segurança social ou uma loja das finanças, juntamente com a junta de freguesia.

Nos pisos superiores, 2, 3 e 4, o foco seria a formação e entretenimento cultural da comunidade, com salas de aulas, *ateliers* ocupacionais e um centro de estudos e documentação, acessível a todas as idades, de forma a haver uma relação intergeracional. Nestes pisos, poderíamos observar a partilha de conhecimentos entre a geração mais antiga e a nova geração do bairro, na transmissão de conhecimentos ou voluntariado, por exemplo.

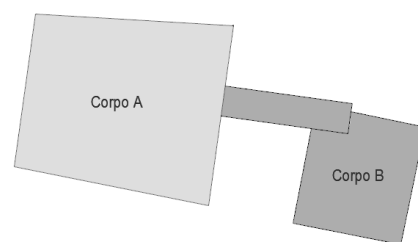


Fig. 29 – Diagrama dos diferentes corpos.
Corpo A – pré-existência;
Corpo B – nova construção.

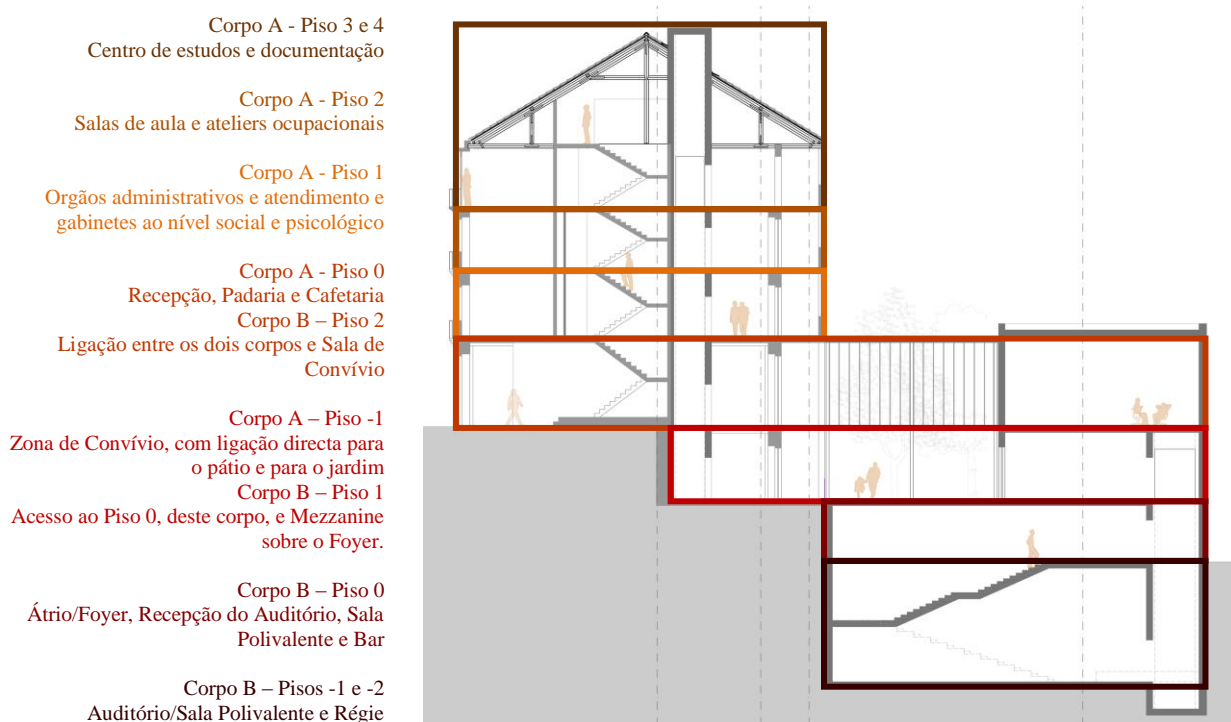


Fig. 30 - Diagrama da distribuição do programa pelos diferentes pisos da intervenção

Nesse aspecto, o Centro de Estudos e Documentação, localizado nos últimos dois pisos do Corpo A, representaria o culminar dessa relação e dessa partilha de conhecimentos, onde os idosos poderiam estar a ler e/ou a auxiliar os mais jovens nos seus estudos. Neste espaço, procurou-se recuperar a cobertura existente, alterando apenas a localização das trapeiras, mas fazer desta estrutura um elemento visível, que caracterize o espaço e seja possível de ser apreciado. Segundo Appleton (2005), *“Todas as estruturas de cobertura descritas e desenhadas nos processos de licenciamento são de madeira. (...) As estruturas do telhado são em pinho (...) e revestidas a Telha de Marselha.”* (Appleton, 2005:34)

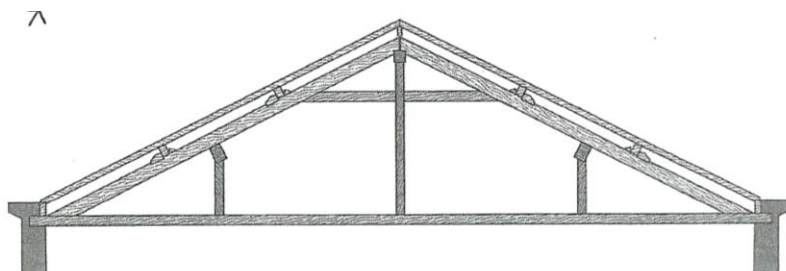


Fig. 31 - Estrutura da cobertura dos edifícios gaioleiros segundo João Appleton

3.4 DESCRIÇÃO DO PROJECTO

“Penetramos no interior do recinto como intrusos. O acesso não é sempre directo, existem escadas, corredores, túneis, curvas, concorrendo para um forte factor surpresa jogado nestes locais. Depois, aos poucos, desvendam-se os mistérios” (Leite, 1991:43)

3.4.1. INTERVENÇÃO URBANA

A citação acima ilustra muito bem, se não perfeitamente, o fenómeno que ocorre por toda a colina da Graça.

É a partir da intervenção urbana proposta que nasce toda a reflexão sobre como se dá a relação interior/exterior nesta zona da cidade de Lisboa. Aqui ultrapassa-se a ideia de o interior é a nossa casa e o exterior a rua, a via pública.

Que fenómeno é este, em que, por momentos, sente-se que existe uma fronteira entre o indivíduo e um determinado espaço, que é público e não possui nenhuma barreira física que o impeça de entrar? Apenas a sua consciência, de forma automática, diz-lhe que não pertence àquela realidade, logo esta não deve ser invadida. Agora, ao falar na primeira pessoa, não posso deixar de referir que senti, e por vezes, ainda sinto na pele este fenómeno, mesmo após meses de trabalhos de campo, projecto e investigação.

Muito deste sentimento passa pelo facto de não fazermos parte daquela comunidade. Estes espaços, como refere Loução (2013), estão todos relacionados de alguma forma, *“(…) de continuidade, de domínio, de vizinhança, de fronteira, de abertura e encerramento, de interior-exterior.”* (Loução, 2013:21). Por toda a Graça, e não só, em qualquer espaço onde haja uma forte ligação entre as pessoas podemos verificar a existência de uma consciência de posse e de propriedade comum muito enraizada.

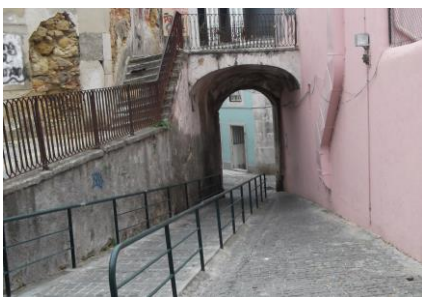


Fig. 33 - Exemplo de alguns dos acessos pedonais existentes na colina da Graça. De cima para baixo: Escadinhas Damasceno Monteiro, Beco dos Peixinhos e Travessa da Senhora do Monte

O que a minha intervenção urbana propõe? Dado estar perante a um caso onde a identidade colectiva e a hierarquia de espaços estão presentes, proponho o que seria ‘mais daquilo do que já lá existe’. Esta hierarquia espacial, tal como se refere Loução (2013), estes vários níveis que estruturam a realidade de um determinado espaço, correspondem a lógica existencial do próprio homem, que se relaciona com uma série de factores, sejam sociais, culturais ou psicológicos, mas que se reflectem no espaço arquitectónico.

Partindo dos elementos característicos da colina, dos pátios e do acessos pedonais, becos que geralmente só a população local conhece e usufrui, proponho a criação com uma nova relação funcional, que passa pela abertura de mais um desses ‘atalhos’ e a criação de um ponto de encontro – resultado do encontro desses acessos pedonais - que fomente a circulação da população nas proximidades do centro comunitário e que possibilite a fruição do jardim existente nas traseiras da junta de freguesia, facto que não ocorre actualmente.



Fig. 32 - Diagrama da intervenção urbana realizada, onde é possível observar o núcleo criado e promoção de uma nova dinâmica na envolvente

No fundo, a ideia de fazer um centro comunitário passa muito por dar mais um pátio para a colina, desde que este não ‘pertença’ a uma só comunidade, como observamos de pátio em pátio, ou de bairro para bairro. Para tal, substituiu-se o alcatrão encontrado no Pátio das Beatas por basalto, o mesmo pavimento colocado no pátio criado. As escadas, que vencem a grande diferença de cotas entre as ruas, contrastam com o basalto, através da utilização do calcário. A intenção é que o pátio seja o núcleo, o espaço comum a todas as pessoas, um espaço onde as pessoas se vejam ali identificadas.

Não é intenção desta dissertação fazer uma simples memória descritiva do processo construtivo realizado, mas sim relacionar a descrição desta intervenção com os temas e com as questões anteriormente levantadas neste documento.

3.4.2. A INTERVENÇÃO

Inicialmente, procedemos com a demolição dos anexos já referidos, anteriormente pertencentes a padaria. Em vez de fazer desta intervenção um acto substractivo, e dar à comunidade o espaço remanescente desta demolição, foi feita a adição de um novo corpo.

Dado as características construtivas e o uso actual do edifício pré-existente, a sua intervenção teria que se adaptar a um programa público e completamente virado para a comunidade. Para que esta transformação seja possível é fulcral uma reinterpretação dos valores e significados que este edifício, localizado no ‘coração’ do bairro da Graça, junto ao antigo Royal Cine, tem no lugar e nas pessoas da comunidade. O estado actual do edifício nº 69 da Rua da Graça não tem capacidade de comportar grandes actividades como um auditório/sala polivalente ou um grande espaço para o convívio da comunidade, que consta no programa proposto.

Para a execução deste programa foi necessário adicionar um novo corpo, mas de forma a que este acabasse por fazer a

‘ponte’ entre a cota 82,5, correspondente a cota de entrada a partir da rua da Graça e a cota 76, que é o tardo do pré-existente, a frente para a Rua Josefa D’Óbidos. Este novo corpo vai dar sentido à intervenção urbana proposta, proporcionando à comunidade um novo núcleo de reunião, o pátio, e também a fruição do jardim da Junta de Freguesia de Graça, como continuação do pátio projectado.

Este processo de subtracção e adição proporcionou uma limpeza e permeabilidade visual para quem está tanto no Pátio da Beatas, como na Junta de Freguesia ou na Rua Josefa D’Óbidos. É de referir que esta permeabilidade visual, para além de ser intencional dentro deste programa, é algo característico na região envolvente do local, “(...) *O exterior e o interior são ambos íntimos; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar a sua hostilidade. Se há uma superfície-limite ente tal interior e tal exterior, essa superfície é dolorosa dos dois lados.*”(Bachelard, 2005:221)

No fundo, procurou-se encontrar os elementos essenciais da envolvente da intervenção, que apresentassem características ressonantes nas pessoas e que ilustrassem a relação existente entre o homem e o espaço em causa.

Na intervenção no edifício pré-existente procurou-se manter ao máximo a sua estrutura original. Quando tal não era possível, foram adicionados pórticos de perfis metálicos em I, de forma a garantir a sua estabilidade e a segurança das pessoas. Foi também instalado um elevador, junto à caixa de escadas. Só esta intervenção faz com que toda a estrutura do edifício tenha de ser reforçada.

Tal como podemos ler na Carta de Veneza, no artigo 9º, no que toca ao restauro, “(...) *o restauro é uma operação que deve ter um carácter excepcional. Destina-se a conservar e a revelar os valores estéticos e históricos dos monumentos e baseia-se no respeito pelas substâncias e pelos documentos autênticos (ou seja pela antiguidade e pela autenticidade.*”

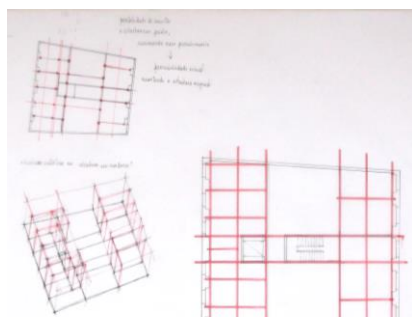


Fig. 34 – Estudo da localização dos pórticos de perfis metálicos em I

Assim, procurou-se manter as mais valias deste edifício, elementos que o caracterizam e que fazem parte da sua essência, como os vãos em ferro e vidro na tardoza, o recurso ao azulejo e ao estuque no revestimento das paredes e a cobertura em telha cerâmica de Marselha, de forma a que a sua identidade não se perdesse. É de notar que muitos destes elementos foram observados na análise feita acerca das materialidades existentes nos diversos pátios e vilas da Graça.

A sua reabilitação foi pensada da forma mais cuidada possível, mantendo toda a sua fachada principal, que faz frente para a Rua da Graça, tanto os azulejos que o revestem, como a sua caixilharia e cor.

Porém, para além da hierarquia que é necessária ser perceptível no espaço, para a própria orientação do homem, a forma como esses espaços são caracterizados e identificados também é importante. Desta forma, passamos para o nível da importância da luz, cor e matéria.

Neste projecto, procurou-se evitar a desatenção que se observa noutras intervenções acerca da cor como elemento estruturador do espaço, porque “(...) a cor não é só pigmento, e durante a sua curta vida, mesmo as cores pigmentárias assumem um papel fundamental na definição do espaço. O espaço é registado com cor porque a registamos na nossa memória, Nunca se poderá dizer, em suma, que a cor é acessória porque a memória evoca o mundo e este sempre se vestiu de cores.” (Loução,2013:36)

Não nos interessa alterar a memória da comunidade acerca do que aquilo que já lá existe, e sim manter e reforçar essa memória. Manter a identidade e a unidade que se verifica no bairro. Óbvio que se observou que cada edifício na Graça é único, cada um tem a sua ‘própria vestimenta’. “Os edifícios que fazem de fachada são geralmente construções que se enquadram na linha estética da via onde estão implantados, em



Fig. 35 – Caixilharia existente no alçado principal do edifício.



Fig. 36 – Estudo da hierarquia das fachadas na zona de intervenção



Fig. 37 – Pormenor da fachada tardo, com as marquises originais do edifício

nada correspondendo, na maioria das vezes, aos do interior que foram acrescentados posteriormente, aproveitando os logradouros das traseiras.” (Leite, 1991:43)

Como refere Leite na citação anterior, o mesmo não ocorre no interior dos quarteirões. Estes refletem o rápido fenómeno de urbanização da zona, devido ao crescimento de instalações fabris na zona oriental de Lisboa. São quarteirões funcionais, onde se observa a utilização de materiais como o ferro e o vidro, característicos da revolução industrial, reflexos da funcionalidade e da realidade da vida no bairro da Graça. É no interior dos quarteirões, é nos pátios que toda a vida comunitária da Graça ocorre.

Desta forma, se recuperou o tardo original, em marquises, de características gaioleiras – mais uma vez onde o ferro e o vidro então presentes, *“Quando passam a’ marquises’ as janelas são de ferro, muito elegantes, formando rectângulos de pequena dimensão. Muitas destas ‘marquises são originais. São pintadas com tinta de esmalte.” (Appleton, 2005:61).* A ligação entre o corpo A e o corpo B segue essa mesma lógica. Feito em ferro e vidro, reforça a questão identitária do interior do quarteirão.

Seguindo a questão hierárquica presente no espaço, esta também é ilustrada na dimensão dos vãos. Enquanto que no corpo A os vãos são de pequenas dimensões, formando uma espécie de rendilhado, no corpo B são apresentados vãos que derivam da dimensão dos citados anteriormente, porém 2 ou 4 vezes maior. O ferro e vidro mantêm-se, mas é consolidada a diferença entre o que é novo e o que é reabilitado.

Voltemo-nos agora para o interior do edificado. Após definida a paleta de cores do existente, criou-se uma nova paleta, com base na anterior, de forma a que identidade não se perdesse.

Procurou-se definir uma paleta onde cores de pouca saturação fossem introduzidas, de forma a contrabalançar a rica paleta de cores que foram encontradas no levantamento feito *a priori*.

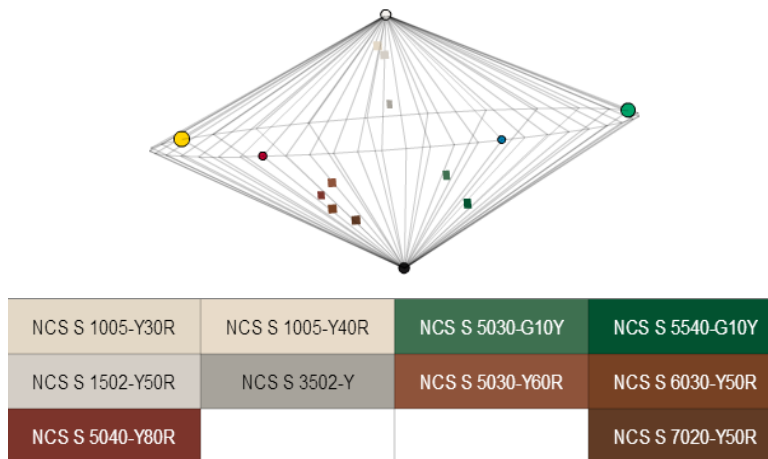


Fig. 38 - Paleta de cores da intervenção, que tem como base a paleta de cores do levantamento, e a sua localização no espaço cromático.

No que toca aos pavimentos, procurou-se reutilizar os que se encontram no edifício. Nos pisos mais públicos manteve-se o uso do mosaico hidráulico, porém este foi substituído por um novo. Nos restantes pisos do corpo A, recuperou-se o pavimento em soalho de pinho existente. *“Os pavimentos de estrutura de madeira são os mais correntes e são sempre utilizados nas diversas ‘assoalhadas’. Estes pavimentos podem ter revestimentos de soalho. o mais vulgar . ou de mosaicos (...)* Nos pavimentos de madeira faz-se em geral, uso do pinho.” (Appleton, 2005:33)

Num âmbito geral, tanto as paredes como os tectos possuem cores pouco saturadas, como o branco (NCS 1005-Y30R) e o cinzento (NCS 3502-Y). É de notar que essas cores embora quase neutras possuem sempre um pouco de amarelo, ou de vermelho, de forma que seja garantida a harmonia com a cor pré-existente. Mas porquê o seu uso? Para que depois, com o recurso a revestimentos como o Valchromat, que é um aglomerado de madeira pigmentada ou os azulejos da Viúva



Fig. 39 – Amostras de madeira de pinho

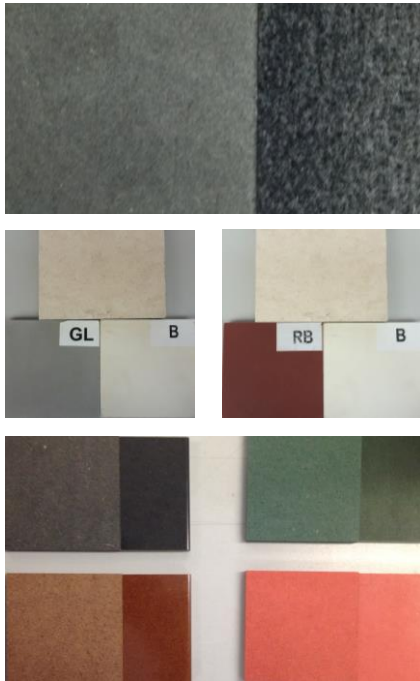


Fig. 40 – Estudo dos materiais e cores a serem utilizados, entre eles o uso da alcatifa, do Valchromat, do Lioz e do mosaico hidráulico da Studioforma.

Lamego, fosse possível marcar as zonas de transição – de recepção; as zonas mais públicas – padaria, cafetaria e recepção do auditório/sala polivalente – a zona das instalações sanitárias e do núcleo de acessos verticais.

Num edifício público, é importante estas zonas estarem facilmente identificadas, para garantir uma melhor referenciação e orientação espacial, promovendo uma melhor utilização do espaço pela comunidade.

No corpo B, construído de raiz, observamos os mesmos materiais utilizados no corpo A, garantindo a ideia de unidade que é necessária estar presente em todo o Centro Comunitário, para que a lógica da identificação e orientação espacial seja mantida.

No piso 0 do corpo B, verifica-se a utilização dos mesmos materiais utilizados no piso 0 do corpo A; e seguindo uma lógica de positivo-negativo, o pinho existente nos pisos superiores do corpo A, é encontrado no auditório/sala polivalente – localizado nos pisos inferiores do corpo B – como revestimento, tanto nas paredes como no pavimento, quando o auditório é recolhido.

A ideia de unidade e de identidade é reforçada com uma ‘transposição’ da fachada principal do corpo A para a fachada principal do corpo B, com o seu revestimento em azulejo de uma tonalidade semelhante aos já existentes.

As decisões tomadas e as operações escolhidas na reabilitação deste edifício, adaptando-o a um novo uso mais social, procuraram fazer com se houvesse uma unidade entre o novo e o existente: onde poderiam haver dois corpos, completamente distintos pela época de construção, existe como que um só corpo. Podendo ser identificado, quem sabe, assim pela comunidade: aquele edifício é o ‘nosso’ centro comunitário, que devolve aquilo que nos pertence: os pátios, o convívio e que mantém o que temos de melhor, a cultura de bairro e de entajuda.

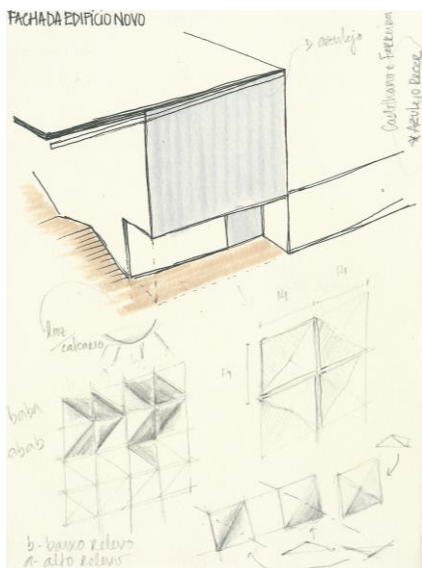


Fig. 41 – Estudo do revestimento da fachada do Corpo B

IV. QUARTA PARTE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste Projecto Final de Mestrado, após investigação, análise e a decorrente procura de soluções para os problemas que surgiram durante este período, posso dizer que, pessoalmente, cresci juntamente com o projecto. Adquiri novos conhecimentos e competências, conforme o projecto amadurecia e ganhava forma.

Durante a análise das colinas Lisboetas, mais concretamente da colina da Graça, observou-se que ali a vida era particularmente diferente das outras zonas da cidade. A vivência entre pátios e ruas fazem da colina não um conjunto de freguesias, mas um conjunto de bairros, onde a relação entre as pessoas que lá residem ou que lá trabalham é mais forte e está mais enraizada culturalmente.

Foi esta questão da vivência em bairro que levou a que a proposta de intervenção procurasse não ser rejeitada pela comunidade. Que as pessoas vissem aquele espaço como um espaço possível de ser apoderado, tal como ocorreu anteriormente, com o surgimento dos pátios e vilas.

Em termos programáticos, a ideia de estabelecer no bairro da Graça um Centro Comunitário, reflectiu a procura de reforçar a cultura bairrista, que com a desertificação e degradação dos bairros históricos de Lisboa, se tem vindo a perder. Assim, para além de tentar promover a reabilitação do edificado envolvente, procurámos uma ‘acupuntura urbana’ tal como a que se tem observado, por exemplo, na Mouraria e no Intendente, onde os espaços são devolvidos à comunidade e promovem o apoio social, evitando assim o isolamento das pessoas na terceira idade, dando formação a quem necessita de qualificações para trabalhar e promovendo uma melhor

qualidade de vida para todas as faixas etárias daqueles que ali residem.

Durante o âmbito projectual, questões acerca da relação interior/exterior e da hierarquia espacial existente na Graça foram analisadas e pensadas de forma a que a intervenção proposta não pudesse ser rejeitada tanto pelas pessoas que ali vivem, como por aqueles que ali passam e visitam, e que por vezes se sentem como ‘um estranho no ninho’, inibidos psicologicamente de visitar os pátios ou outros espaços.

Projectar para os outros, principalmente um espaço público, acaba por ser um processo muito subjectivo relativamente à tomada de decisões, daquilo que pode ser melhor ou pior para a comunidade, do que é apropriado ou não, para a manutenção da identidade do bairro e para uma melhor qualidade de vida. Assim, o trabalho em campo e a observação da vivência no bairro foram uma mais valia na procura da melhor solução.

Penso que todo o trabalho aqui realizado, e todas as decisões tomadas fazem com que os objectivos propostos tenham sido atingidos, principalmente através do estudo da luz, cor e matéria, na forma como esta temática foi abordada na reabilitação arquitectónica e como esta pode influenciar as pessoas, o seu bem-estar, a percepção visual do espaço e a sua identificação com este.

V. QUINTA PARTE

BIBLIOGRAFIA

- LIVROS

- Aguiar, J. (2005). *A Cor e a Cidade Histórica*. Porto: Publicações FAUP.
- Araújo, Noberto de. (1993). *Peregrinações em Lisboa*, vol VIII. Lisboa: Vega.
- Appleton, J. G. (2005). *Reabilitação de Edifícios Gaioleiros – um quarteirão em Lisboa*. Amadora: Edições Orion
- Bachelard, G. (2005). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes
- Baptista, A.J.M. – dir. Martinho, M. A. – dir. (1996). *Programas Urban e Reabilitação Urbana – Revitalização de Áreas Urbanas em Crise*. Lisboa: DGDR.
- Birren, F. (1978). *Colour and Human Response*. New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Botelho, S.S. (2010). *Espaços de Transição – Preservação da Privacidade e Estímulo do Contacto Social*. Tese de Mestrado. Não Publicada. Lisboa: FAUTL
- Calado, M. Ferreira, V. M. (1993). *Lisboa: freguesia da Graça – Guias Contexto*. Lisboa: Contexto.
- Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro de Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos. (1993). *A Cor de Lisboa [depoimentos do Amigos de Lisboa]*. Lisboa: C.M.-P.R.U.N.H: Amigos de Lisboa
- Choay, F. (2013). *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70
- Cullen, G. (1983). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.
- Dias, M (2013). *Projectar com Luz, Cor e Matéria: Reabilitação do Pátio dos Peixinhos como edifício de formação sénior*. Tese de Mestrado. Não Publicada. Lisboa: FAUL
- Fernandes, José Manuel (1993). *Arquitectura Modernista em Portugal*. Lisboa: Gradiva
- Hall, E. (1986). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Hertzberger, H. (1980). *Shaping the Environment*. Mikellides, Byron (ed.). *Architecture for People*. London : Studio Vista.
- Hertzberger, H. (1999). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.
- Loução, D. (1992). *Cor: Natureza, Ordem, Percepção*. Tese de Doutoramento, não publicada. Lisboa: FAUTL.

- Loução, D. (2013). Paisagens Interiores Para um Projecto de Arquitectura. Casal de Cambra: Caleidoscópio
- Lynch, K. (1982). A Imagem da Cidade. Lisboa: Edições 70.
- Mazahéri, A. (1961). A vida quotidiana dos Muçulmanos na Idade Média: século X – século XIII. Lisboa: Livros do Brasil
- Merleau-Ponty, M. (1999). Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes.
- Monteiro, A. (2004). Pátios e vilas: Graça, Santa Engrácia e Penha de França. Trabalho não publicado. Lisboa: FAUTL.
- Muga, H. (2005). Psicologia da Arquitectura, Coleções ensaios. Lisboa: Gailivro
- Norberg-Schulz, C. (1975). Nuevos caminos de la arquitectura: Existência, espacio y arquitectura. Trad. (versão castelhana) de Adrian Margarit. Barcelona: Editorial Blume
- Pereira, N. T. (1994). ‘Pátios e Vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário’, *Análise social – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, Vol. XXIX, 509-524.
- Pereira, N. T., Buarque, I. (1995). Prédios e Vilas de Lisboa. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pernão, J. (2012). A Cor como Forma do Espaço Definida no Tempo: Princípios Estéticos e Metodológicos para o Estudo e Aplicação da Cor em Arquitectura e nas Artes. Tese de Doutoramento, não publicada. Lisboa: FAUTL.
- Pernão, J., Durão, M.J. (2006). Elementos para um Novo Entendimento da Cor como Geradora do Espaço e do Tempo, *Artitextos* nº3, Dez 2006, pp.149-178. Lisboa: Centro Editorial da FAUTL.
- Pernão, J. (2005). Interpretação da Realidade como Variação da Cor pela Luz no Espaço e no Tempo. Dissertação de Mestrado, não publicada. Lisboa: FAUTL.
- Rasmussen, S. E. (1998). *Arquitectura Vivenciada*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rodrigues, M. J. M. (1979). Tradição, Transição e Mudança — A Produção do Espaço Urbano na Lisboa Oitocentista, Assembleia Distrital de Lisboa.
- Salgado, M. (2006). Atlas Urbanístico de Lisboa. Lisboa: Argumentum
- Santana, F., Sucena, E. (1994). *Dicionário da História de Lisboa*. Sacavém: Carlos Quintas & Associados – Consultores.
- Smithson, A. (1974). *Team 10 primer* (ed). Londres: MIT Press

Vilhena, M. M. (2012). Espaços de Transição: Confronto entre exemplos de arquitectura do passado e do presente. Tese de Mestrado, não publicada. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa – Faculdade de Arquitectura e Artes.

Zumthor, P. (2006). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili, SL.

DOCUMENTO ELECTRÓNICO

ICOMOS – The international Charter for the conservation and restoration of Monuments and Sites, Veneza, 1964, *in* http://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf

SILVA, E. P. (2000). Património e Identidade – Os desafios do turismo cultural, *in* <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1713/1/217-224.pdf>

TOPONÍMIA DAS RUAS DE LISBOA – <http://www.cm-lisboa.pt/toponimia>

Número de palavras: 14.838

ANEXOS

PESQUISA NO ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

REFERÊNCIAS

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO OBJECTO DE ESTUDO

PROCESSO DE TRABALHO

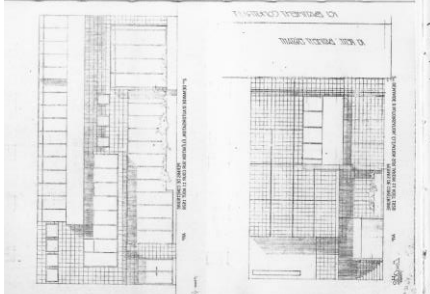
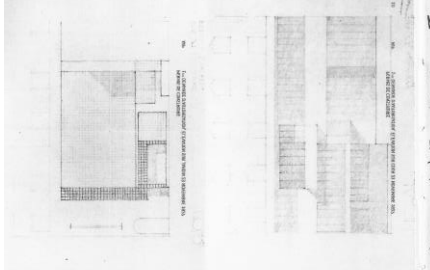
MAQUETAS DE ESTUDO

MAQUETAS FINAIS

PEÇAS DESENHADAS / PAINÉIS

MAISON DE VERRE PIERRE CHAREAU
PARIS, FRANCE 1928-1932

A métrica das azulejas
com a métrica dos marques
para estabelecer simetrias
em termos de fachada



DESIGNED BY PIERRE CHAREAU AND BERNARD BIVORT, THE MAISON DE VERRE IS A MILESTONE IN EARLY MODERN ARCHITECTURAL DESIGN. BUILT IN 1932, THE HOUSE USES VARIOUS INDUSTRIAL AND MECHANICAL FIXTURES JUXTAPOSED WITH A TRADITIONAL STYLE OF HOME FURNISHINGS ALL UNDER THE TRANSPARENCY AND LIGHTNESS OF THE FACADE.

UNABLE TO EXPEL AN ELDERLY WOMAN ON THE TOP FLOOR, THE HOUSE WAS ENGRAVED UNDERNEATH AN EXISTING APARTMENT. AS SUCH, THE HOUSE USES SKELETON FRAME STEEL CONSTRUCTION ALLOWING A FREE PLAN AND THE USE OF OMNIPRESENT LIGHTWEIGHT MATERIALS, SUCH AS GLASS AND GLASS BLOCK.

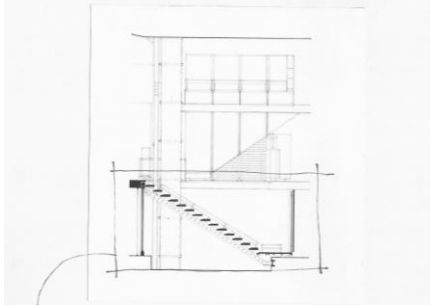
AN INTERESTING ASPECT OF THIS HOUSE IS THE UBQUITOUS MECHANICAL FIXTURES. ON THE GROUND FLOOR WAS A MEDICAL SUITE FOR DR. JEAN DALSACE. THIS UNUSUAL CIRCULATION ARRANGEMENT WAS RESOLVED BY A ROTATING SCREEN WHICH HID THE PRIVATE STAIRS FROM PATIENTS DURING THE DAY, BUT FRAMED THE STAIRS AT NIGHT. OTHER MECHANICAL COMPONENTS INCLUDE AN OVER HEAD TROLLEY FROM THE KITCHEN TO DINING ROOM, A RETRACTING STAIR FROM THE PRIVATE SITTING ROOM TO A BEDROOM, AND COMPLEX BATHROOM CUPBOARDS AND FITTINGS.

SPATIAL DIVISION INSIDE IS CUSTOMIZABLE BY THE USE OF SLIDING, FOLDING, AND ROTATING SCREENS IN GLASS, SHEET OR PERFORATED METAL.

THE HONESTY OF MATERIALS, VARIABLE TRANSPARENCY OF FORMS, AND THE JUXTAPOSITION OF 'INDUSTRIAL' MATERIALS AND TRADITIONAL HOME DECOR MAKES MAISON DE VERRE A LANDMARK IN 20TH CENTURY ARCHITECTURE.

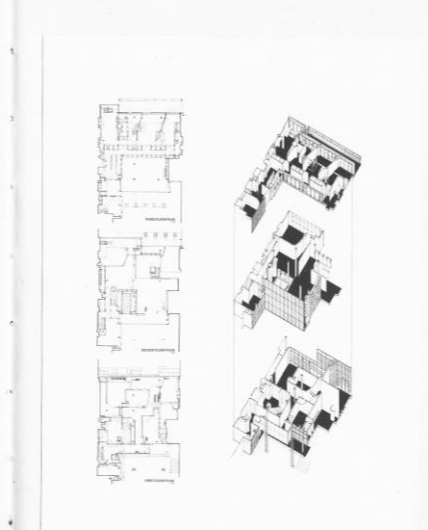
in: <http://www.archdaily.com/34077/ad-classic-maison-de-verre-pierre-chareau-bernard-bivort>

MAISON DE VERRE



UTILIZAR ESTA LÓGICA CONSTRUCTIVA PARA AS ESCADAS EXTERIORES

MAISON DE VERRE



QUE NOS LEVAM DA COTA -80 ATÉ A COTA -82,5.

MAISON D ARCHITECTURE
 LA MAISON DE L'ARCHITECTURE en Ile-de-France - PARIS

LA MAISON DE L'ARCHITECTURE EST UN LIEU CULTUREL DE MISE EN DEBAT DE LA FABRICATION DE LA VILLE, UN LIEU DE PROMOTION DU PLAISIR - ET DU DÉSIR - D'ARCHITECTURE, UN LIEU DE PARTAGE DU SENSIBLE ENTRE MAÎTRES D'OUVRAGE ET MAÎTRES D'ŒUVRE, UN LIEU DE CRUISEMENT ENTRE L'ARCHITECTURE ET LES AUTRES CHAMPS - ET HORS CHAMP - ARTISTIQUES, UN LIEU DE FORMATION À LA VILLE ET À LA CULTURE URBAINE ET ARCHITECTURALE.

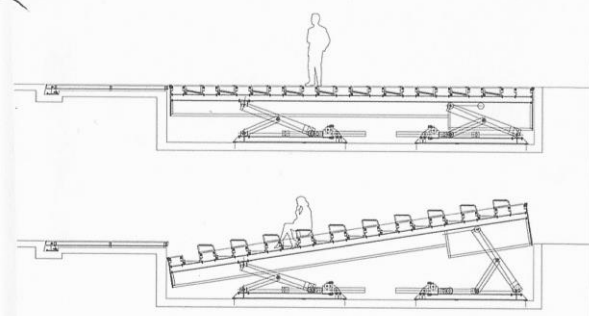


(...)
 ENFIN, LA MAISON DE L'ARCHITECTURE S'INSCRIT DANS L'ACTUALITÉ URBAINE DE LA RÉGION - CONFÉRENCE CITOYENNE DE LA VILLE DE PARIS ET OBJECTIFS DE PARIS-MÉTROPOLE ET DU SDRIIF, ATELIERS DE CRÉATION URBAINE, PROJETS DE CONFÉRENCES SUR LES NOUVEAUX QUARTIERS URBAINS AINSI QUE SUR LES GRANDS PROJETS MÉTROPOLITAINS AVEC LES ÉTABLISSEMENTS PUBLICS D'AMÉNAGEMENT.

in: www.ma-ledeuseau.org/ile-de-france



UTILIZAR ESTE SISTEMA NO AUDITÓRIO? DE FORMA A PROPORCIONAR NOVOS USOS?
 SE BEM QUE JÁ TENHO A SALA DE CONVÍVIO, O JARDIM E O PÁTIO, SENDO ESTES DOIS UMA CERTA CONTINUIDADE DO QUE SE PASSA POR TODA A COLINA.

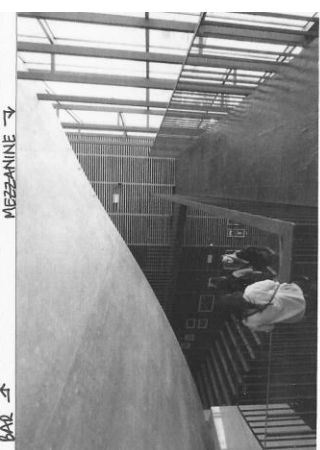
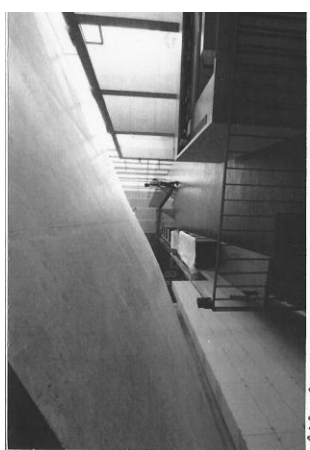


CENTRO CULTURAL DO CARTAXO

CENTRO CULTURAL DO MUNICÍPIO DO CARTAXO - CVDB ARQUITECTOS
 CARTAXO, PORTUGAL - 2001 - 2005

RELAÇÃO ENTRE A PEDRA, O PERLO, A MADEIRA E O BETÃO

MEZZANINE - BAR

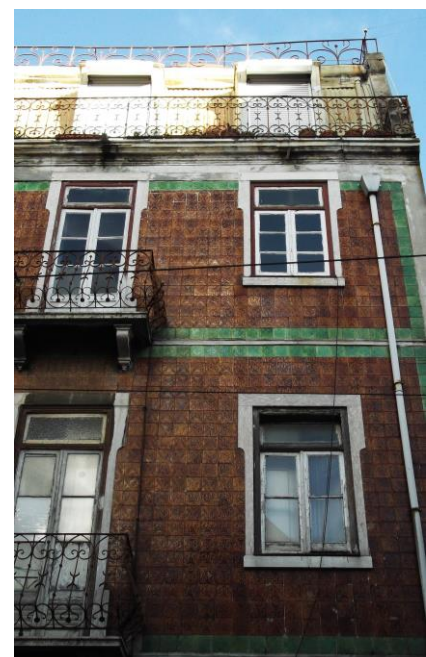


"A SALA MAIS PEQUENA, PARA 90 PESSOAS, É DESTINADA A CINEMA E AUDIÊNCIAS"

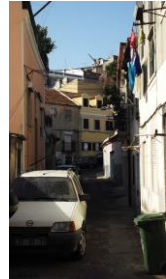
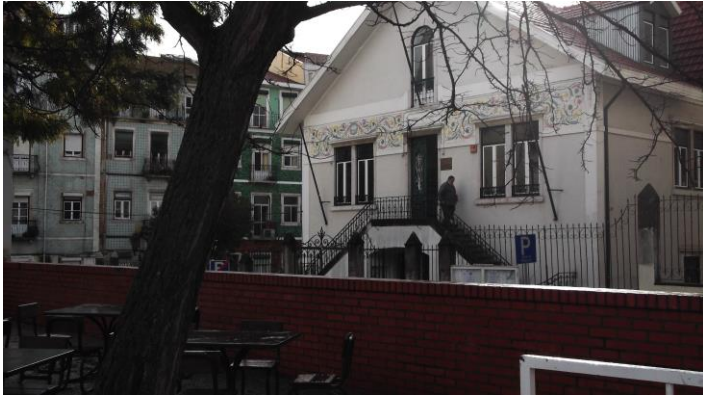
"OS ESPAÇOS DO FOYER PROCURAM CONSTRUIR UMA DIMENSÃO CENOGRAFICA E COLEGIÁICA POTENCIADA ATRAVÉS DE DIVERSAS ESCALAS E DA PRESENÇA DE ELEMENTOS QUE O PONTUAM E ORGANIZAM. O FOYER ESTRUTURA-SE ENTRE A SUPERFÍCIE DE BETÃO E UMA CAIXA DE VIDRO/BIOMBO DE LUZ QUE ~~ILUMINA~~ ILUMINA E ~~ORGANIZA~~ ORGANIZA OS RECURSOS ENTRE OS VÁRIOS PISOS DESTA ESPAÇO. AS PAREDES DA CAVE REVESTIDAS A PLACAS EMILHADAS DE ARDÓZIA ENFATIZAM O SENTIDO DE ESPAÇO ESCULPIDO, ENQUANTO QUE AS PAREDES LATERAIS CONSTITUÍDAS POR RIPADO DE MADEIRA DE PINHO ATRIBUEM UMA CERTA CONTINUIDADE ENTRE OS DIVERSOS ESPAÇOS DO FOYER, O ACESSO À SALA MAIOR É FEITO LATERALMENTE POR ESCADAS REVESTIDAS A ARDÓZIA E POR LAMPAS A PARTIR DO PISO DO MEZZANINE"

in: www.espaco.de.arquitetura.com/index.php?id=60&pid=217

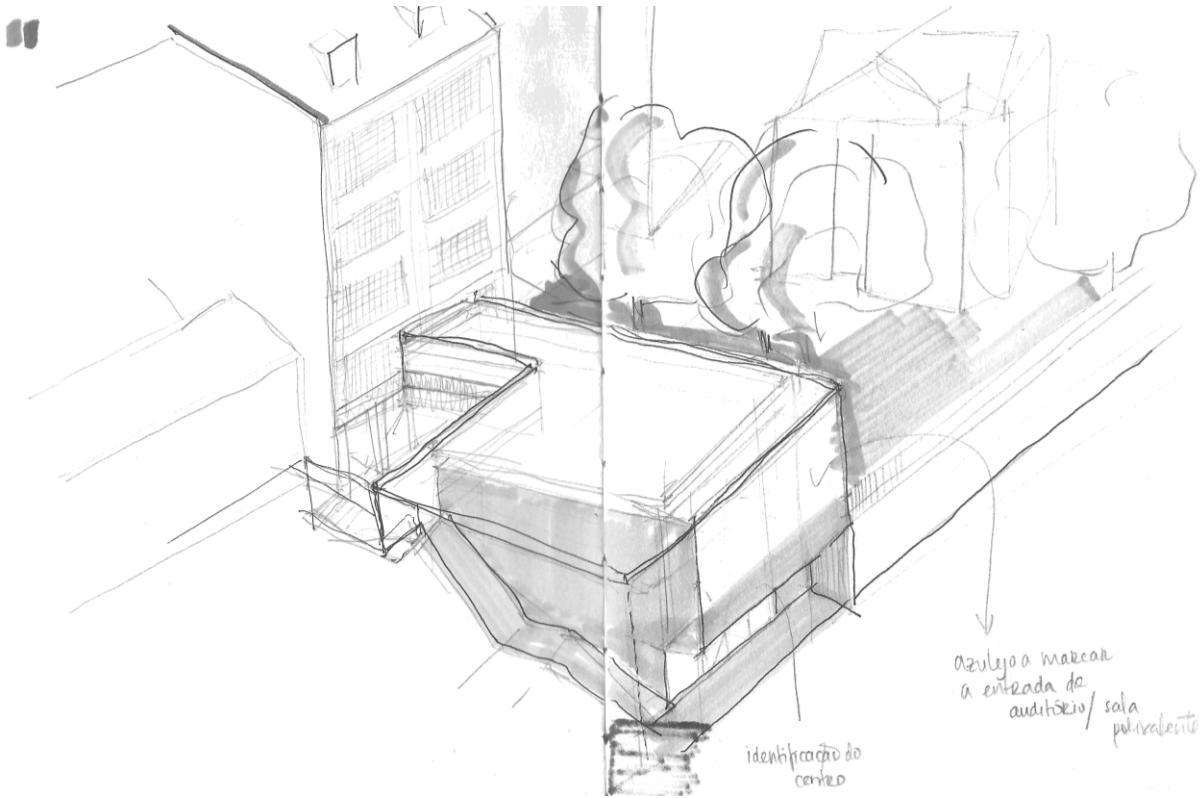
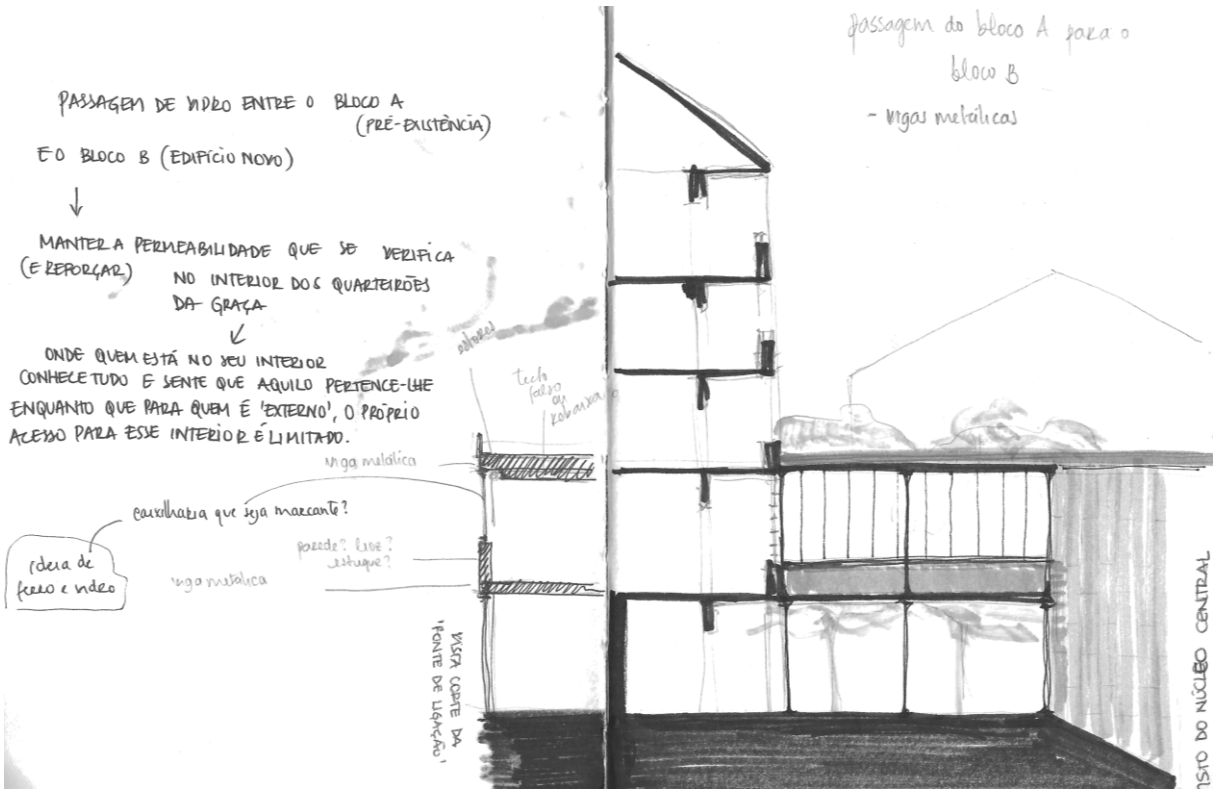
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO OBJECTO DE ESTUDO

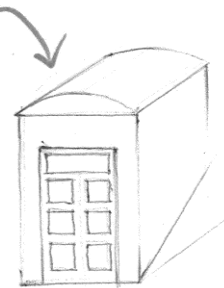






PROCESSO DE TRABALHO
(ESQUIÇOS)



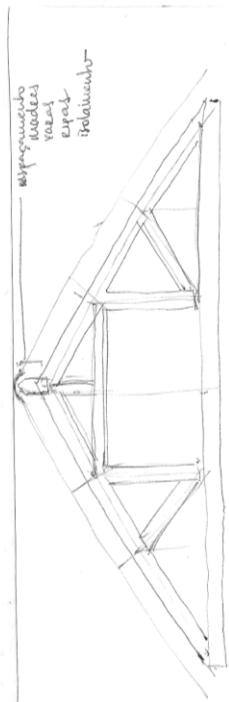
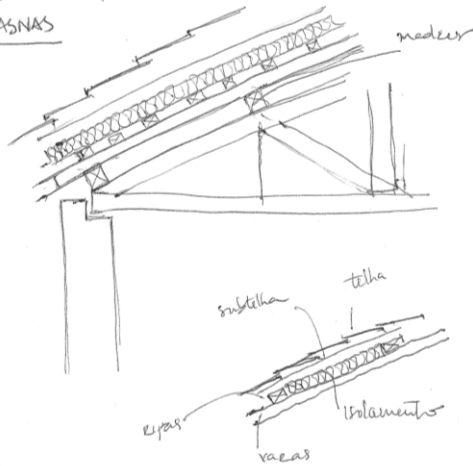


Actuals janelas de
mansarda
como estas janelas
assentam no estufo-
da do telhado?

- * Reinventar a cobertura.
- * Relocalizar a claraboia.

→ Que actualmente
não ilumina a
caixa de escadas,
devidamente

CONSTITUIÇÃO COBERTURA INCLINADA
TELHAS, SUBTELHAS (PLACAS ONDULINE),
ISOLAMENTO, GUARDA-PÓ, RIPAS, VARGAS, MADRES,
ASNAS



x base um estubo com as vargas
descende o isolamento sobre as ripas

COR COMO IDENTIDADE HIERARQUIA ESPACIAL

Espaços a identificar a qualificar

Espaços que 'governam' a população, a comunidade.

- Entradas / Recepção - (zonas mais sociais?) *

- Balcão Padaria / Cafeteria - *

- Núcleo de Distribuição Vertical

↳ Escadas

↳ Elevador

- Instalações Sanitárias

EXCEÇÃO
Acesso ao
Auditório.

↓
por ser parte
integrante

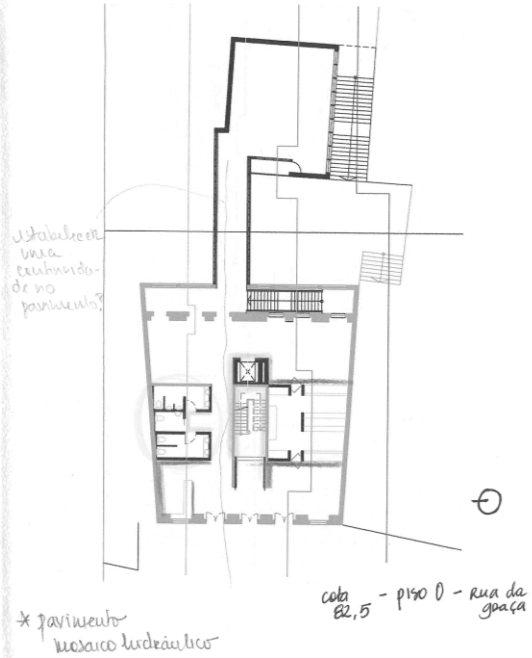
procurar manter a mesma lógica tanto no corpo A (pré-existência) como no corpo B (construção nova)

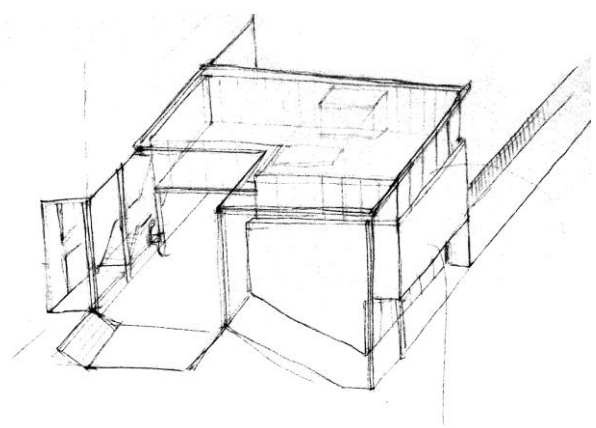
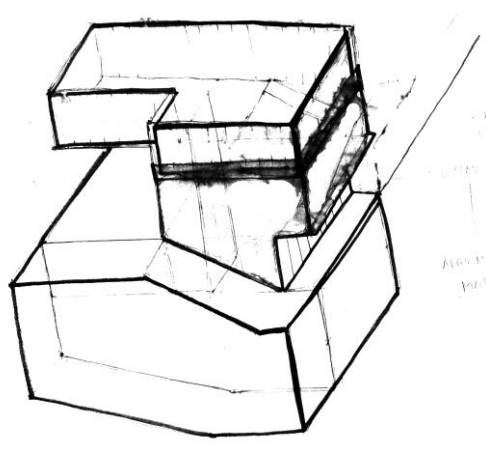
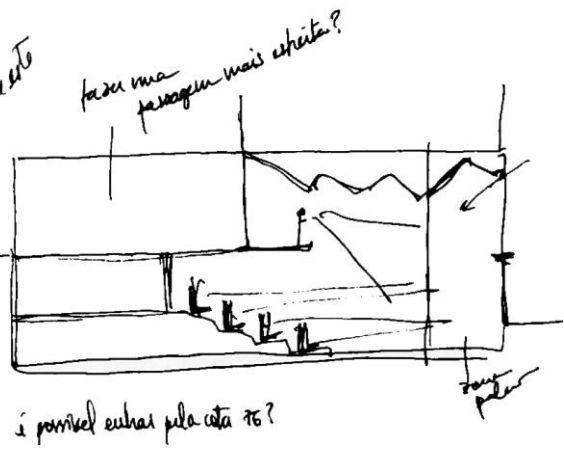
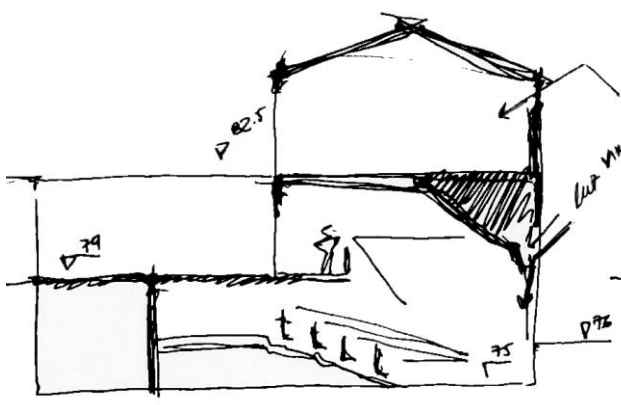
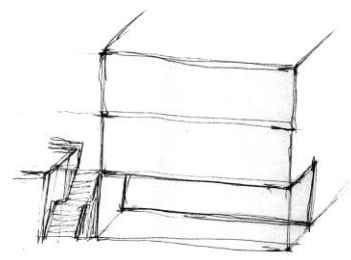
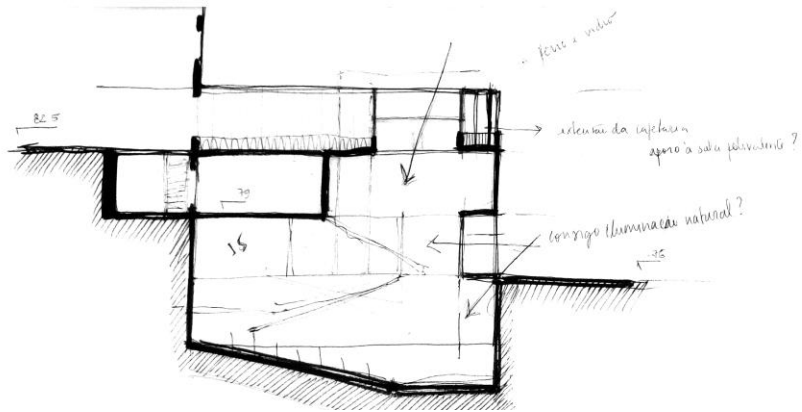
COR DE ESTUQUE

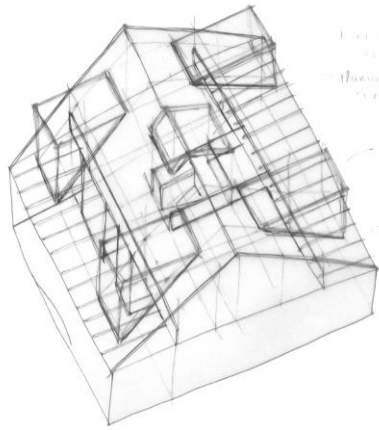
caso não haja apartamentos de cor/matéria.

↳ branco maximo? → 50502-Y

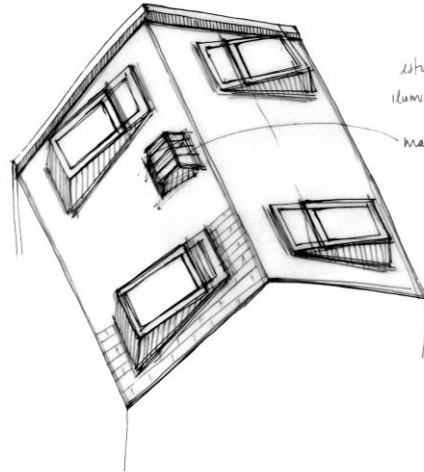
* AS SUAS CORES VARIAM CONFORME O PAVIMENTO EXISTENTES E SÃO REALIZADOS COM BASE VALCHROMAT





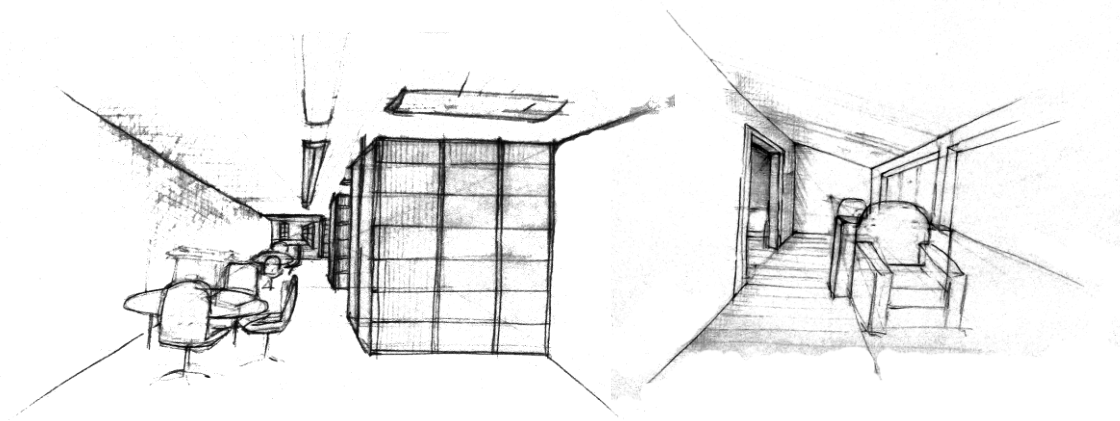
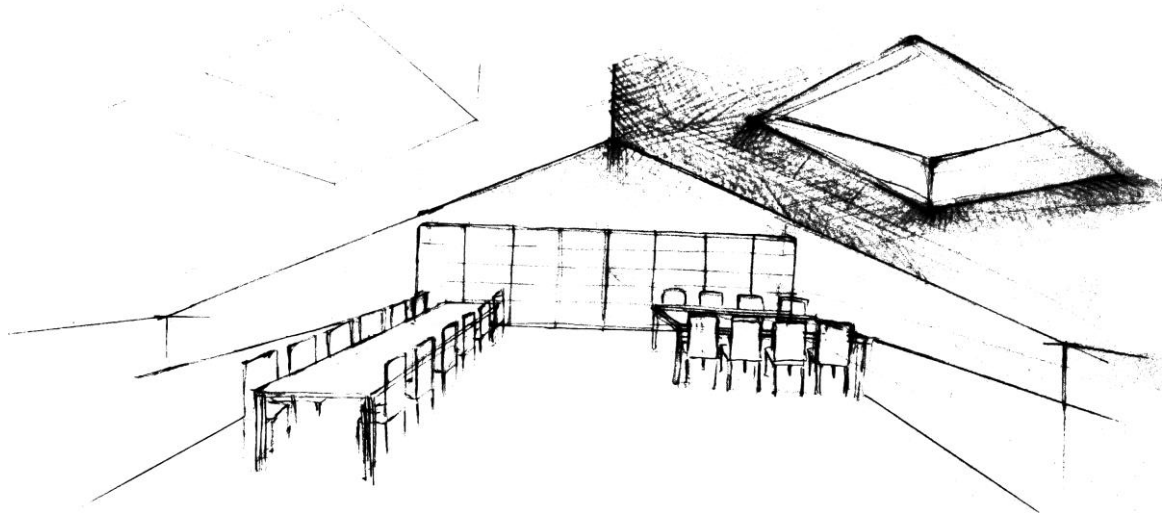


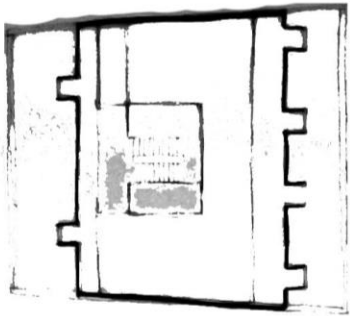
- Eliminar el
 - Mantener la estructura
 - Eliminar el
 - Vigas madera
 - Coberturas



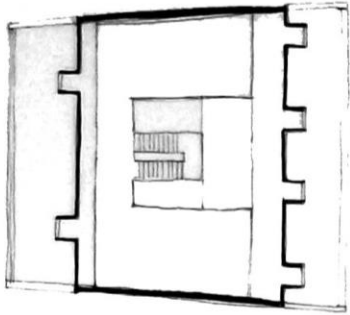
- Estudiar iluminación
 - Iluminar tanto el piso 3 como
 - el piso 4
 - mantener claraboya
 - existente

- El movimiento del agua
 - Casa del árbol - Fuzhou

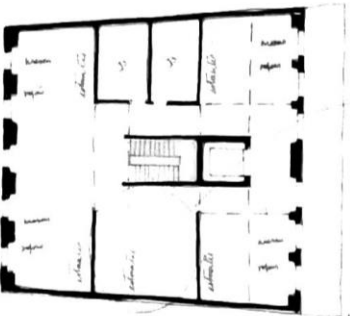




plano 5
11.200

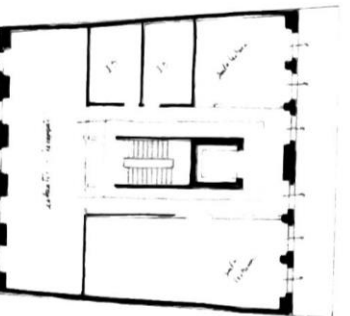


plano 6
11.200



¿puede ser una 'zona de habitabilidad' para algunos espacios?

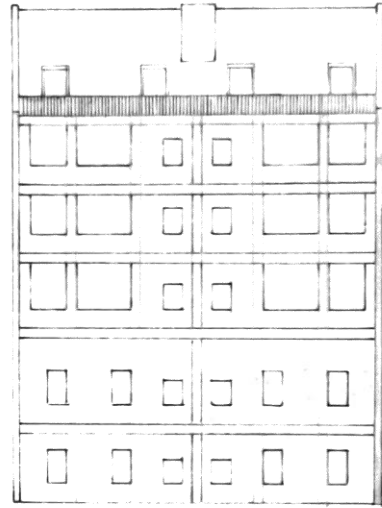
plano 7
11.200



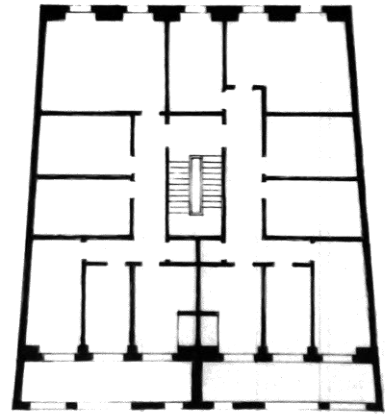
plano 8
11.200

¿cómo se está formando la zona de 'habitabilidad'?

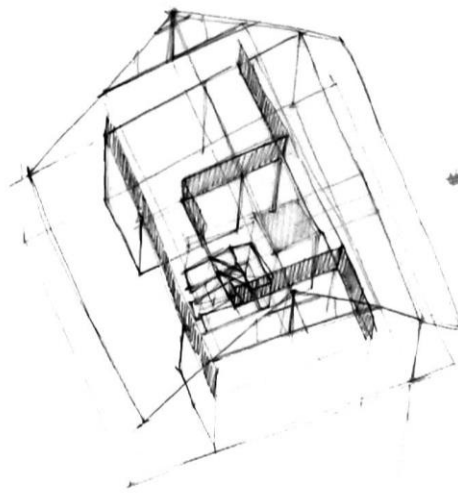
¿cómo se está formando la zona de 'habitabilidad'?



FACIENDA TARDOR
VUE - DIVISION A
foto tomada de foto arquitectonica



plano tipo 4A, B
plano 1, 2 & 3



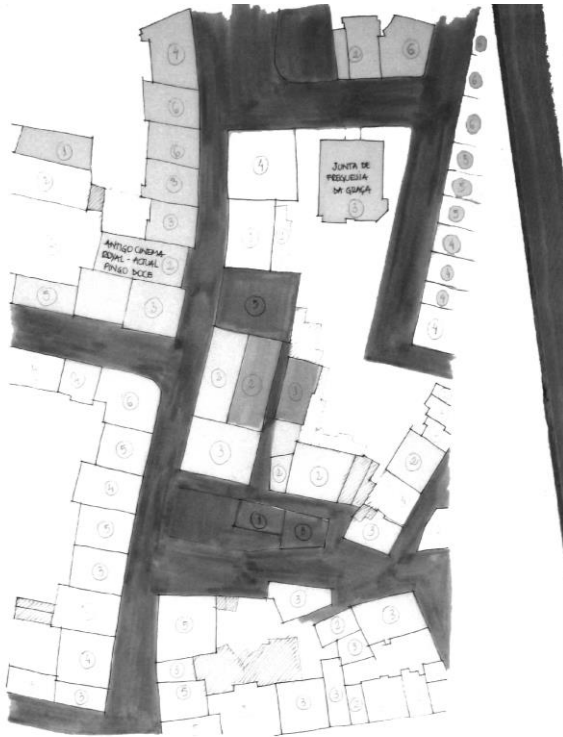
¿cómo se está formando la zona de 'habitabilidad'?

¿cómo se está formando la zona de 'habitabilidad'?

¿cómo se está formando la zona de 'habitabilidad'?

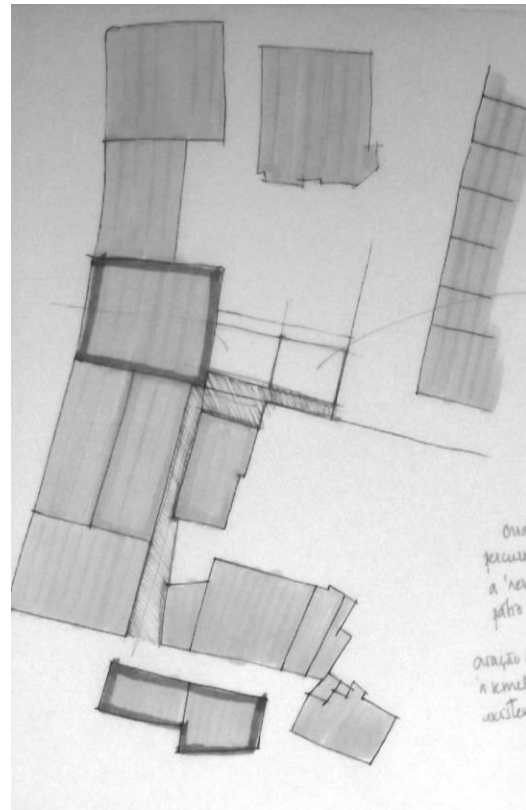
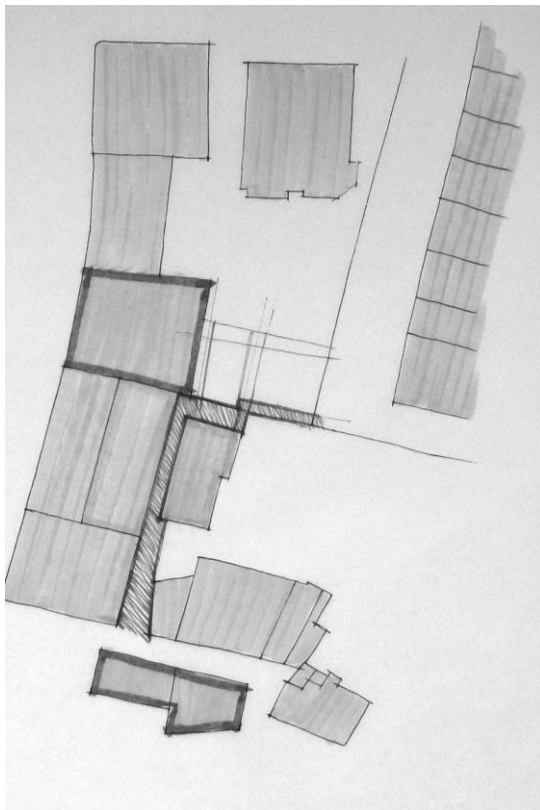
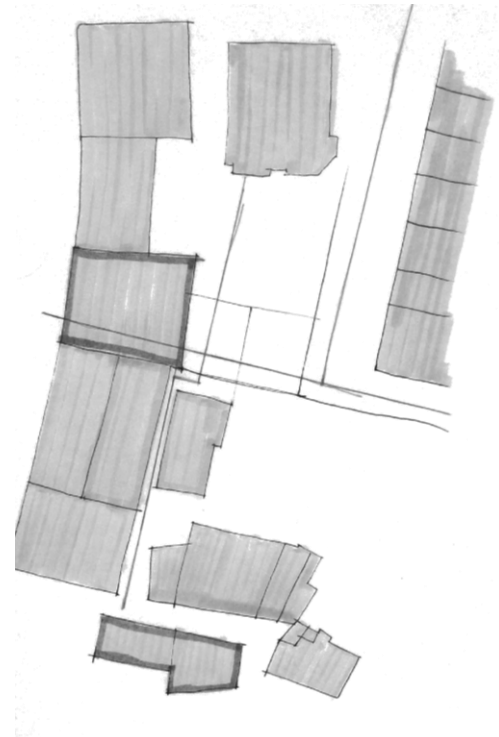
¿cómo se está formando la zona de 'habitabilidad'?

¿cómo se está formando la zona de 'habitabilidad'?



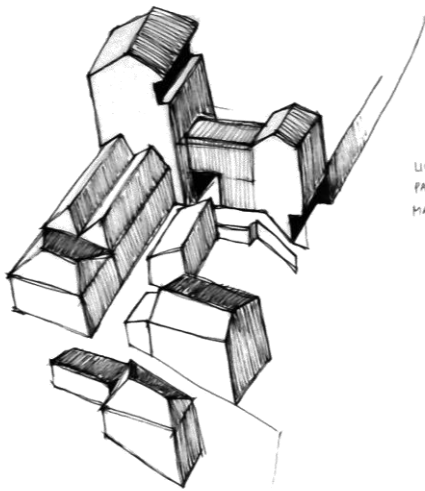
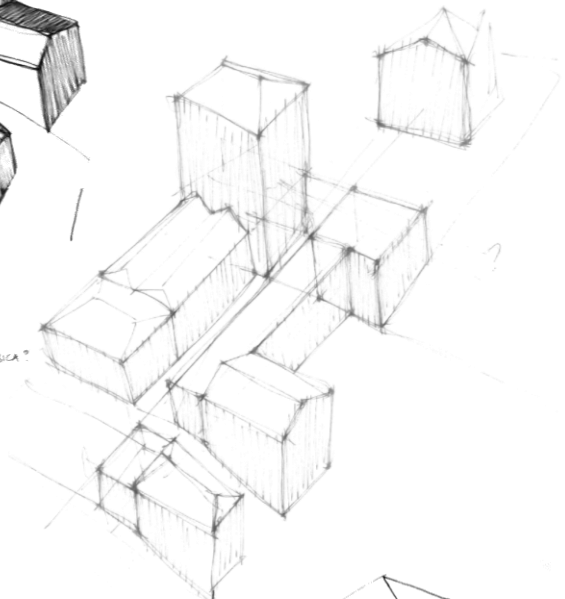
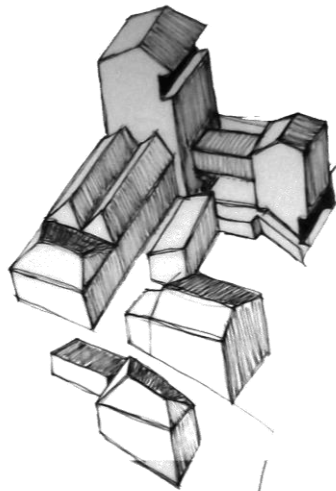
- Espaço público
- Pólo das botas
- Zonas Edificadas antigas
- Número de pisos
- "Projeção"

Projeto de Urbanização do Bairro da Grama
 Engenheiro António Luís





Alto do Tachado de 17 m altura do B. Avenida de Brasília

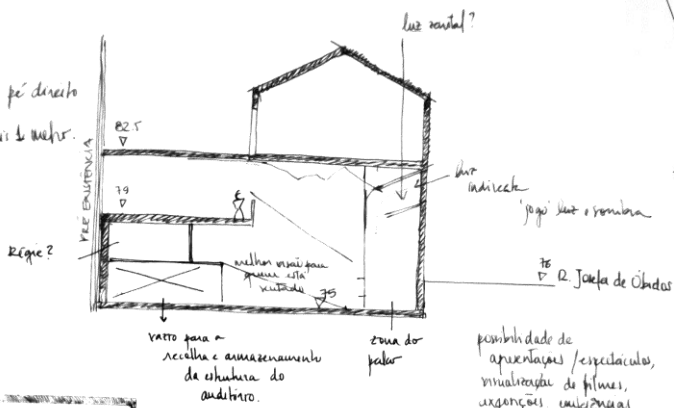


LIGAÇÃO MACISA?
PASSAGEM DEMASIADO CLAUSTRADA?
MADE PILED?

mas é falta a iluminação?

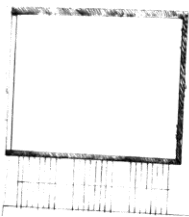
▽ 76

momentar p/ direito
desce mais 1 m.

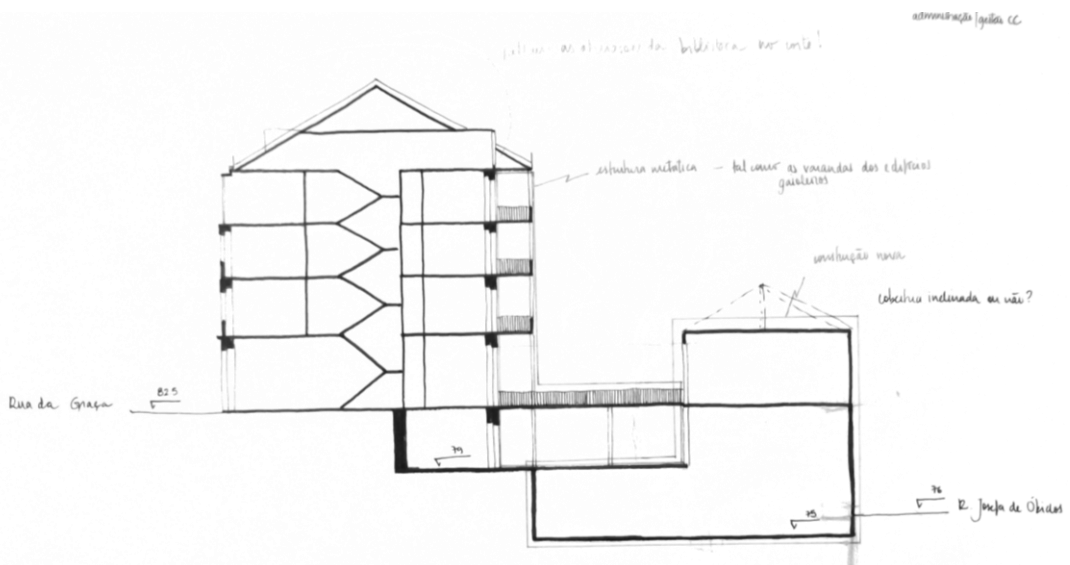
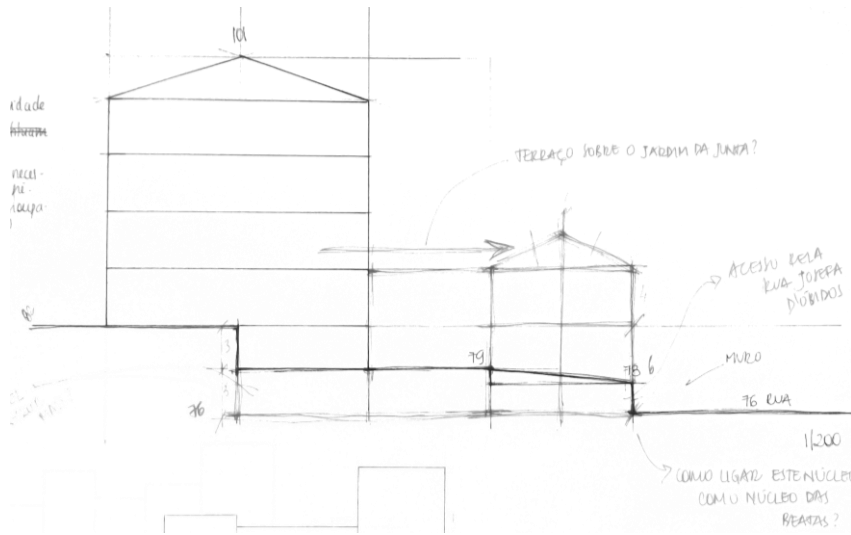
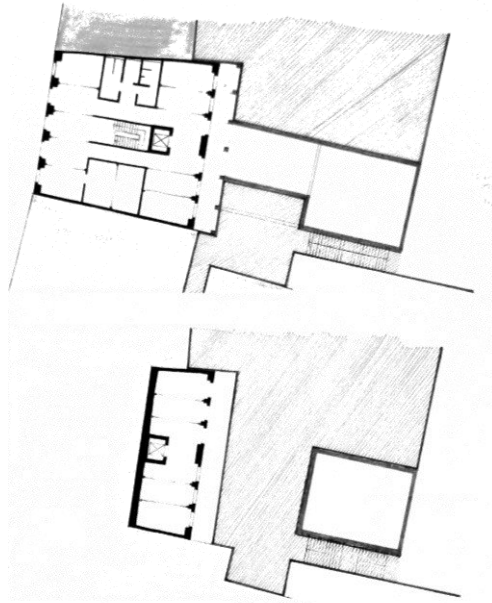


possibilidade de
apresentações / espetáculos,
visualização de filmes,
arguções, empizações

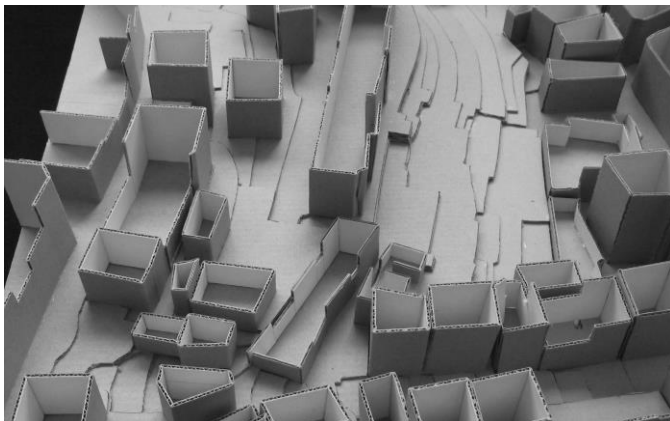
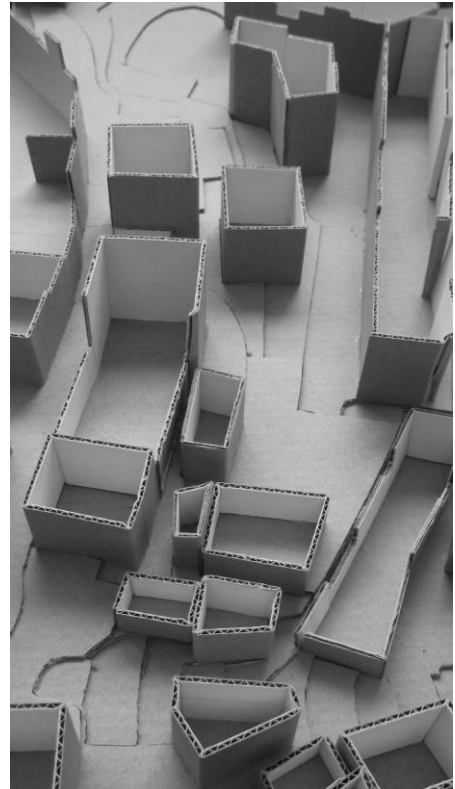
UM ESPAÇO QUE PERMITE
(QUE CELEBRA) A EXISTÊNCIA
DA COMUNIDADE.

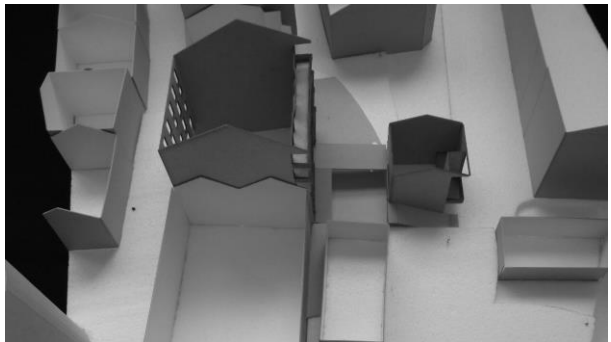
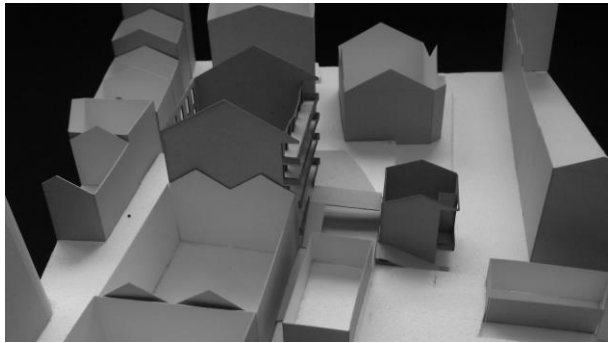
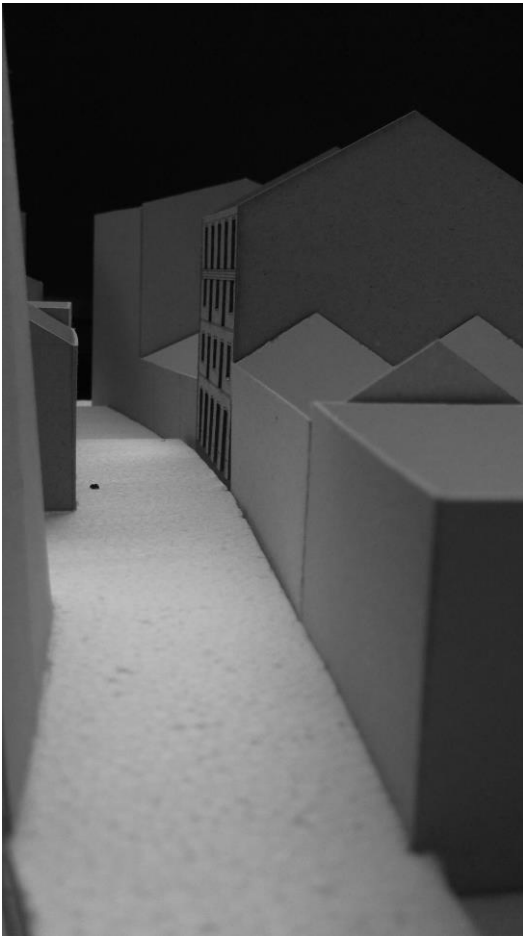
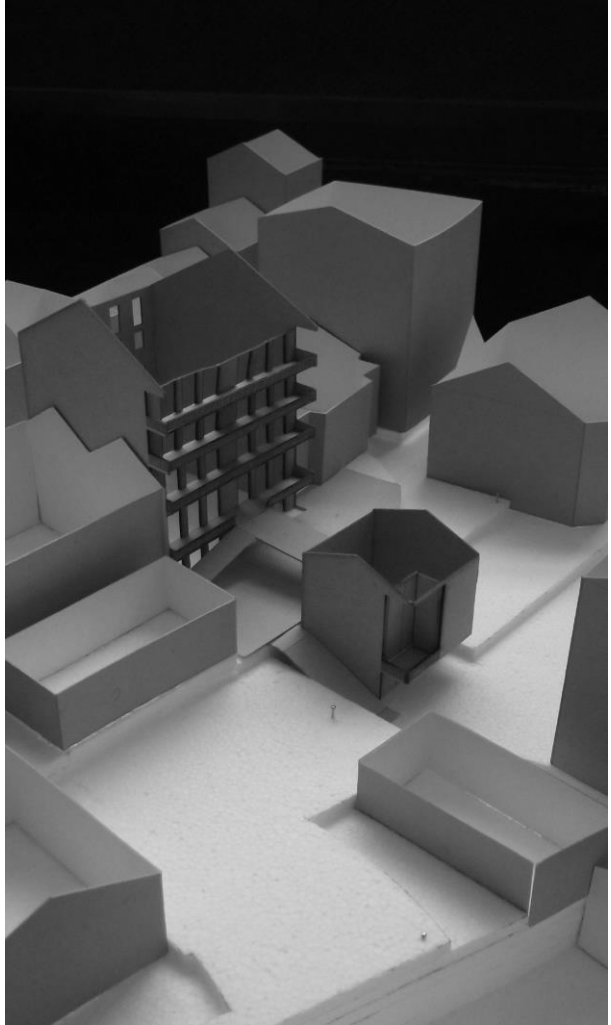
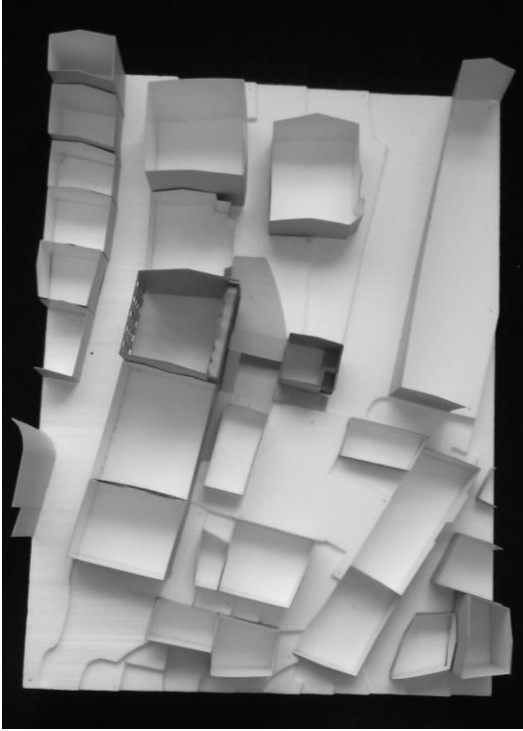


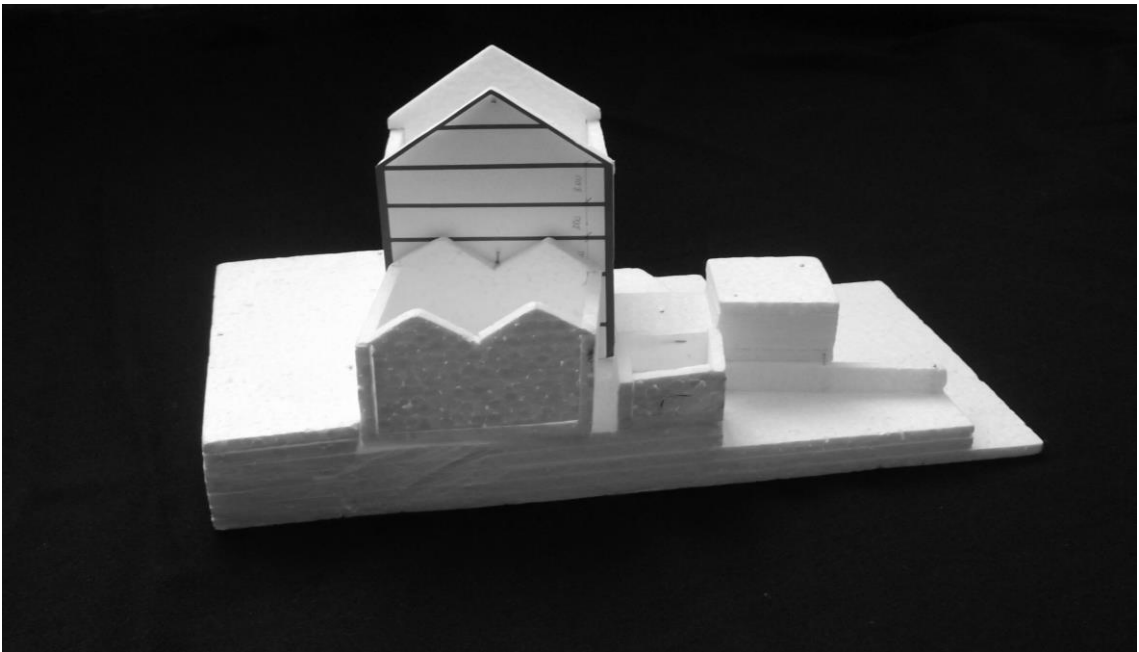
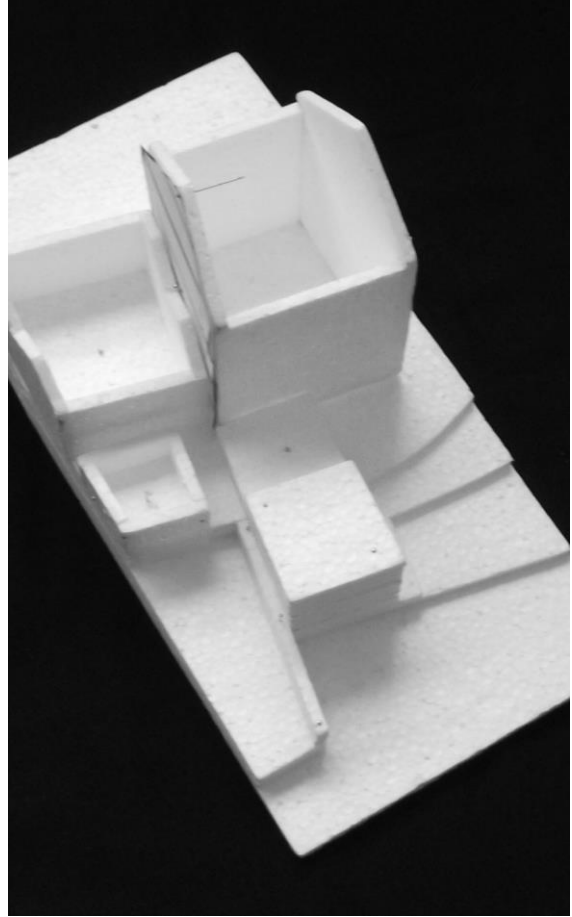
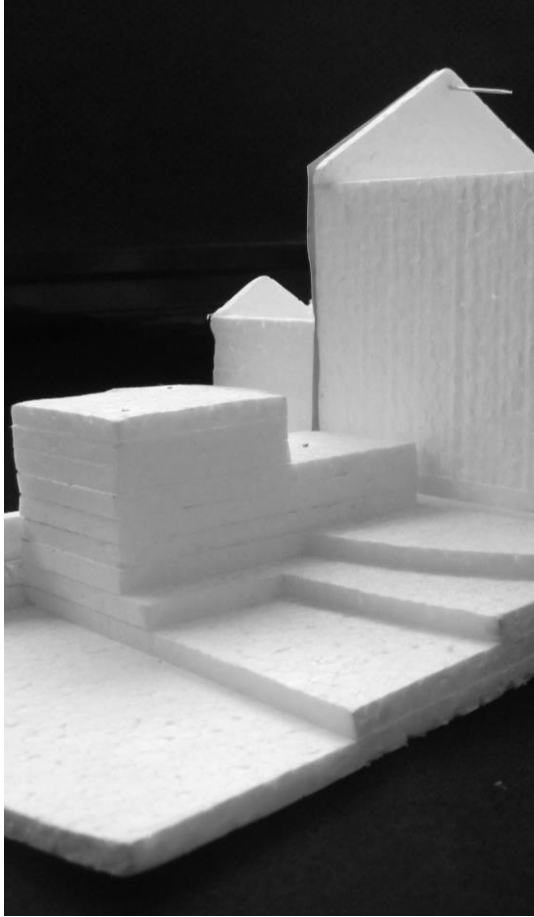
79



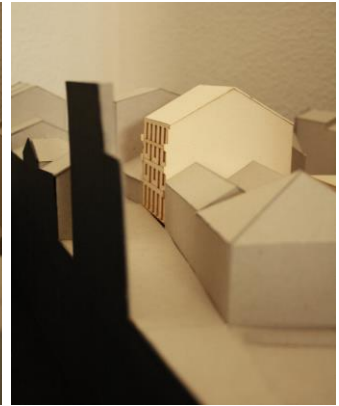
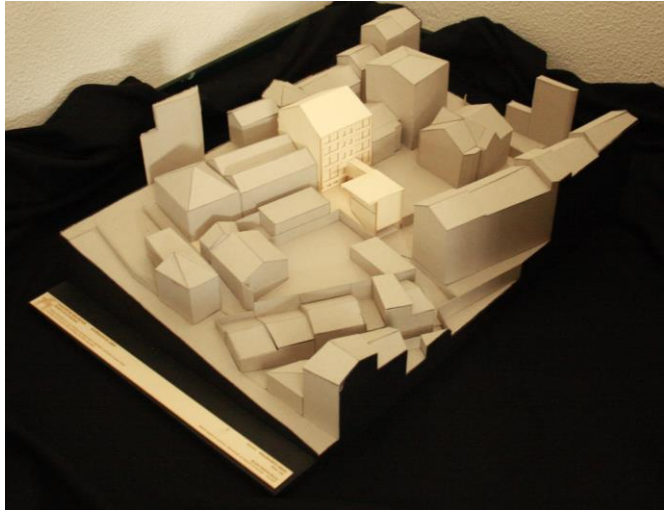
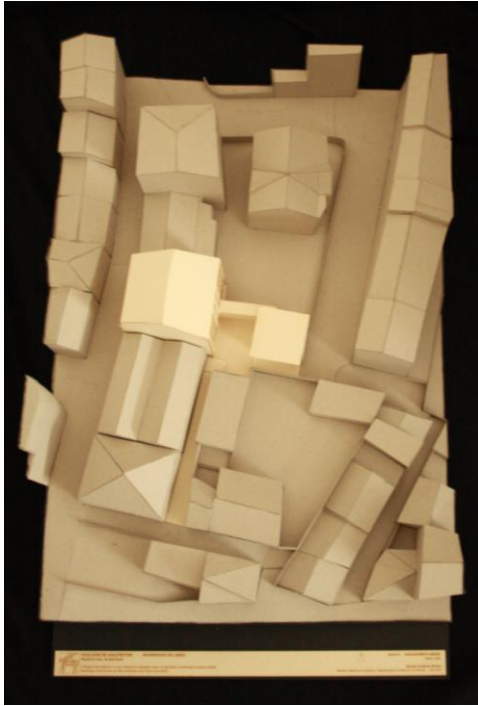
MAQUETAS DE ESTUDO

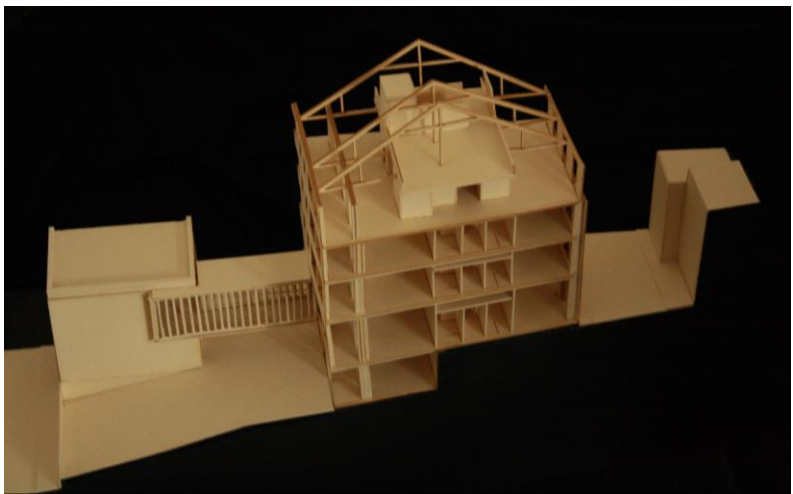
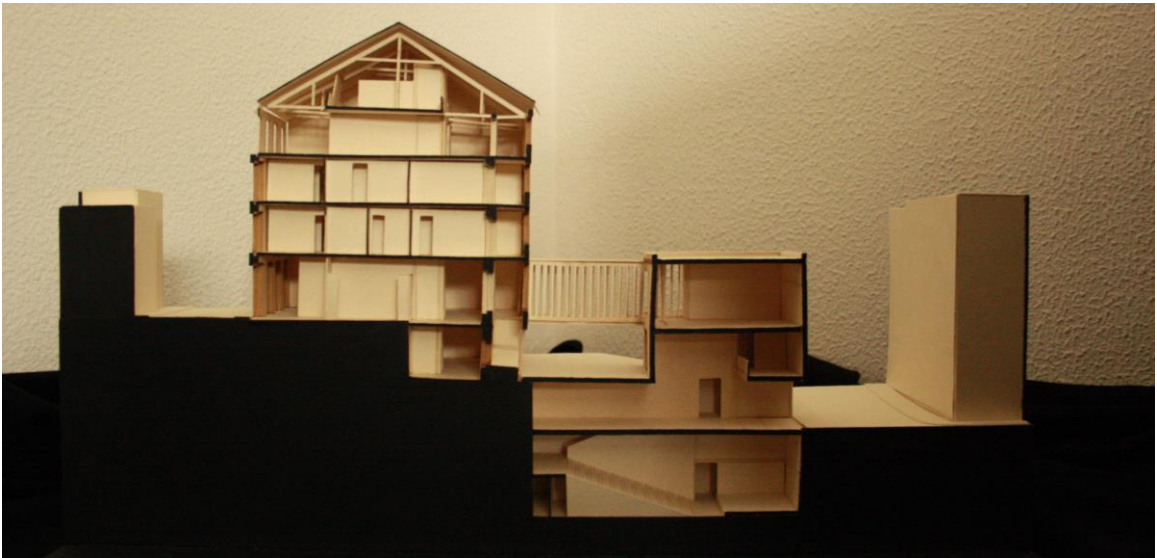
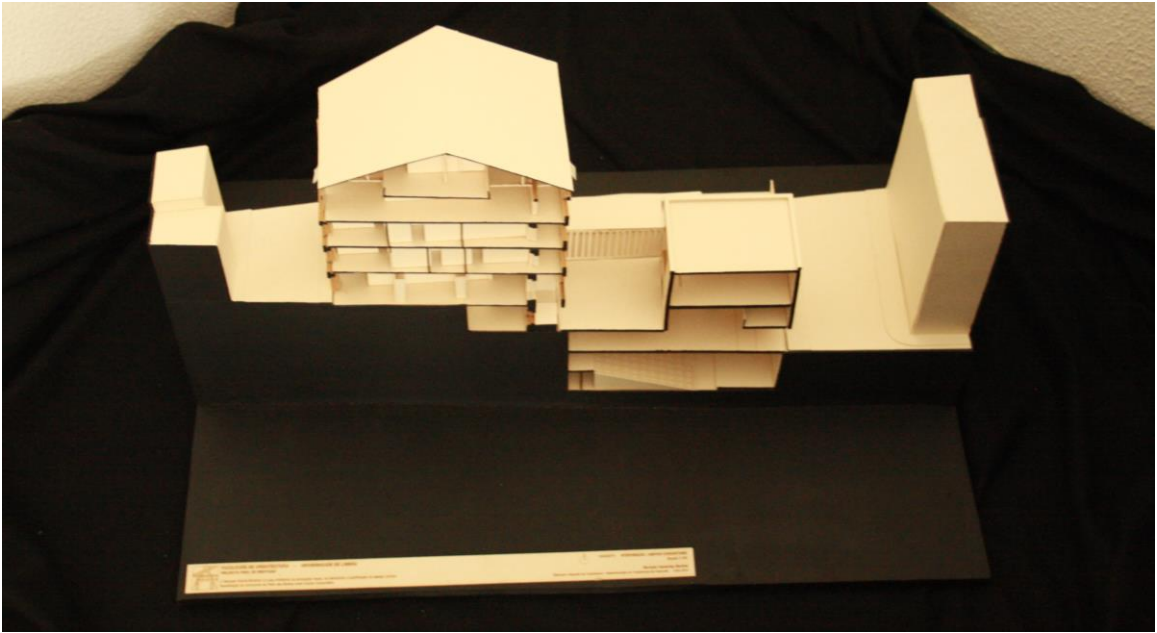




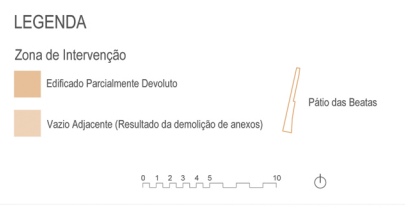
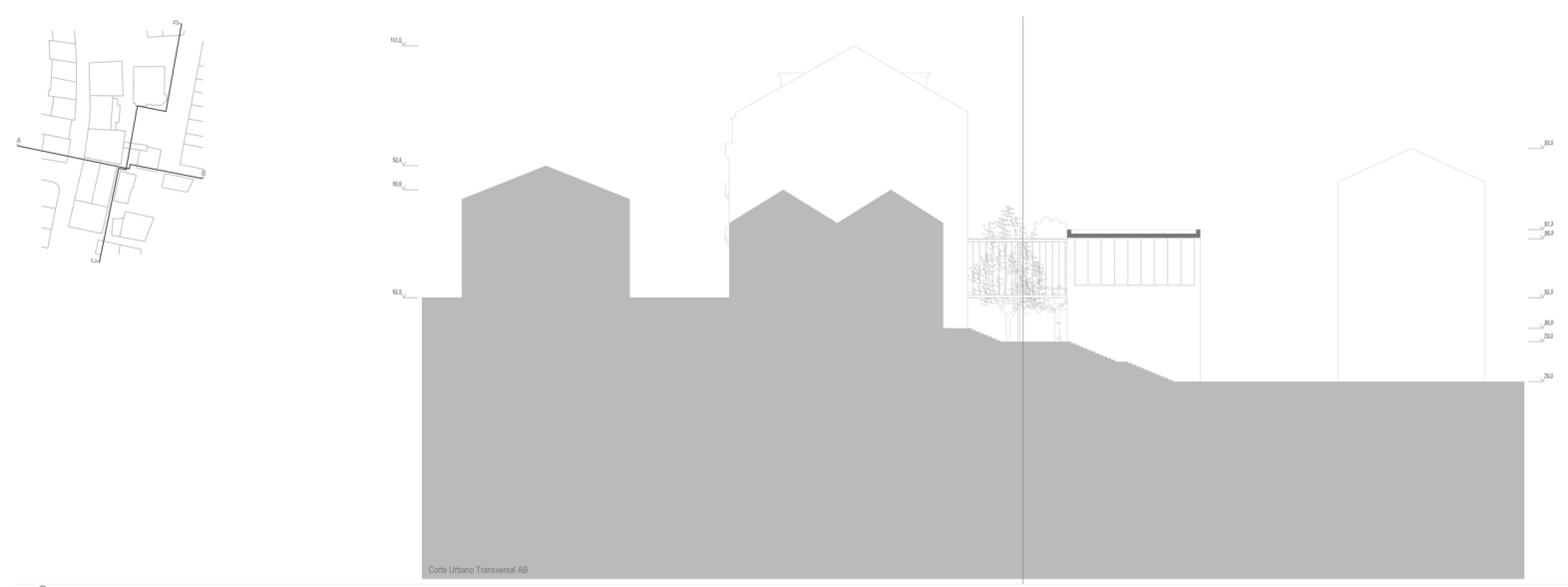
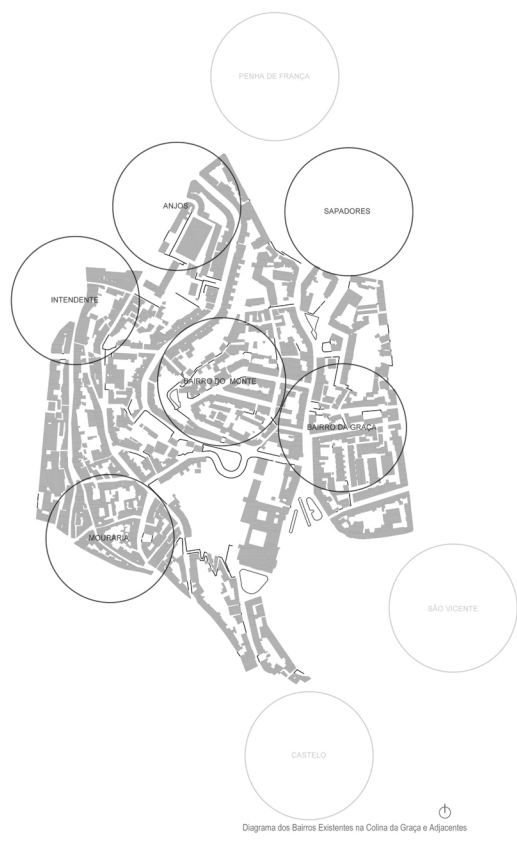


MAQUETAS FINAIS





PEÇAS DESENHADAS / PAINÉIS



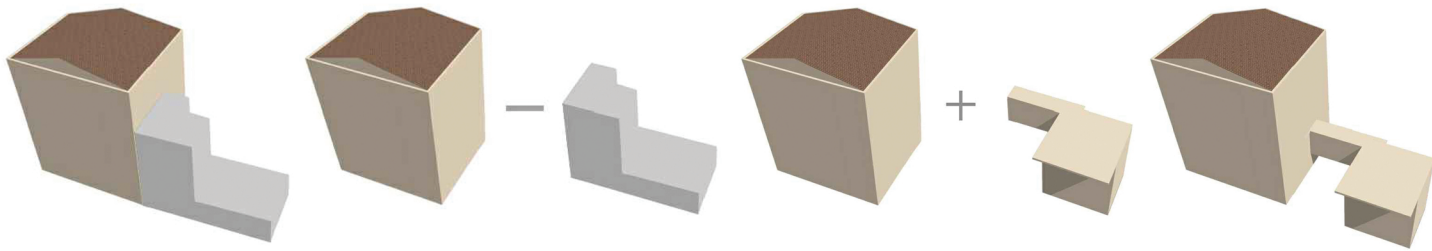
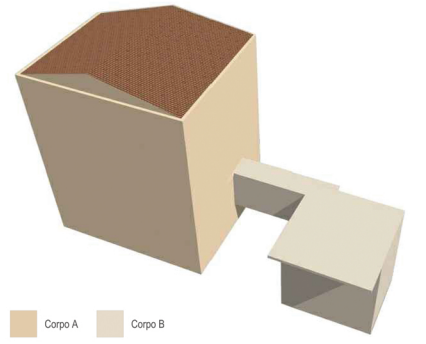


Diagrama do edifício parcialmente devoluto e os seus anexos contíguos

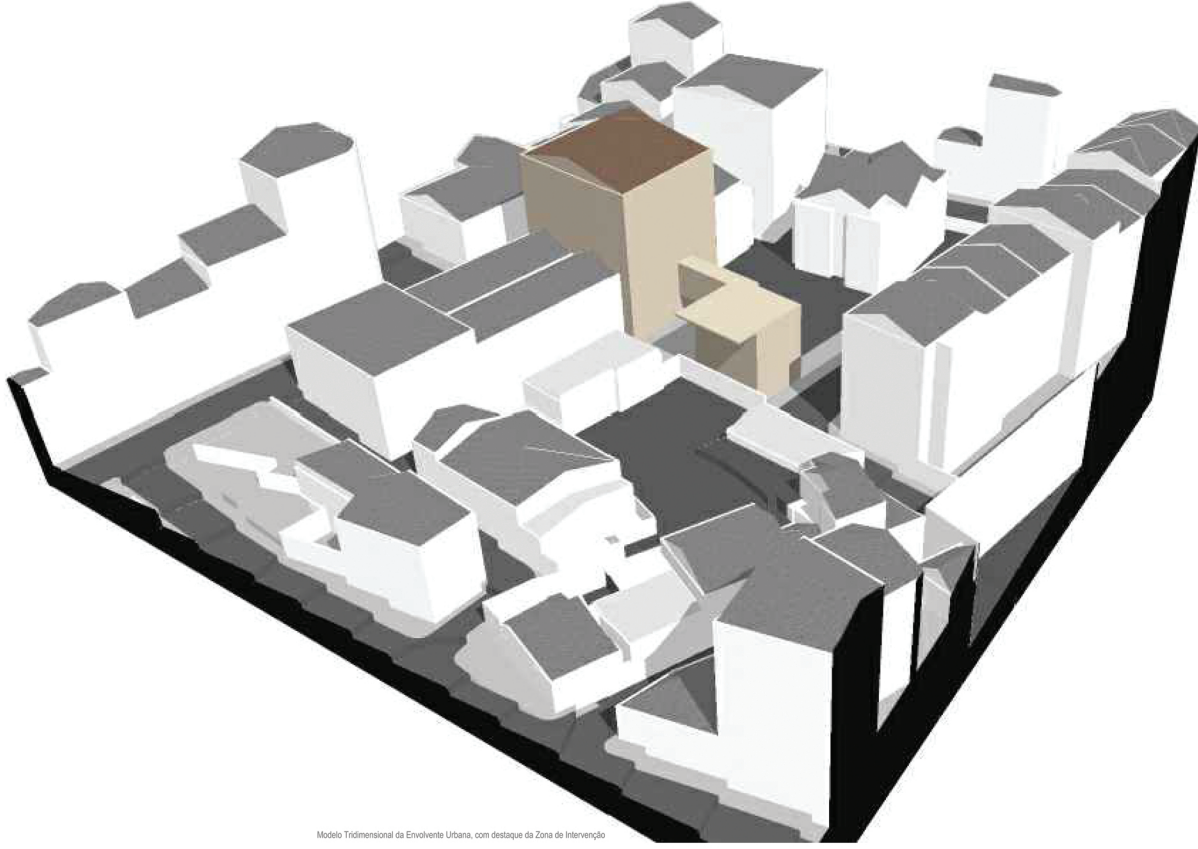
Diagrama da subtração dos anexos existentes

Diagrama da adição realizada para a proposta de intervenção

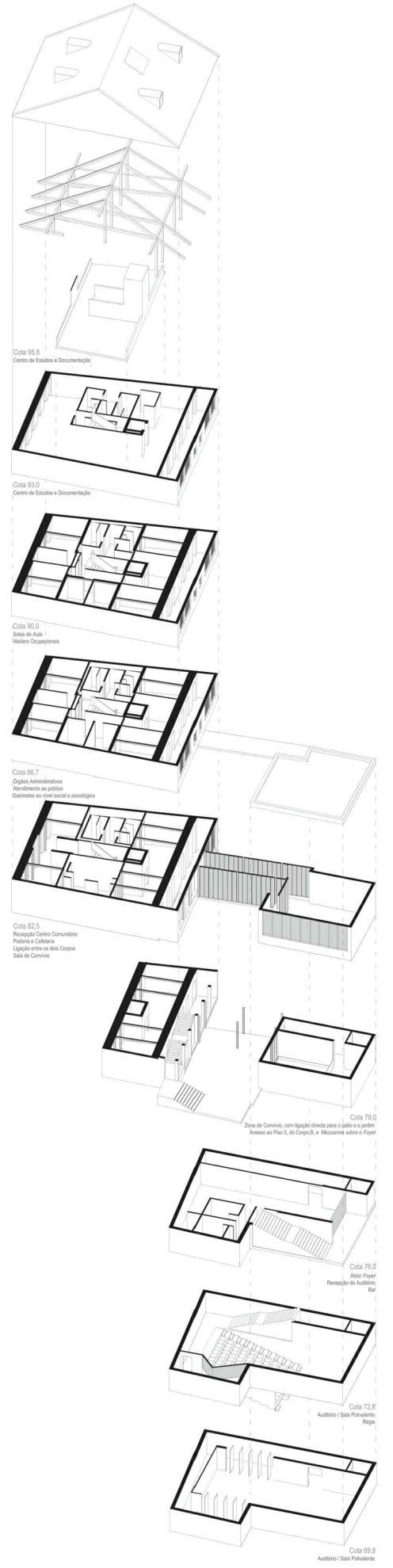
Diagrama da união entre a pré-existência e o novo edifício



Corpo A Corpo B



Modelo Tridimensional da Envolvente Urbana, com destaque da Zona de Intervenção



Planta da Envolvente Urbana



LEGENDA
Planta da Envolvente Urbana
Espaços com nova relação funcional conforme a proposta





Planta Corpo A Piso 0 - cota 82.5
Planta Corpo B Piso 2 - cota 82.5



Planta Corpo A Piso 1 - cota 79
Planta Corpo B Piso 1 - cota 79

LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

CORPO A	CORPO B
A-1.1 Zona de Convívio (Aberta para o Jardim e Pátio)	B-2.1 Palco
A.0.1 Recepção Centro Comunitário	B-2.2 Sala Polivalente
A.0.2 Pastaria	B-2.3 Circulação Interior
A.0.3 Cafeteria	B-2.4 Espaço Polivalente
A.0.4 Cozinha (Apoio Padaria e Cafeteria)	B-1.1 Auditório
A.0.5 Instalações Sanitárias	B-1.2 Rígide
A.1.1 Gabinete de Informação/Atendimento	B.0.1 Recepção / Foyer Auditório
A.1.2 Gabinete de Psicologia e Apoio Social	B.0.2 Acesso ao Auditório / Sala Polivalente
A.1.3 Gabinete Assistente Social	B.0.3 Zona Staff
A.1.4 Armários	B.0.4 Bar
A.1.5 Administração / Sala de Reuniões	B.0.5 Despensa / Armários
A.1.6 Gabinete de Administração	B.0.6 Instalações Sanitárias
A.1.7 Sala Comum Staff	B.1.1 Acesso ao Piso 0 (Corpo B)
A.1.8 Instalações Sanitárias	B.1.2 Mezzanine
A.1.9 Corredores e Circulação	B.2.1 Ligação entre o Corpo A e o Corpo B
A.2.1 Sala de Aula / Formação	B.2.2 Zona de Convívio
A.2.2 Sala de Aula / Formação	
A.2.3 Atelier Ocupacional	
A.2.4 Atelier Ocupacional	
A.2.5 Atelier Ocupacional	
A.2.6 Sala de apoio aos Ateliers / Armários	
A.2.7 Instalações Sanitárias	
A.2.8 Corredores e Circulação	
A.3.1 Recepção Centro de Estudo e Documentação (CED)	
A.3.2 Sala Staff CED	
A.3.3 Zona de Leitura CED	
A.3.4 Zona de Consulta CED	
A.3.5 Zona de Consulta e Leitura CED	
A.3.6 Instalações Sanitárias	
A.4.1 Zona de Leitura e Estudo CED	

LEGENDA DE ACABAMENTOS

Pv	T
P	D

- Pv Pavimentos**
- Pv1 Pavimento em soalho de madeira de pinho de riga, igual ao pré-existente, recuperado
 - Pv2 Pavimento em soalho de madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, novo
 - Pv3 Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studioforma', Padrão 1 (P1) ref. 10185 B + GL + Faixa Lisa cor Cinzento Ref. GL (40 x 40)
 - Pv4 Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studioforma', Padrão 2 (P2) ref. 10185 B + RB + Faixa Lisa cor Vermelho Escuro Ref. RB (40 x 40)
 - Pv5 Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Cinzento ref. GL, 20 x 20
 - Pv6 Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Vermelho Escuro ref. RB, 20 x 20
 - Pv7 Pavimento em alcatifa tipo Fortbo Floex, padrão 'Penang', ref. 382037 Grey, em rolo
- T Tectos**
- T1 Tecto em reboco hidrófugo com acabamento liso
 - T2 Tecto falso suspenso em gesso cartonado hidrófugo pintado a tinta de água cor NCS 1005-Y30R
 - T3 Tecto falso suspenso em gesso cartonado pintado a tinta de água com aditivo anti-fungico cor NCS 1005-Y30R
 - T4 Tecto revestido a painéis de aglomerado de partículas de madeira pigmentada tipo 'Valchromat Fire Retardant', cor Cinza, acabamento em verniz mate, 16mm de espessura
 - T5 Sem tecto, com a estrutura da cobertura à vista.
- P Paredes**
- P1 Paredes revestidas em estuque pintadas a tinta de água cor NCS 1005-Y30R
 - P2 Paredes revestidas em azulejo tipo Vivua Lamego, 14x14, cor Mel T1
 - P3 Paredes revestidas em azulejo tipo Vivua Lamego, 14x14, cor Branco
 - P4 Paredes revestidas em painéis de madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, nova
 - P5 Paredes revestidas em painéis de aglomerado de partículas de madeira pigmentada, tipo 'Valchromat Fire Retardant' cor Cinza, acabamento em verniz mate, 16mm de espessura
 - P6 Sem revestimento
 - P7 Parede revestida em azulejo, recuperada
 - P8 Parede revestida a argamassa bastarda, pintada a tinta cor NCS 1005-Y30R
- D Diversos**
- D1 Rodapé em madeira de pinho de riga, igual ao pré-existente, recuperado, 15 cm de altura
 - D2 Rodapé em madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, novo, 15 cm de altura
 - D3 Rodapé em madeira MDF pintada a branco, 30 cm de altura
 - D4 Sem rodapé
 - D5 Caixa exterior em Ferro, pintado com tinta de esmalte, cor NCS S5030-Y60R
 - D6 Rodapé em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Cinza ref. GL, 10 cm de altura
 - D7 Rodapé em Valchromat, cor Cinza, acabamento em verniz mate, 12mm de espessura, 10 cm de altura
- A Alçamentos**
- A1 Caixa exterior em ferro, pintado com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A2 Caixa exterior da 'Marquise', recuperada e pintada com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A3 Varandas em ferro, recuperadas e pintadas com tinta de esmalte, cor NCS S5030-Y60R
 - A4 Caixa exterior em madeira, recuperada e pintada com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A5 Folha de janela em vidro simples
 - A6 Moldura de cantaria em Pedra Calcária recuperada
 - A7 Cobertura em telha cerâmica de Marselha
 - A8 Cobertura em chapa de Zinco



Corte Longitudinal AA'





Planta Corpo B Piso 0 - cota 76



Planta Corpo B Piso -1 - cota 72,8

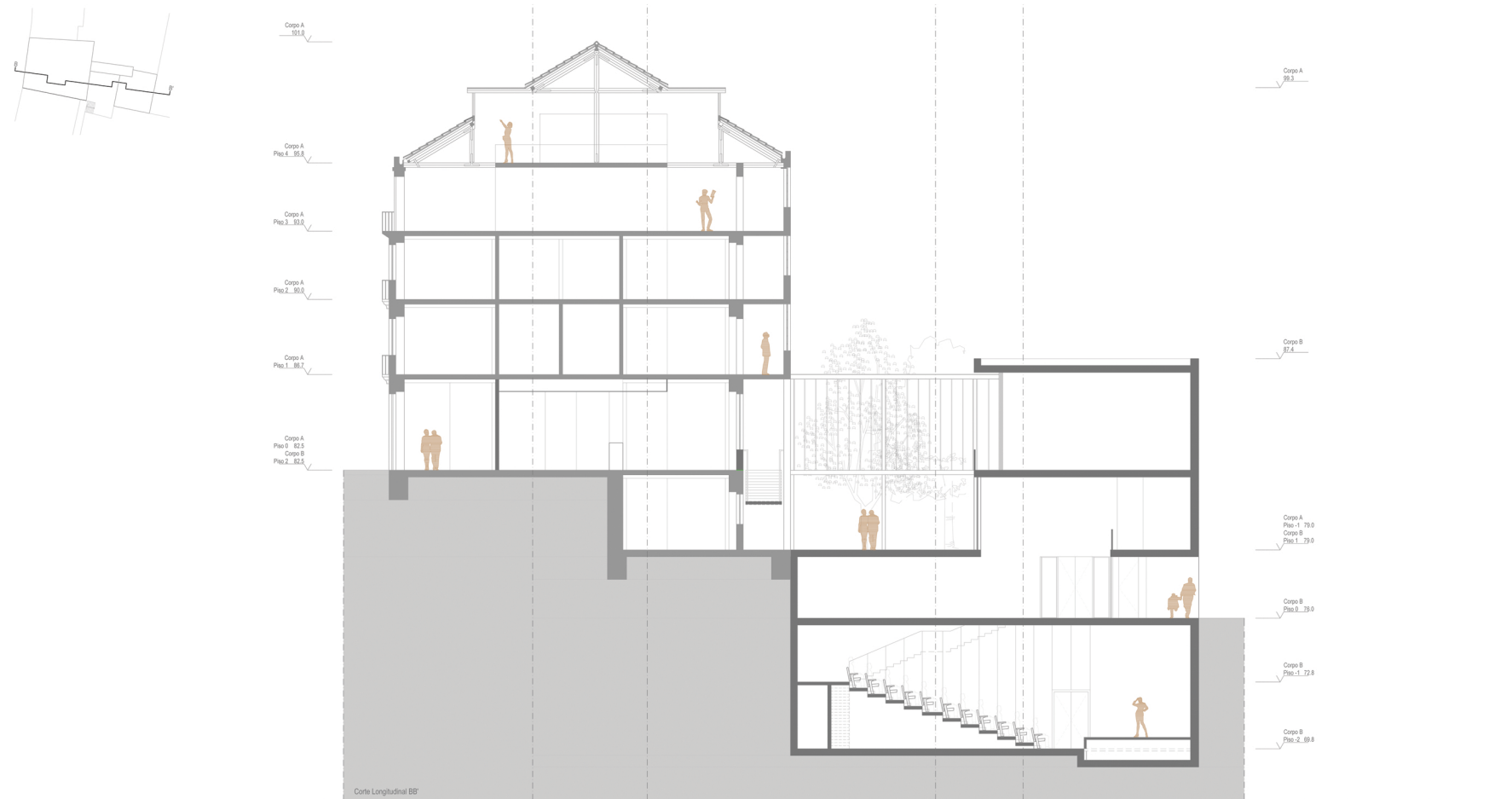
LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

CORPO A	CORPO B
A-1.1 Zona de Convívio (Aberta para o Jardim e Pátio)	B-2.1 Pátio
A.0.1 Recepção Centro Comunitário	B-2.2 Sala Polivalente
A.0.2 Pastaria	B-2.3 Circulação Interior
A.0.3 Cafeteria	B-2.4 Espaço Polivalente
A.0.4 Cozinha (Apoio Padaria e Cafeteria)	B-1.1 Auditório
A.0.5 Instalações Sanitárias	B-1.2 Rêgile
A.1.1 Gabinete de Informação/Atendimento	B.0.1 Recepção / Foyer Auditório
A.1.2 Gabinete de Psicologia e Apoio Social	B.0.2 Acesso ao Auditório / Sala Polivalente
A.1.3 Gabinete Assistente Social	B.0.3 Zona Staff
A.1.4 Armários	B.0.4 Bar
A.1.5 Administração / Sala de Reuniões	B.0.5 Despensa / Armários
A.1.6 Gabinete de Administração	B.0.6 Instalações Sanitárias
A.1.7 Sala Comum Staff	B.1.1 Acesso ao Piso 0 (Corpo B)
A.1.8 Instalações Sanitárias	B.1.2 Mezzanine
A.1.9 Corredores e Circulação	B.2.1 Ligação entre o Corpo A e o Corpo B
A.2.1 Sala de Aula / Formação	B.2.2 Zona de Convívio
A.2.2 Sala de Aula / Formação	
A.2.3 Atelier Ocupacional	
A.2.4 Atelier Ocupacional	
A.2.5 Atelier Ocupacional	
A.2.6 Sala de apoio aos Ateilers / Armários	
A.2.7 Instalações Sanitárias	
A.2.8 Corredores e Circulação	
A.3.1 Recepção Centro de Estudo e Documentação (CED)	
A.3.2 Sala Staff CED	
A.3.3 Zona de Leitura CED	
A.3.4 Zona de Consulta CED	
A.3.5 Zona de Consulta e Leitura CED	
A.3.6 Instalações Sanitárias	
A.4.1 Zona de Leitura e Estudo CED	

LEGENDA DE ACABAMENTOS

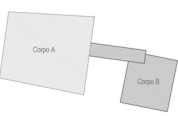
Pv	T
P	D

- Pv Pavimentos**
- Pv1 Pavimento em soalho de madeira de pinho de riga, igual ao pré-existente, recuperado
 - Pv2 Pavimento em soalho de madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, novo
 - Pv3 Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studiofirma', Padrão 1 (P1) ref. 10185 B + GL + Faixa Lisa cor Cinzento Ref. GL (40 x 40)
 - Pv4 Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studiofirma', Padrão 2 (P2) ref. 10185 B + RB + Faixa Lisa cor Vermelho Escuro Ref. RB (40 x 40)
 - Pv5 Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studiofirma', liso, cor Cinzento ref. GL, 20 x 20
 - Pv6 Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studiofirma', liso, cor Vermelho Escuro ref. RB, 20 x 20
 - Pv7 Pavimento em alcatifa tipo Fortbo Floex, padrão 'Penang', ref. 382037 Grey, em rolo
- T Tectos**
- T1 Tecto em reboco hidrófugo com acabamento liso
 - T2 Tecto falso suspenso em gesso cartonado hidrófugo pintado a tinta de água cor NCS 1005-Y30R
 - T3 Tecto falso em gesso cartonado pintado a tinta de água com aditivo anti-fungico cor NCS 1005-Y30R
 - T4 Tecto revestido a painéis de aglomerado de partículas de madeira pigmentada tipo 'Valchromat Fire Retardant', cor Cinza, acabamento em verniz mate, 16mm de espessura
 - T5 Sem tecto, com a estrutura da cobertura à vista.
- P Paredes**
- P1 Paredes revestidas em estuque pintadas a tinta de água cor NCS 1005-Y30R
 - P2 Paredes revestidas em azulejo tipo Vivua Lamego, 14x14, cor Mel T1
 - P3 Paredes revestidas em azulejo tipo Vivua Lamego, 14x14, cor Branco
 - P4 Paredes revestidas em painéis de madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, nova
 - P5 Paredes revestidas em painéis de aglomerado de partículas de madeira pigmentada, tipo 'Valchromat Fire Retardant' cor Cinza, acabamento em verniz mate, 16mm de espessura
 - P6 Sem revestimento
 - P7 Parede revestida em azulejo, recuperada
 - P8 Parede revestida a argamassa bastarda, pintada a tinta cor NCS 1005-Y30R
- D Diversos**
- D1 Rodapé em madeira de pinho de riga, igual ao pré-existente, recuperado, 15 cm de altura
 - D2 Rodapé em madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, novo, 15 cm de altura
 - D3 Rodapé em madeira MDF pintada a branco, 30 cm de altura
 - D4 Sem rodapé
 - D5 Caixa-linha em Ferro, pintado com tinta de esmalte, cor NCS S5030-Y60R
 - D6 Rodapé em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studiofirma', liso, cor Cinza ref. GL, 10 cm de altura
 - D7 Rodapé em Valchromat, cor Cinza, acabamento em verniz mate, 12mm de espessura, 10 cm de altura
- A Alçados**
- A1 Caixa-linha exterior em ferro, pintado com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A2 Caixa-linha exterior da 'Marquise', recuperada e pintada com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A3 Varandas em ferro, recuperadas e pintadas com tinta de esmalte, cor NCS S540-G10V
 - A4 Caixa-linha exterior em madeira, recuperada e pintada com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A5 Folha de janela em vidro simples
 - A6 Moldura de cantaria em Pedra Calcária recuperada
 - A7 Cobertura em telha cerâmica de Marselha
 - A8 Cobertura em chapa de Zinco

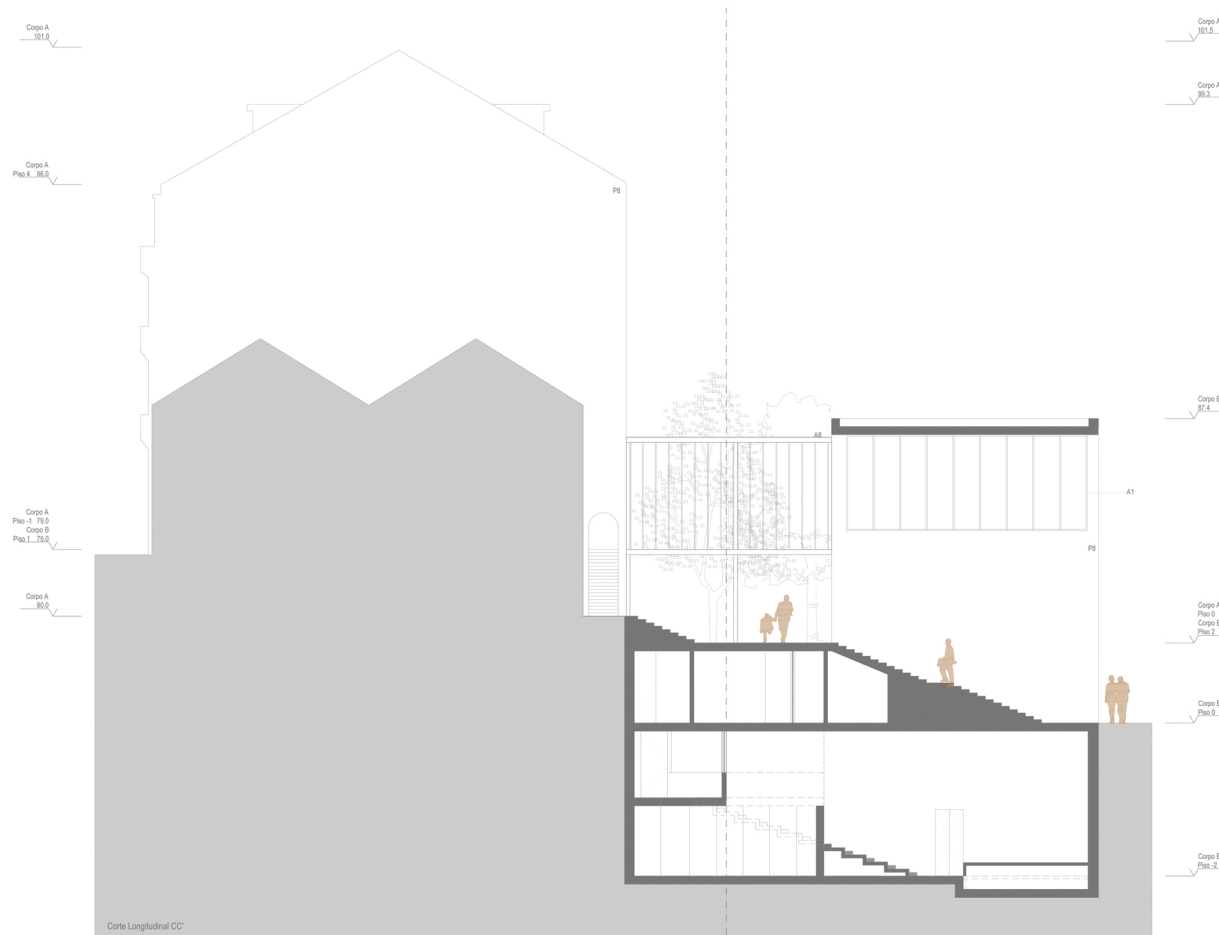


Corte Longitudinal BF

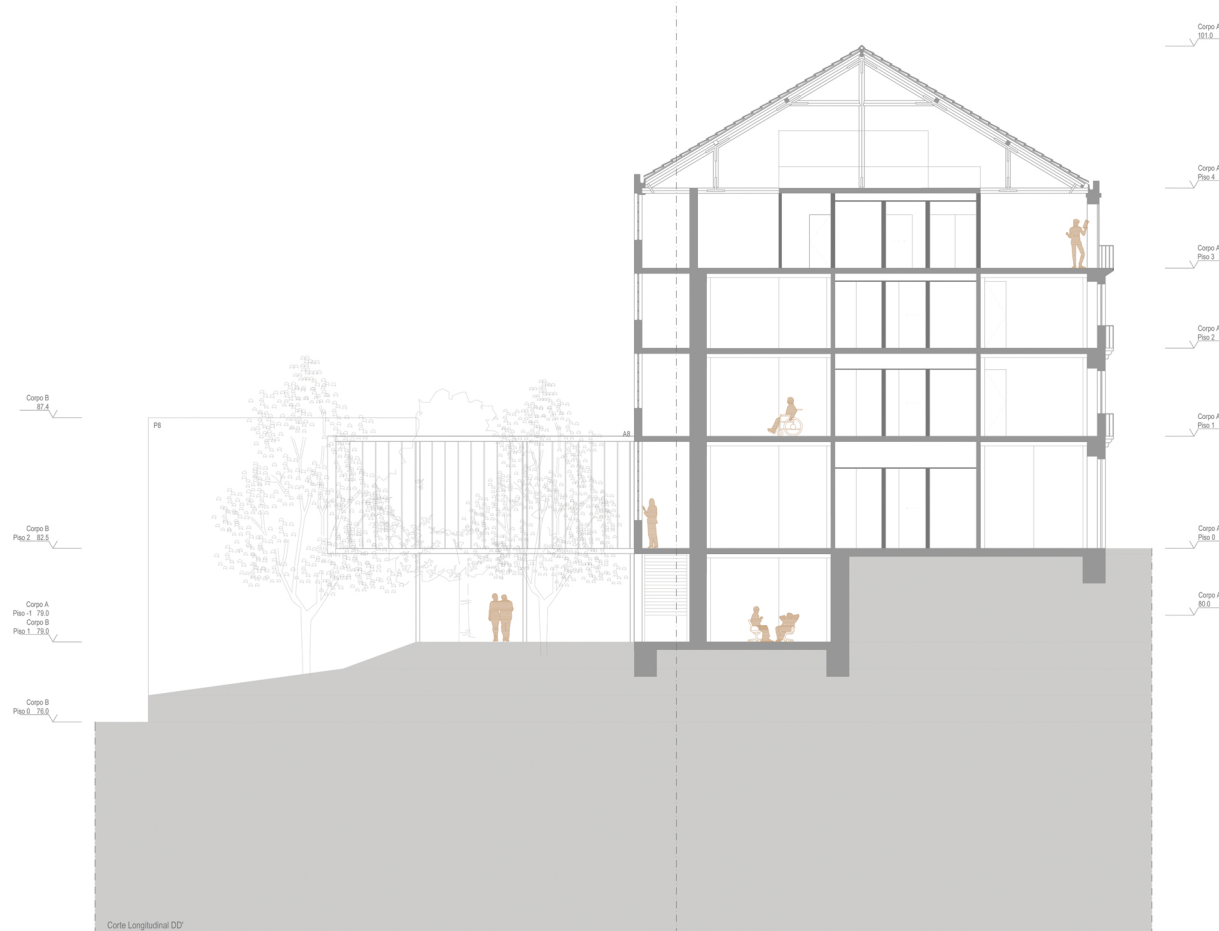




Planta Corpo B Piso -2 - cota 69.8



Corte Longitudinal CC



Corte Longitudinal DD

LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

CORPO A	CORPO B
A-1.1 Zona de Convívio (Aberta para o Jardim e Pátio)	B-2.1 Pátio
A.0.1 Recepção Centro Comunitário	B-2.2 Sala Polivalente
A.0.2 Pastaria	B-2.3 Circulação Interior
A.0.3 Cafeteria	B-2.4 Espaço Polivalente
A.0.4 Cozinha (Apoio Padaria e Cafeteria)	B-1.1 Auditório
A.0.5 Instalações Sanitárias	B-1.2 Rígido
A.1.1 Gabinete de Informação/Atendimento	B.0.1 Recepção / Foyer Auditório
A.1.2 Gabinete de Psicologia e Apoio Social	B.0.2 Acesso ao Auditório / Sala Polivalente
A.1.3 Gabinete Assistente Social	B.0.3 Zona Staff
A.1.4 Armários	B.0.4 Bar
A.1.5 Administração / Sala de Reuniões	B.0.5 Despensa / Armários
A.1.6 Gabinete de Administração	B.0.6 Instalações Sanitárias
A.1.7 Sala Comum Staff	B.1.1 Acesso ao Piso 0 (Corpo B)
A.1.8 Instalações Sanitárias	B.1.2 Mezzanine
A.1.9 Corredores e Circulação	B.2.1 Ligação entre o Corpo A e o Corpo B
A.2.1 Sala de Aula / Formação	B.2.2 Zona de Convívio
A.2.2 Sala de Aula / Formação	
A.2.3 Atelier Ocupacional	
A.2.4 Atelier Ocupacional	
A.2.5 Atelier Ocupacional	
A.2.6 Sala de apoio aos Ateliers / Armários	
A.2.7 Instalações Sanitárias	
A.2.8 Corredores e Circulação	
A.3.1 Recepção Centro de Estudo e Documentação (CED)	
A.3.2 Sala Staff CED	
A.3.3 Zona de Leitura CED	
A.3.4 Zona de Consulta CED	
A.3.5 Zona de Consulta e Leitura CED	
A.3.6 Instalações Sanitárias	
A.4.1 Zona de Leitura e Estudo CED	

LEGENDA DE ACABAMENTOS

Pv	T
P	D

- Pv Pavimentos**
- Pv1 Pavimento em soalho de madeira de pinho de riga, igual ao pré-existente, recuperado
 - Pv2 Pavimento em soalho de madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, novo
 - Pv3 Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studioforma', Padrão 1 (P1) ref. 10185 B + GL + Faixa Lisa cor Cinzento Ref. GL (40 x 40)
 - Pv4 Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studioforma', Padrão 2 (P2) ref. 10185 B + RB + Faixa Lisa cor Vermelho Escuro Ref. RB (40 x 40)
 - Pv5 Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Cinzento ref. GL, 20 x 20
 - Pv6 Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Vermelho Escuro ref. RB, 20 x 20
 - Pv7 Pavimento em alcatifa tipo Fortbo Flotex, padrão 'Panang', ref. 382037 Grey, em rolo
- T Tectos**
- T1 Tecto em reboco hidrófugo com acabamento liso
 - T2 Tecto falso suspenso em gesso cartonado hidrófugo pintado a tinta de água cor NCS 1005-Y30R
 - T3 Tecto falso em gesso cartonado pintado a tinta de água com aditivo anti-fungico cor NCS 1005-Y30R
 - T4 Tecto revestido a painéis de aglomerado de partículas de madeira pigmentada tipo 'Valchromat Fire Retardant', cor Cinza, acabamento em verniz mate, 16mm de espessura
 - T5 Sem tecto, com a estrutura da cobertura à vista.
- P Paredes**
- P1 Paredes revestidas em estuque pintadas a tinta de água cor NCS 1005-Y30R
 - P2 Paredes revestidas em azulejo tipo Vivua Lamego, 14x14, cor Mel T1
 - P3 Paredes revestidas em azulejo tipo Vivua Lamego, 14x14, cor Branco
 - P4 Paredes revestidas em painéis de madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, nova
 - P5 Paredes revestidas em painéis de aglomerado de partículas de madeira pigmentada, tipo 'Valchromat Fire Retardant' cor Cinza, acabamento em verniz mate, 16mm de espessura
 - P6 Sem revestimento
 - P7 Parede revestida em azulejo, recuperada
 - P8 Parede revestida a argamassa bastarda, pintada a tinta cor NCS 1005-Y30R
- D Diversos**
- D1 Rodapé em madeira de pinho de riga, igual ao pré-existente, recuperado, 15 cm de altura
 - D2 Rodapé em madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, novo, 15 cm de altura
 - D3 Rodapé em madeira MDF pintada a branco, 30 cm de altura
 - D4 Sem rodapé
 - D5 Caixa-linha em Ferro, pintado com tinta de esmalte, cor NCS S5030-Y60R
 - D6 Rodapé em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Cinza ref. GL, 10 cm de altura
 - D7 Rodapé em Valchromat, cor Cinza, acabamento em verniz mate, 12mm de espessura, 10 cm de altura
- A Alçados**
- A1 Caixa-linha exterior em ferro, pintado com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A2 Caixa-linha exterior da 'Marquise', recuperada e pintada com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A3 Varandas em ferro, recuperadas e pintadas com tinta de esmalte, cor NCS S5030-Y10V
 - A4 Caixa-linha exterior em madeira, recuperada e pintada com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A5 Folha de janela em vidro simples
 - A6 Moldura de cantaria em Pedra Calcária recuperada
 - A7 Cobertura em telha cerâmica de Marselha
 - A8 Cobertura em chapa de Zinco



P05



Planta Corpo A Piso 1 - cota 86,7



Planta Corpo A Piso 2 - cota 90,0

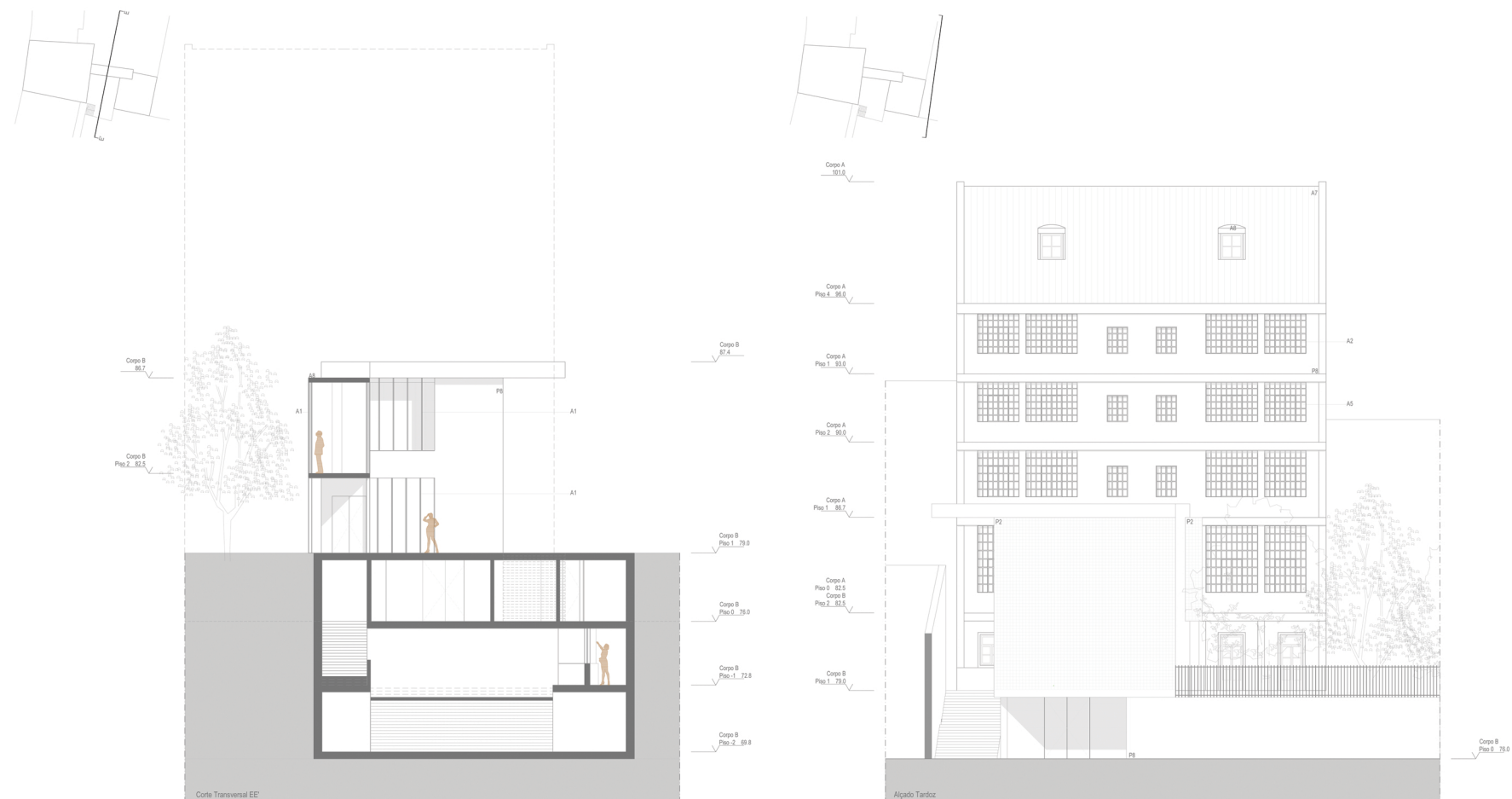
LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

CORPO A	CORPO B
A-1.1 Zona de Convívio (Aberta para o Jardim e Pátio)	B-2.1 Palco
A.0.1 Recepção Centro Comunitário	B-2.2 Sala Polivalente
A.0.2 Padaria	B-2.3 Circulação Interior
A.0.3 Cafeteria	B-2.4 Espaço Polivalente
A.0.4 Cozinha (Apoio Padaria e Cafeteria)	B-1.1 Auditório
A.0.5 Instalações Sanitárias	B-1.2 Rêgile
A.1.1 Gabinete de Informação/Atendimento	B.0.1 Recepção / Foyer Auditório
A.1.2 Gabinete de Psicologia e Apoio Social	B.0.2 Acesso ao Auditório / Sala Polivalente
A.1.3 Gabinete Assistente Social	B.0.3 Zona Staff
A.1.4 Armários	B.0.4 Bar
A.1.5 Administração / Sala de Reuniões	B.0.5 Despensa / Armários
A.1.6 Gabinete de Administração	B.0.6 Instalações Sanitárias
A.1.7 Sala Comum Staff	B.1.1 Acesso ao Piso 0 (Corpo B)
A.1.8 Instalações Sanitárias	B.1.2 Mezzanine
A.1.9 Corredores e Circulação	B.2.1 Ligação entre o Corpo A e o Corpo B
A.2.1 Sala de Aula / Formação	B.2.2 Zona de Convívio
A.2.2 Sala de Aula / Formação	
A.2.3 Atelier Ocupacional	
A.2.4 Atelier Ocupacional	
A.2.5 Atelier Ocupacional	
A.2.6 Sala de apoio aos Ateliers / Armários	
A.2.7 Instalações Sanitárias	
A.2.8 Corredores e Circulação	
A.3.1 Recepção Centro de Estudo e Documentação (CED)	
A.3.2 Sala Staff CED	
A.3.3 Zona de Leitura CED	
A.3.4 Zona de Consulta CED	
A.3.5 Zona de Consulta e Leitura CED	
A.3.6 Instalações Sanitárias	
A.4.1 Zona de Leitura e Estudo CED	

LEGENDA DE ACABAMENTOS

Pv	T
P	D

- Pv Pavimentos**
- Pv1 Pavimento em soalho de madeira de pinho de riga, igual ao pré-existente, recuperado
 - Pv2 Pavimento em soalho de madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, novo
 - Pv3 Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studioforma', Padrão 1 (P1) ref. 10185 B + GL + Faixa Lisa cor Cinzento Ref. GL (40 x 40)
 - Pv4 Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studioforma', Padrão 2 (P2) ref. 10185 B + RB + Faixa Lisa cor Vermelho Escuro Ref. RB (40 x 40)
 - Pv5 Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Cinzento ref. GL, 20 x 20
 - Pv6 Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Vermelho Escuro ref. RB, 20 x 20
 - Pv7 Pavimento em alcatifa tipo Fortbo Floex, padrão 'Penang', ref. 382037 Grey, em rolo
- T Tectos**
- T1 Tecto em reboco hidrófugo com acabamento liso
 - T2 Tecto falso suspenso em gesso cartonado hidrófugo pintado a tinta de água cor NCS 1005-Y30R
 - T3 Tecto falso em gesso cartonado pintado a tinta de água com aditivo anti-fungico cor NCS 1005-Y30R
 - T4 Tecto revestido a painéis de aglomerado de partículas de madeira pigmentada tipo 'Valchromat Fire Retardant', cor Cinza, acabamento em verniz mate, 16mm de espessura
 - T5 Sem tecto, com a estrutura da cobertura à vista.
- P Paredes**
- P1 Paredes revestidas em estuque pintadas a tinta de água cor NCS 1005-Y30R
 - P2 Paredes revestidas em azulejo tipo Vivua Lamego, 14x14, cor Mel T1
 - P3 Paredes revestidas em azulejo tipo Vivua Lamego, 14x14, cor Branco
 - P4 Paredes revestidas em painéis de madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, nova
 - P5 Paredes revestidas em painéis de aglomerado de partículas de madeira pigmentada, tipo 'Valchromat Fire Retardant' cor Cinza, acabamento em verniz mate, 16mm de espessura
 - P6 Sem revestimento
 - P7 Parede revestida em azulejo, recuperada
 - P8 Parede revestida a argamassa bastarda, pintada a tinta cor NCS 1005-Y30R
- D Diversos**
- D1 Rodapé em madeira de pinho de riga, igual ao pré-existente, recuperado, 15 cm de altura
 - D2 Rodapé em madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, novo, 15 cm de altura
 - D3 Rodapé em madeira MDF pintada a branco, 30 cm de altura
 - D4 Sem rodapé
 - D5 Caixa exterior em Ferro, pintado com tinta de esmalte, cor NCS S503-Y60R
 - D6 Rodapé em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Cinza ref. GL, 10 cm de altura
 - D7 Rodapé em Valchromat, cor Cinza, acabamento em verniz mate, 12mm de espessura, 10 cm de altura



Corte Transversal EE

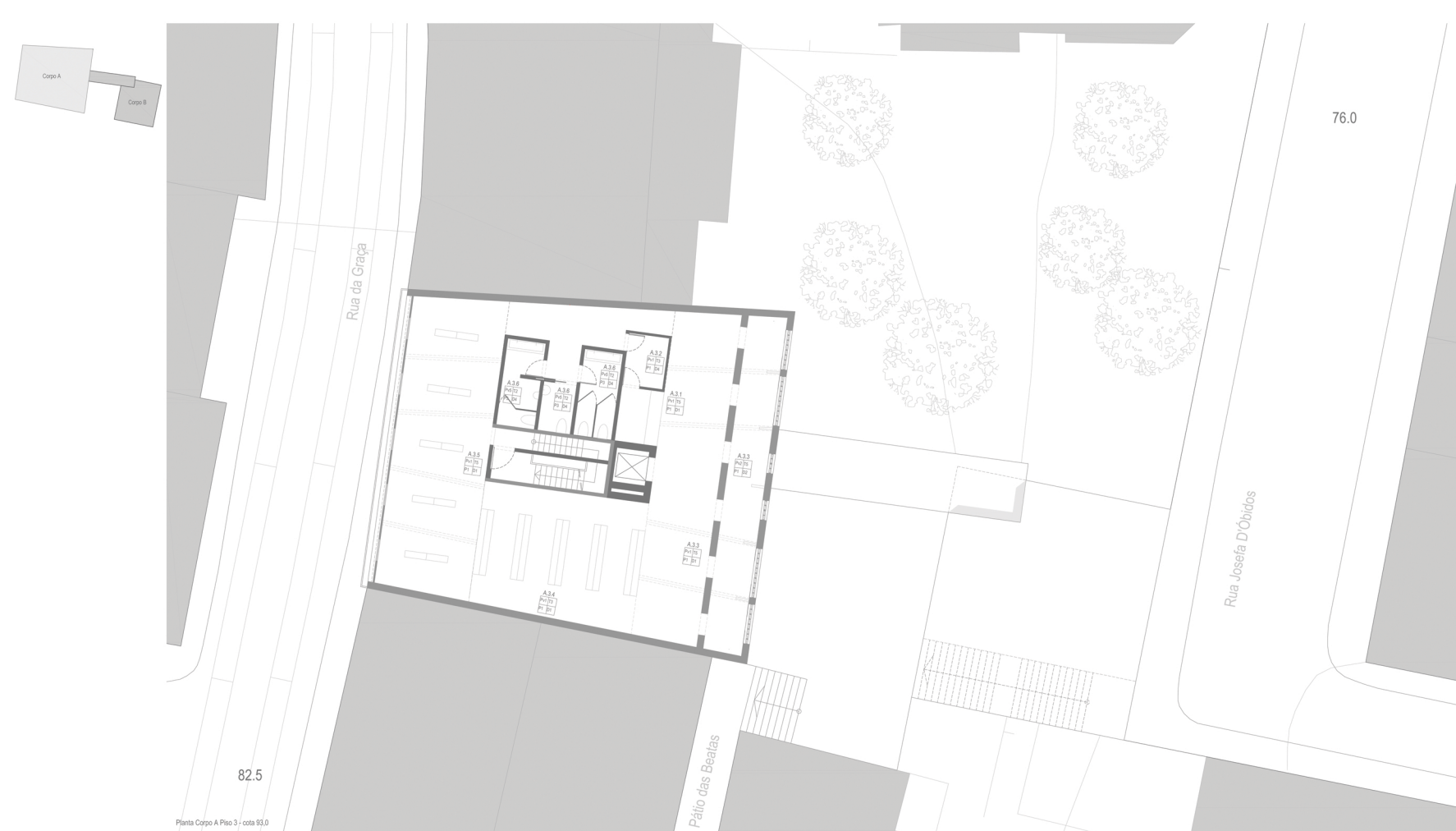
Alçado Tardoz

Projecto Final de Mestrado

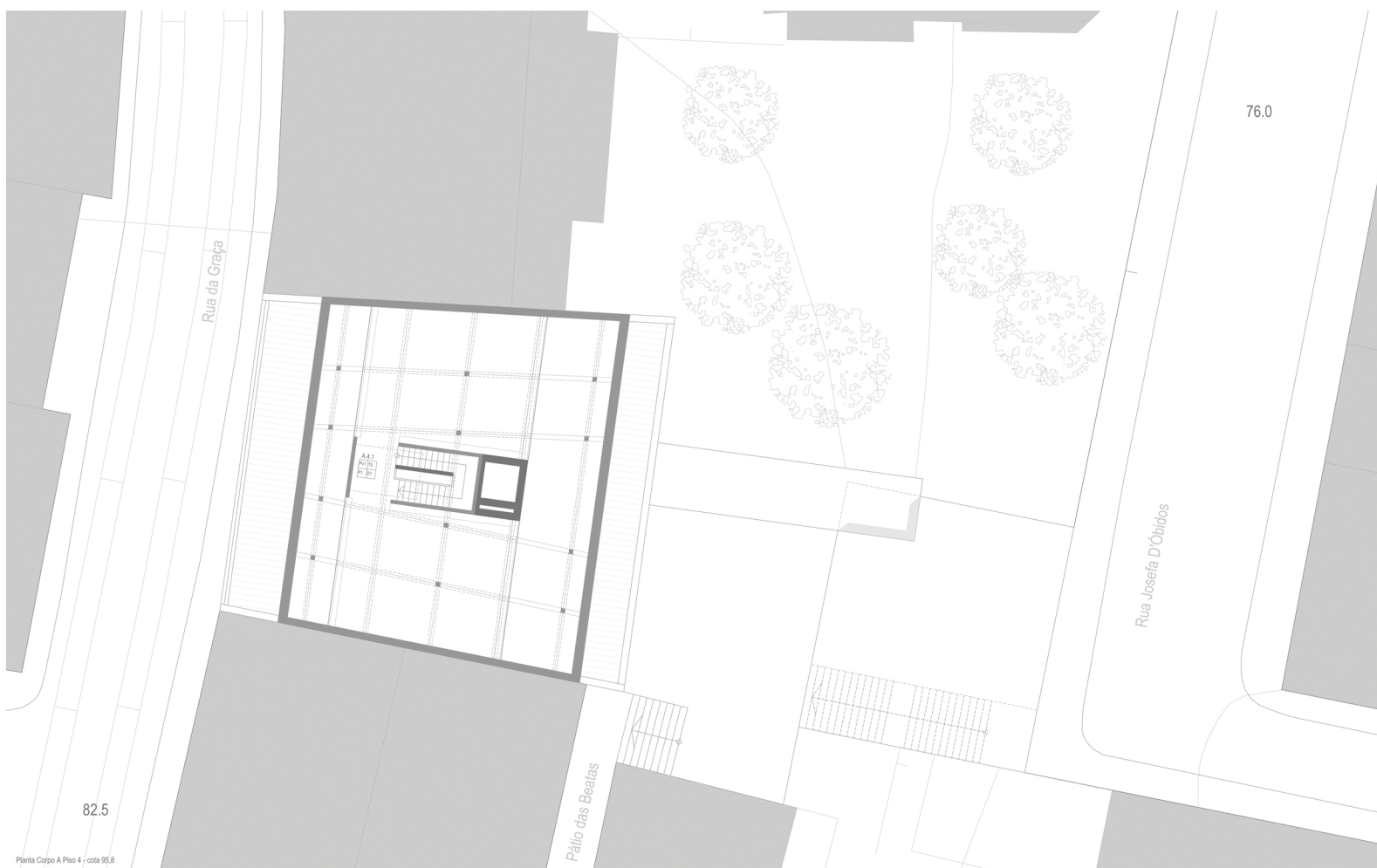
Intervenção - Centro Comunitário

Planta Corpo A Piso 1 - cota 86,7 Corte Transversal EE

Planta Corpo A Piso 2 - cota 90,0 Alçado Tardoz



Planta Corpo A Piso 3 - cota 93,0



Planta Corpo A Piso 4 - cota 95,8

LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

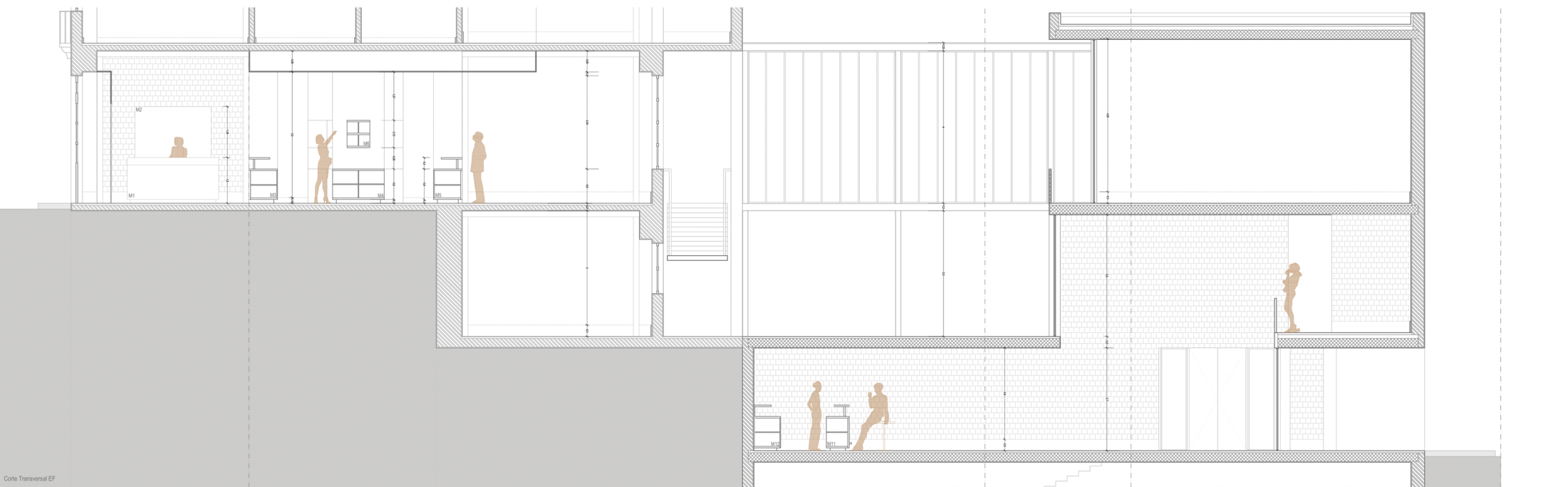
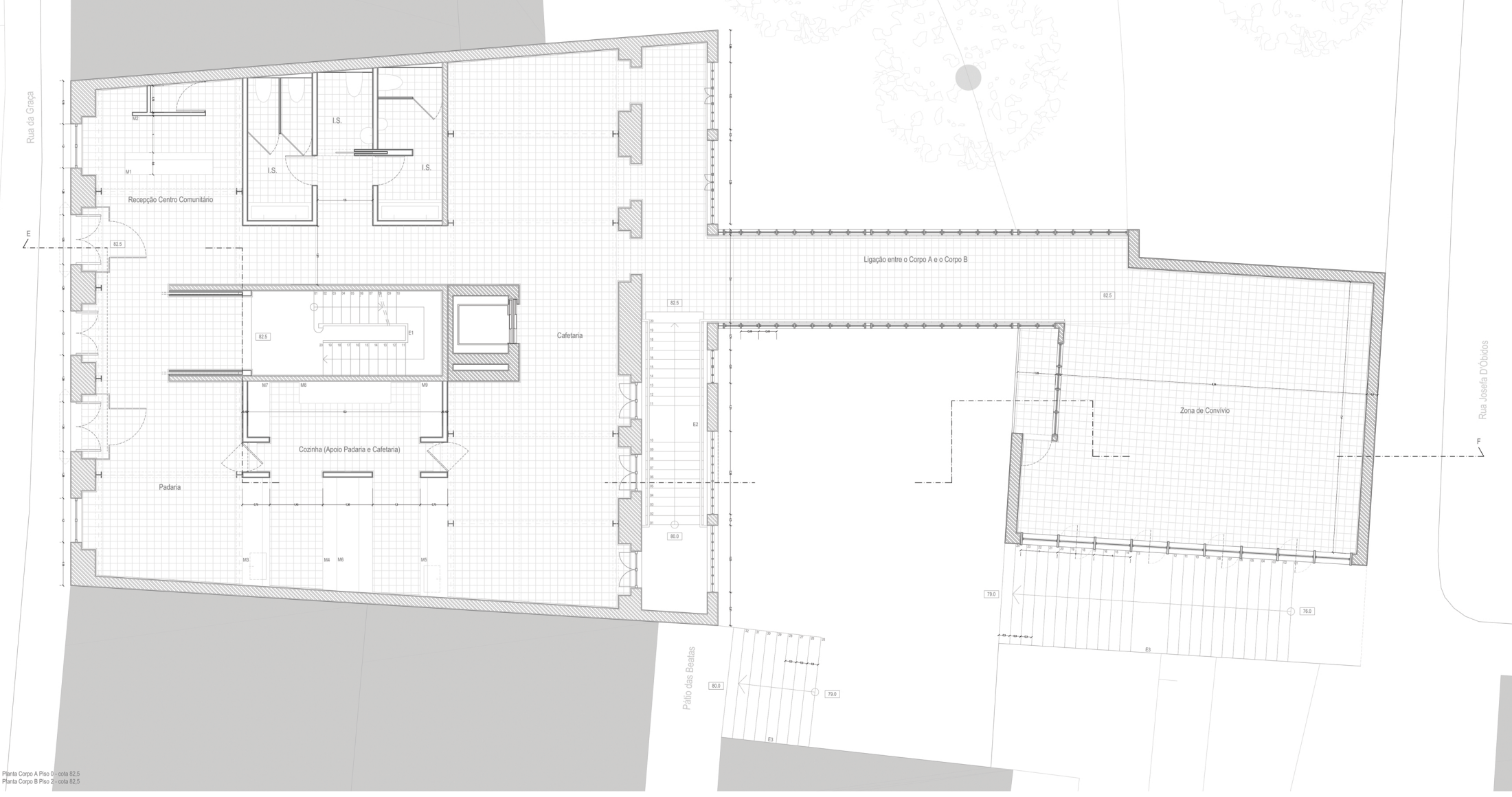
CORPO A	CORPO B
A-1.1 Zona de Convívio (Aberta para o Jardim e Pátio)	B-2.1 Pátio
A.0.1 Recepção Centro Comunitário	B-2.2 Sala Polivalente
A.0.2 Padaria	B-2.3 Circulação Interior
A.0.3 Cafeteria	B-2.4 Espaço Polivalente
A.0.4 Cozinha (Apoio Padaria e Cafeteria)	B-1.1 Auditório
A.0.5 Instalações Sanitárias	B-1.2 Rígide
A.1.1 Gabinete de Informação/Atendimento	B.0.1 Recepção / Foyer Auditório
A.1.2 Gabinete de Psicologia e Apoio Social	B.0.2 Acesso ao Auditório / Sala Polivalente
A.1.3 Gabinete Assistente Social	B.0.3 Zona Staff
A.1.4 Armários	B.0.4 Bar
A.1.5 Administração / Sala de Reuniões	B.0.5 Despensa / Armários
A.1.6 Gabinete de Administração	B.0.6 Instalações Sanitárias
A.1.7 Sala Comum Staff	B.1.1 Acesso ao Piso 0 (Corpo B)
A.1.8 Instalações Sanitárias	B.1.2 Mezzanine
A.1.9 Corredores e Circulação	B.2.1 Ligação entre o Corpo A e o Corpo B
A.2.1 Sala de Aula / Formação	B.2.2 Zona de Convívio
A.2.2 Sala de Aula / Formação	
A.2.3 Atelier Ocupacional	
A.2.4 Atelier Ocupacional	
A.2.5 Atelier Ocupacional	
A.2.6 Sala de apoio aos Ateliers / Armários	
A.2.7 Instalações Sanitárias	
A.2.8 Corredores e Circulação	
A.3.1 Recepção Centro de Estudo e Documentação (CED)	
A.3.2 Sala Staff CED	
A.3.3 Zona de Leitura CED	
A.3.4 Zona de Consulta CED	
A.3.5 Zona de Consulta CED	
A.3.6 Instalações Sanitárias	
A.4.1 Zona de Leitura e Estudo CED	

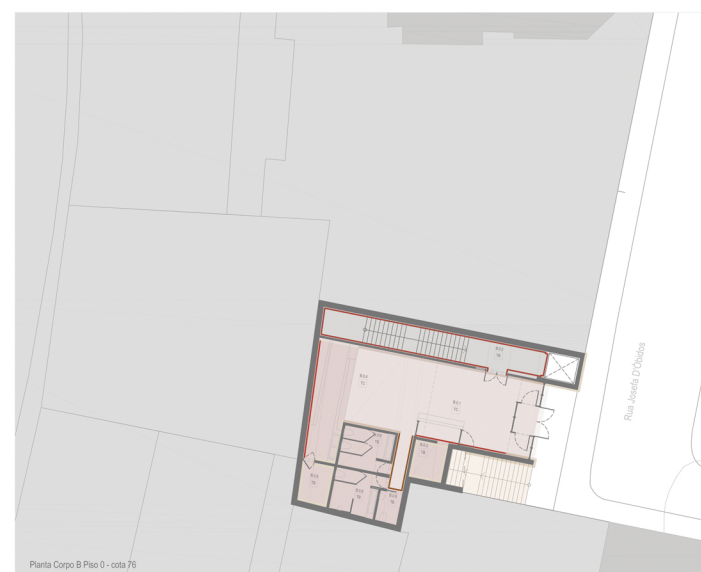
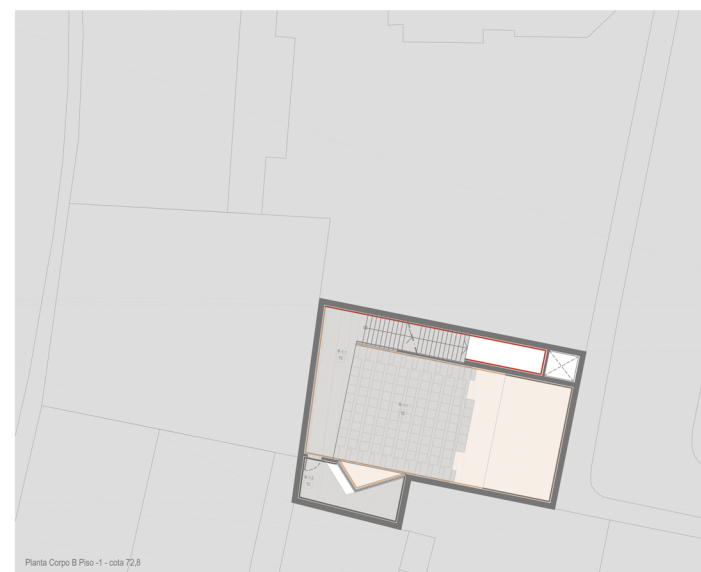
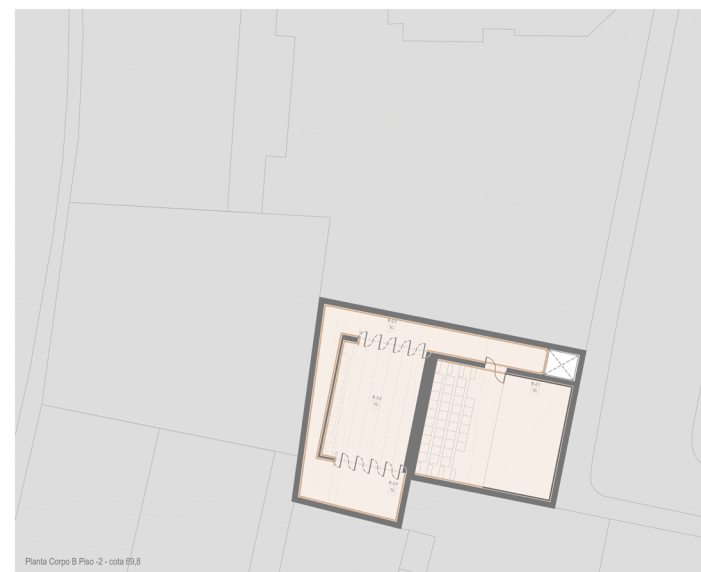
LEGENDA DE ACABAMENTOS

Pv	T
P	D

- Pv Pavimentos**
- Pv1 Pavimento em soalho de madeira de pinho de riga, igual ao pré-existente, recuperado
 - Pv2 Pavimento em soalho de madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, novo
 - Pv3 Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studioforma', Padrão 1 (P1) ref. 10185 B + GL + Faixa Lisa cor Cinzento Ref. GL (40 x 40)
 - Pv4 Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studioforma', Padrão 2 (P2) ref. 10185 B + RB + Faixa Lisa cor Vermelho Escuro Ref. RB (40 x 40)
 - Pv5 Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Cinzento ref. GL, 20 x 20
 - Pv6 Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Vermelho Escuro ref. RB, 20 x 20
 - Pv7 Pavimento em alcatifa tipo Fortbo Floex, padrão 'Penang', ref. 382037 Grey, em rolo
- T Tectos**
- T1 Tecto em reboco hidrófugo com acabamento liso
 - T2 Tecto falso suspenso em gesso cartonado hidrófugo pintado a tinta de água cor NCS 1005-Y30R
 - T3 Tecto falso em gesso cartonado pintado a tinta de água com aditivo anti-fungico cor NCS 1005-Y30R
 - T4 Tecto revestido a painéis de aglomerado de partículas de madeira pigmentada tipo 'Valchromat Fire Retardant', cor Cinza, acabamento em verniz mate, 16mm de espessura
 - T5 Sem tecto, com a estrutura da cobertura à vista.
- P Paredes**
- P1 Paredes revestidas em estuque pintadas a tinta de água cor NCS 1005-Y30R
 - P2 Paredes revestidas em azulejo tipo Viviva Lamego, 14x14, cor Mel T1
 - P3 Paredes revestidas em azulejo tipo Viviva Lamego, 14x14, cor Branco
 - P4 Paredes revestidas em painéis de madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, nova
 - P5 Paredes revestidas em painéis de aglomerado de partículas de madeira pigmentada, tipo 'Valchromat Fire Retardant' cor Cinza, acabamento em verniz mate, 16mm de espessura
 - P6 Sem revestimento
 - P7 Parede revestida em azulejo, recuperada
 - P8 Parede revestida a argamassa bastarda, pintada a tinta cor NCS 1005-Y30R
- D Diversos**
- D1 Rodapé em madeira de pinho de riga, igual ao pré-existente, recuperado, 15 cm de altura
 - D2 Rodapé em madeira de pinho de riga, semelhante ao pré-existente, novo, 15 cm de altura
 - D3 Rodapé em madeira MDF pintada a branco, 30 cm de altura
 - D4 Sem rodapé
 - D5 Caixa exterior em Ferro, pintado com tinta de esmalte, cor NCS S503-Y60R
 - D6 Rodapé em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studioforma', liso, cor Cinza ref. GL, 10 cm de altura
 - D7 Rodapé em Valchromat, cor Cinza, acabamento em verniz mate, 12mm de espessura, 10 cm de altura
- A Alçados**
- A1 Caixa exterior em ferro, pintado com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A2 Caixa exterior da 'Marquise', recuperada e pintada com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A3 Varandas em ferro, recuperadas e pintadas com tinta de esmalte, cor NCS S503-Y10V
 - A4 Caixa exterior em madeira, recuperada e pintada com tinta de esmalte, cor NCS S030-Y60R
 - A5 Folha de janela em vidro simples
 - A6 Moldura de cantaria em Pedra Calcária recuperada
 - A7 Cobertura em telha cerâmica de Marselha
 - A8 Cobertura em chapa de Zinco







LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

CORPO A	CORPO B
A-1.1 Zona de Convívio (Aberta para o Jardim e Pátio)	B-2.1 Pátio
A.0.1 Recepção Centro Comunitário	B-2.2 Sala Polivalente
A.0.2 Pastaria	B-2.3 Circulação Interior
A.0.3 Cafeteria	B-2.4 Espaço Polivalente
A.0.4 Cozinha (Apoio Padaria e Cafeteria)	B-1.1 Auditório
A.0.5 Instalações Sanitárias	B-1.2 Rígide
A.1.1 Gabinete de Informação/Atendimento	B.0.1 Recepção / Foyer Auditório
A.1.2 Gabinete de Psicologia e Apoio Social	B.0.2 Acesso ao Auditório / Sala Polivalente
A.1.3 Gabinete Assistente Social	B.0.3 Zona Staff
A.1.4 Armários	B.0.4 Bar
A.1.5 Administração / Sala de Reuniões	B.0.5 Despensa / Armários
A.1.6 Gabinete de Administração	B.0.6 Instalações Sanitárias
A.1.7 Sala Comum Staff	B.1.1 Acesso ao Piso 0 (Corpo B)
A.1.8 Instalações Sanitárias	B.1.2 Mezzanine
A.1.9 Corredores e Circulação	B.2.1 Ligação entre o Corpo A e o Corpo B
A.2.1 Sala de Aula / Formação	B.2.2 Zona de Convívio
A.2.2 Sala de Aula / Formação	
A.2.3 Atelier Ocupacional	
A.2.4 Atelier Ocupacional	
A.2.5 Atelier Ocupacional	
A.2.6 Sala de apoio aos Ateliers / Armários	
A.2.7 Instalações Sanitárias	
A.2.8 Corredores e Circulação	
A.3.1 Recepção Centro de Estudo e Documentação (CED)	
A.3.2 Sala Staff CED	
A.3.3 Zona de Leitura CED	
A.3.4 Zona de Consulta CED	
A.3.5 Zona de Consulta e Leitura CED	
A.3.6 Instalações Sanitárias	
A.4.1 Zona de Leitura e Estudo CED	

MAPA DE CORES E MATERIAIS

TECTOS	
Tco	Tecto com a cobertura à vista
TB	Tecto Branco NCS 1005-Y30R
TC	Tecto Cinzento NCS 6502-Y
PAREDES	
NCS 4550-Y30R	NCS 2070-Y80R
NCS 1002-Y50R	NCS 1005-Y30R
NCS 2020-Y40R	NCS 6502-Y
PAVIMENTOS	
	Pavimento em Madeira de Pinho de Riga Velha
	Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studiofima', Padrão 1 (P1) ref. 10185 B + GL + Faixa Lisa cor Cinzento Ref. GL (40 x 40)
	Pavimento em mosaicos hidráulicos tipo 'Studiofima', Padrão 2 (P2) ref. 10185 B + RB + Faixa Lisa cor Vermelho Escuro Ref. RB (40 x 40)
	Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studiofima', liso, cor Cinzento ref. GL (20 x 20)
	Pavimento em ladrilhos hidráulicos tipo 'Studiofima', liso, cor Vermelho Escuro ref. RB (20 x 20)
	Pavimento em alcatifa tipo 'Forbo Flotex', padrão 'Penang', ref. 382037, cor Grey
	Pavimento em Pedra de Basalto
	Pavimento em Pedra de Calcário
	Soleira em Pedra de Lioz

